

Luis de La Palma

A PAIXÃO DO SENHOR

A obra *A Paixão do Senhor*, escrita no século XVII, é um dos grandes clássicos da espiritualidade cristã. Livro de cabeceira de grandes santos, talvez o maior relato da Paixão de Cristo de todos os tempos.

Seu autor, Pe. Luis De La Palma, retrata com maestria e impressionante interioridade os momentos finais da vida terrena de Nosso Senhor Jesus Cristo. Demonstra como o Senhor, verdadeiro Deus, viveu em sua Humanidade Santíssima o sacrifício redentor para nossa salvação.

Essa obra é imprescindível para todos aqueles que desejam meditar na *Passio Domini*, para aqueles que queiram viver junto com o Senhor o mistério de sua entrega redentora por nós.

Padre Luis de la Palma nasceu em Toledo, Espanha em 1560. Entrou na Companhia de Jesus com quinze anos - escreveu A Paixão do Senhor aos sessenta e quatro anos. Após uma vida fecunda e extensos trabalhos na Companhia, onde exerceu vários cargos de governo, morreu em Madri em 1641.

APRESENTAÇÃO	9
Passio Domini	9
PREFÁCIO	11
Após a ressurreição de Lázaro	11
Domingo de Ramos a Quarta-Feira Santa	14
O Conselho reunido contra o Senhor	19

QUINTA-FEIRA SANTA

Jesus chega a Jerusalém para celebrar a Páscoa ...	23
O Senhor lava os pés dos apóstolos	26
O Senhor institui o Sacramento da Eucaristia	28
Jesus revela a João quem é o traidor	32
Jesus despede-se de sua Mãe	34
O Senhor caminha para o Horto das Oliveiras	39
O Senhor busca a consolação em seus discípulos ..	42
A tristeza de Jesus Cristo	44
O valor infinito de sua doação	48
A oração no Horto.....	53
Gotas de Sangue.....	56

Jesus é preso	58
O Senhor é entregue aos pontífices	64
O Senhor é condenado	70
As negações de Pedro	74
Cristo padeceu por amor aos homens	82

SEXTA-FEIRA SANTA

Jesus é entregue a Pilatos	94
Judas enforca-se	95
Jesus diante de Pilatos	99
Jesus é levado a Herodes	107
Pilatos novamente julga Jesus inocente	112
Jesus é preterido a Barrabás	114
Pilatos manda açoitar Jesus	117
Os soldados ultrajam Jesus	122
Ecce Homo!	129
Pilatos conversa outra vez com Jesus	134
Jesus é condenado à morte	139
Jesus carrega a cruz	145
Jesus encontra sua Mãe	151
O Calvário	154
A crucificação do Senhor	156
Jesus é crucificado entre dois ladrões	159
Os judeus e os romanos	164
escarnecem de Jesus	164
O exemplo da cruz	168

Jesus diante do Pai	174
Pai, perdoa-lhes	175
Hoje estarás comigo no paraíso	177
As trevas cobriram toda a terra	180
A Virgem Maria se aproxima da cruz	181
Eis aí tua mãe	184
Jesus morreu por cada um de nós	187
Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? ..	188
Tenho sede	195
Tudo está consumado	197
Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito	203
Após a morte do Senhor	207
Abriu-lhe o lado com uma lança	213
Jorrou sangue e água	217
Jesus é tirado da cruz	221
Jesus é sepultado.....	226
Jesus desce à mansão dos mortos	231

SÁBADO SANTO

A Virgem Maria espera a ressurreição	238
--------------------------------------------	-----

PASSIO DOMINI

*E*ste clássico da espiritualidade cristã de autoria do Pe. Luis de La Palma (o escrito original data de 1624), atravessa os tempos conservando a capacidade de levar-nos a mergulhar na entrega de Jesus por nós, atingindo uma compreensão mais profunda e objetiva deste Santíssimo Mistério, que impulsiona à conversão.

Certo é que a Paixão do Senhor (Passio Domini no Latim) é o ponto mais alto, o cume da História da Salvação.

O Sacrifício cruento de Nosso Senhor Jesus Cristo no Calvário é a prova mais incontestável do infinito Amor de Deus pela humanidade: *"De tal modo Deus amou o mundo, que deu seu Filho Único para o salvar"* (Jo 3,16).

Durante praticamente os últimos 20 séculos, a Santa Igreja continua celebrando a Paixão do Senhor, em seus altares, onde o Mistério do Cristo Crucificado, Morto e Ressuscitado se perpetua e atualiza-se.

A autêntica Fé Católica sempre nos recorda que, para redenção de nossos pecados e conseqüente salvação, é que Cristo Nosso Senhor, sofreu Sua Santíssima Paixão

— Passio Domini.

Improvável será estimado leitor, terminar a leitura desta magnífica obra, sem reavivar seu amor pelo Santo Sacrifício da Missa, enfim, por Nosso Redentor.

PE. WANDER DE JESUS MAIA

APÓS A RESSURREIÇÃO DE LÁZARO

O acontecimento mais sublime e divino que ocorreu desde a Criação foi, sem dúvida, a Paixão e Morte com que o Nosso Senhor Jesus Cristo finalizou sua vida e a sua mensagem. Viveu, padeceu e morreu para resgatar os seres humanos dos pecados e dar graça e salvação eterna. É tão grande o mistério, tanto pela razão como pela entrega, que de qualquer lado que se olhe nunca poderá haver nada igual até o final dos tempos.

Para entender os motivos que levaram os príncipes dos sacerdotes e os escribas a entregar um homem que, sem dúvida alguma, foi um grande profeta e passou fazendo o bem é apropriado uma breve explicação.

A ressurreição de Lázaro foi um milagre insofismável e muitos *Creram nele* (Jo 11, 45), mas a luz cegou outros judeus que, movidos pela inveja, foram a Jerusalém murmurar e delatar o ocorrido em Betânia.

Os príncipes dos sacerdotes e os escribas decidiram em conselho por fim a ação do Senhor, temendo que o povo acreditasse nele. Previam com isso uma grande

rebelião popular que acarretaria em represália dos romanos a destruição da cidade e do Templo.

Por medo e dissimulando a inveja e o ódio que tinham pelo Senhor, usando falsos motivos decidiram matar Jesus; somente assim conseguiriam acabar com os milagres. Caifás proclamou a decisão que o conselho havia tomado:

Convém que um só homem morra em lugar do povo (Jo 18, 14). E ele não disse isso por si mesmo, mas, como era o sumo sacerdote daquele ano, profetizava que Jesus havia de morrer pela nação, e não somente pela nação, mas também para que fossem reconduzidos à unidade os filhos de Deus dispersos. E desde aquele momento resolveram tirar-lhe a vida (Jo 11, 51-53); como se fosse um marginal, os sumos sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para que todo aquele que soubesse onde ele estava o denunciasse, para o prenderem (Jo 11, 57).

Primeiro deram a sentença e depois formaram o processo. Sentença de morte, mesmo estando o réu ausente, desconhecendo as acusações e não sendo ouvida a defesa que tinha direito. O verdadeiro motivo para tudo isso, era a inveja e o medo de perder os privilégios econômicos, políticos e religiosos que possuíam. Fica evidente a perversidade destes “juízes”.

O processo foi uma farsa: forçaram as testemunhas a depor sobre os discípulos e a doutrina propagada, de modo

que coincidissem com a sentença pré-estabelecida. Acontece o mesmo com muitos de nossos atos, nascem da falta de retidão e depois procuramos um modo de legitimá-la.

Jesus, ao tomar conhecimento da ordem de prisão e de que qualquer pessoa poderia e deveria denunciá-lo, *já não andava em público entre os judeus. Retirou-se para uma região vizinha do deserto, a uma cidade chamada Efraim, e ali se detinha com seus discípulos* (Jo 11, 54). Tudo isso para que o tempo estabelecido por Deus se cumprisse. Nestes dias o Senhor meditava com a proximidade da morte. Vendo como os discípulos estavam abatidos, animou-os falando do céu e da fé que deveriam ter. O cristão deve estar sempre preparado para morrer.

Chegado o momento, Jesus deixou Efraim em direção a Cidade Santa para padecer e morrer. Viajava com tamanha decisão e rapidez *adiante deles* que os discípulos *estavam perturbados e o seguiam com medo* (Mc 10, 32).

Durante o percurso, reuniu particularmente os doze apóstolos e revelou que em Jerusalém receberia toda forma de humilhação, ofensa, tormento e que morreria.

Depois disso escutou o pedido vindo da mãe dos filhos de Zebedeu: os dois melhores lugares no Reino dos Céus para eles.

Foram caminhando e chegaram a Jericó, onde recuperou a vista de um cego que implorava em alto brado. Acenou para que Zaqueu o recebesse na sua casa; com sua

presença entrou a salvação naquela casa e aquele publicano se converteu (cf. Lc 19, 9). *Ao sair de Jericó uma grande multidão o seguia* (Mt 20, 29); dois cegos, que estavam no caminho, perceberam sua passagem e suplicaram por compaixão e foram curados. A caminho de da Paixão, por onde passava, compadecia-se de todos e deixava o sinal da Divindade com curas e milagres.

Seis dias antes da Páscoa (Jo 12, 1), no Sábado, chegou a Betânia. Tinha por costume instalar-se na cidade, pois possuía muitos amigos e após o milagre da ressurreição de Lázaro, muitos gostariam de hospedá-lo.

DOMINGO DE RAMOS A QUARTA-FEIRA SANTA

No dia seguinte, Domingo, foi a Jerusalém onde foi recebido com ramos e aclamado como filho de Davi. *A multidão, pois, que se achava com ele, quando chamara Lázaro do sepulcro e o ressuscitara, aclamava-o* (Jo 12, 17). Aproximando-se à entrada, *contemplou Jerusalém e chorou sobre ela* (Lc 19, 41), por não ter reconhecido o tempo em que tinha sido visitada e profetizou sua destruição como castigo.

Toda a cidade ficou alvoroçada com a entrada solene e todos indagavam: *Quem é este?* (Mt 21, 10). *Os cegos e os coxos vieram a ele no Templo e ele os curou* (Mt 21, 14).

Os sacerdotes e escribas ficaram mais indignados ainda, acusavam-no de aceitar as aclamações de filho de Davi que proviam da boca das crianças e de não fazer calar os que acreditavam que era o Rei de Israel. O Senhor respondeu: *Da boca das crianças e dos pequeninos sai um louvor que confunde* (Sl 8, 3), *digo-vos: se estes se calarem, clamarão as pedras!* (Lc 19, 40). Ao anoitecer voltou para Betânia com os discípulos.

Na manhã seguinte, segunda-feira, retornou a Jerusalém. Estando com fome viu uma figueira verde e cheia de folhas no caminho, aproximou-se e só encontrou folhas. Então disse à figueira: *Jamais alguém coma fruto de ti! E os discípulos ouviram esta maldição* (Mc 11, 14). Dentro da cidade foi ao templo e expulsou os que vendiam e compravam, derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas. *Não consentia que ninguém transportasse algum objeto pelo templo* (Mc 11, 16). Contra a força e majestade de Jesus, ninguém pode fazer nada naquele momento. *Os príncipes dos sacerdotes e os escribas ouviram-no e procuravam um modo de o matar. Temiam-no, porque todo o povo se admirava da sua doutrina. Quando já era tarde, saíram da cidade* (Mc 11, 18-19) e foram para o monte das oliveiras (Cf. Lc 21, 37). Depois voltaram novamente para Betânia, que ficava na encosta do monte.

Na manhã de terça-feira, novamente foram à cidade pelo mesmo caminho e os discípulos repararam que a

figueira tinha secado. A maldição da figueira não foi um castigo, pois não era tempo de figos, mas um símbolo da sinagoga, cheio de folhas e exterioridade e que não tinha dado os frutos esperados, por isso também ficaria amaldiçoada e estéril para sempre.

No templo, os escribas, anciãos, sacerdotes e fariseus fizeram muitas perguntas. Entenderam que a figueira os representava e que seriam castigados por isso. Jesus repreendeu-os duramente pela hipocrisia e pelos abusos, e despediu-se com tristes palavras: *Pois bem, a vossa casa vos é deixada deserta. Porque eu vos digo: já não me vereis de hoje em diante, até que digais: Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor* (Mt 23, 38-39). Com isso indicava que o templo ficaria sem habitante e ruiria, e que no dia do Juízo teriam que aceitar, mesmo contra vontade, o seu reinado. Já era tarde quando saiu do templo.

O Senhor deixou o templo entristecido pela dureza de seu povo. Os discípulos aproximaram-se de Jesus e apreciavam a magnitude do templo com suas riquezas. Ele respondeu: *Não ficará aqui pedra sobre pedra: tudo será destruído* (Mt 24, 1). Assentando-se no Monte das Oliveiras, de frente para a cidade, voltaram a perguntar pelos sinais e quando tudo aconteceria. O Senhor explicou tudo e terminou dizendo: *Sabeis que daqui a dois dias será Páscoa, e o filho do homem será traído para ser crucificado* (Mt 26, 2).

Na quarta-feira, o Senhor ficou em Betânia durante o dia todo. À noite prepararam um banquete. Lázaro, testemunho vivo do milagre, era um dos convidados. *Uma grande multidão de judeus veio a saber que Jesus lá estava; e foram não somente por causa de Jesus, mas ainda para ver Lázaro que ele ressuscitara* (Jo 12, 9). Marta e Maria, irmãs de Lázaro, também estavam presentes e demonstravam muito agradecimento ao Senhor, cada uma a seu modo.

Embora a residência pertencesse a Simão, o leproso, Marta servia aos convidados com muita alegria, principalmente ao Senhor.

Maria trouxe um vaso cheio de perfume de nardo puro e valor elevado, uma libra. Para Judas parecia um desperdício, porém Maria achava pouco; mostrando toda gratidão, quebrou o vaso e derramou sobre a cabeça de Jesus, depois *ungiu os pés de Jesus e enxugou-os com seus cabelos. A casa encheu-se do perfume do bálsamo* (Jo 12, 3).

Era costume dos judeus ungirem as sepulturas. Estando próximo de sua morte, Jesus agradeceu todo o amor demonstrado por Maria. Defendendo-a disse:

Porque molestais esta mulher? É uma ação boa o que ela me fez. Derramando esse perfume em meu corpo, ela o fez em vista da minha sepultura. Em verdade vos digo: em toda parte onde for pregado este Evangelho pelo mundo inteiro, será contado em sua memória o que ela fez (Mt 26, 10.12-13).

Judas murmurava por tão grande e aparente desperdício, não percebia nenhum ato de nobreza de Maria para com seu Mestre. Dizia que o valor gasto poderia ajudar os pobres, mas na realidade Judas não se importava com os necessitados, pois era ladrão, tendo a bolsa furtava o que nela lançavam. Por isso preferia vender o perfume e ficar com o dinheiro. Com a teatral preocupação com os pobres, os apóstolos se deixaram enganar e reclamaram também. Nós, também, muitas vezes defendemos o erro por falta de uma reta intenção.

Parece que o rompimento de Judas começou pela cobiça. Furtava o dinheiro comum para o próprio uso. Aos poucos, começou odiar a pessoa e a doutrina de Jesus. Com o coração endurecido, não acreditava em mais nenhum ensinamento ou milagre. Provavelmente foi um dos que reclamaram das palavras que Jesus usou quando prometeu dar o seu próprio corpo e sangue como alimento: *Isto é muito duro! Quem pode admitir?* (Jo 6, 60). Neste mesmo discurso o Senhor havia dito: *Mas há alguns entre vós que não creem... Pois desde o princípio Jesus sabia quais eram os que criam e quem o havia de trair* (Jo 6, 64). Judas permaneceu no grupo, dissimulando a real intenção. Então, Jesus perguntou aos doze: *Quereis vós também retirar-vos?* (Jo 6, 67). Simão Pedro respondeu por todos: *Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus!* (Jo 6, 68-69). O Senhor tentando

persuadir Judas acrescentou: *Não vos escolhi eu todos os doze? Contudo, um de vós é um demônio!...* (Jo 6, 70). Jesus, com carinho e paciência, suportou em segredo a traição.

O CONSELHO REUNIDO CONTRA O SENHOR

Então os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se no pátio do sumo sacerdote, chamado Caifás (Mt 26, 3). Estavam indignados com as palavras duras que o Senhor havia falado. Decidiram prender Jesus depois da Páscoa, para não chamar a atenção do povo. Como Jerusalém estaria cheia de peregrinos procedentes de todas as partes, muitos dos quais haviam recebido graças de Jesus, era perigoso prendê-lo nestes dias, poderia haver uma revolta popular. Mas tudo aconteceu de maneira oposta: usaram de violência e o mataram. Judas pode ter sido o motivo da mudança de plano. Entretanto os planos dos homens nada são perto dos desígnios de Deus.

Judas não compartilhava mais dos mesmos ideais do grupo, sentia-se como um inimigo de Cristo. Após o banquete em Betânia estava preocupado, pois tinha conhecimento que os fariseus queriam eliminar Jesus, era perigoso ser um discípulo. Sendo assim procurou os príncipes dos sacerdotes e ofereceu-se para entregá-lo. Desta maneira ganhava dinheiro e poderosos amigos.

Eles se alegraram (Lc 22, 5), porque Judas era um discípulo. Ficou combinado o preço de trinta moedas de prata, valor que o traidor achou justo *e desde aquele instante, procurava uma ocasião favorável para entregar Jesus* (Mt 26, 16).

Jesus Cristo sempre esteve com o domínio da situação, entregou-se para morrer porque desejava. Chegou a Jerusalém no Domingo de Ramos e nos dias subsequentes foi de Betânia para Jerusalém em várias ocasiões. Quanto mais próximo estava o momento da entrega, mais se aproximava do local da Paixão. Chegando o momento, anuncia aos discípulos a morte humilhante e o início da Redenção: *Sabeis que daqui a dois dias será Páscoa, e o Filho do homem será traído para ser crucificado* (Mt 26, 2).

Esta foi uma síntese, para entender e meditar com mais profundidade a Sagrada Paixão de Jesus Cristo.

QUINTA-FEIRA SANTA

Pela manhã de quinta-feira, primeiro dia dos pães ázimos, estando Jesus em Betânia ou provavelmente a caminho de Jerusalém, os discípulos perguntaram onde celebrariam a Páscoa. O Senhor encarregou Pedro e João dos preparativos: *Ide à cidade, à casa de um tal, e dizei-lhe: O Mestre manda dizer-te: Meu tempo está próximo. É em tua casa que celebrarei a Páscoa com meus discípulos* (Mt 26, 18). *Ele vos mostrará no andar superior uma grande sala mobiliada, e ali fazei os preparativos* (Lc 22, 12-13). Os dois discípulos obedeceram e aconteceu tudo como Jesus havia dito; assim a ceia foi preparada na casa daquele homem bem-aventurado.

JESUS CHEGA A JERUSALÉM PARA CELEBRAR A PÁSCOA

Chegando o Senhor com os outros discípulos a Jerusalém, foram na casa do amigo que o estava esperando. Encontraram tudo preparado: o cordeiro, as ervas amargas, os pães sem fermento e tudo que era necessário para

celebrar a Páscoa. O Senhor iniciou a cerimônia na hora indicada: sacrificaram o cordeiro e assaram-no, aspergiram com sangue a soleira da casa e a seguir o Senhor calçou as sandálias, cingiu as vestes e ficou de pé, os apóstolos fizeram o mesmo. Depois comeram rapidamente, como que de passagem, o cordeiro, o pão sem fermento e as ervas amargas. Os judeus faziam tudo isto em memória da libertação e saída do Egito. Para nós, um símbolo da libertação do pecado que haveríamos de conseguir, graças ao sangue derramado por Jesus Cristo. Neste momento, o Senhor dava início a sua Paixão.

Concluída a cerimônia, assentaram-se para a ceia habitual. Enquanto comiam, o Senhor com toda ternura manifestou o grande amor que sentia pelos apóstolos, dizendo como tinha desejado cear com eles antes de morrer: *Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de sofrer* (Lc 22, 15). Aconteceria um mistério grandioso naquela ceia, que somente o infinito desejo do Filho de Deus poderia realizar. Contou que aquela era a última ceia e que não voltaria a cear com eles, até que estivessem juntos no Banquete Celestial.

E vós tendes permanecido comigo nas minhas provações, por isso estareis junto de mim quando eu triunfar: pois, disponho do Reino a vosso favor, assim como meu Pai o dispôs a meu favor, para que comais e bebais à

minha mesa no meu Reino e vos senteis em tronos, para julgar as doze tribos de Israel (Lc 22, 28-30).

Consolando os apóstolos porque ficariam órfãos, o Senhor prometia uma grande herança depois da morte.

Judas continuava entre eles dissimulando a traição. Com toda misericórdia, o Senhor comia no mesmo prato, com um homem que pensava somente no momento de entregá-lo. O Senhor conhecendo o segredo, tentou abrandar-lhe o coração com um lamento: *Em verdade vos digo: um de vós me há de trair* (Mt 26, 21). Ao ouvirem isto, todos começaram a ficar desolados e se olhavam assustados. Mesmo estando com a consciência limpa, cada um perguntava com humildade: *Porventura sou eu?* (Mc 14, 19).

Estavam treze à mesa e molhavam o pão no mesmo prato, três ou quatro pessoas ao mesmo tempo. Os apóstolos queriam saber quem era o traidor e assim acabar com a suspeita e o temor entre eles. O Senhor, porém, queria salvar Judas e não revelou completamente o segredo, para que o ódio dos seus companheiros não o levasse à perdição total. Jesus, pelo contrário, acentuou mais a amizade que Judas desprezava com sua traição: *Em verdade vos digo, aquele que há de me vender não só está à mesa comigo, como também pôs comigo a mão no prato* (Mt 26, 23). O Filho do Homem segue o caminho da cruz por vontade própria, por obediência ao Pai e assim salvar os homens, *mas ai*

daquele homem por quem o Filho do Homem é traído! O traidor pensa que triunfa e que ganhará amigos e dinheiro, mas na realidade caminha em direção ao tormento eterno que seria melhor para esse homem que jamais tivesse nascido! (Mt 26, 24).

Descoberto pelo sinal de molhar o pão no prato, Judas sem nenhum embaraço perguntou: *Mestre, serei eu?* (Mt 26, 25). O Senhor com voz baixa, para que os outros não ouvissem, respondeu: Tu o disseste, que quer dizer sim, segundo o modo de falar dos hebreus.

O SENHOR LAVA OS PÉS DOS APÓSTOLOS

Era noite de Quinta-feira, antes do dia solene da Páscoa. Jesus sabia que tinha chegado a hora, e que ao morrer voltaria à casa do Pai. Terminada a ceia, com Judas decidido a vendê-lo, Ele, Filho único de Deus, cheio de carinho e de amor para com os seus, *levantou-se da mesa, depôs a sua veste e, pegando duma toalha, cingiu-se com ela. Em seguida, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos (Jo 13, 4-5).*

Grande exemplo de humildade e de amor o Senhor deixou. O amor nunca considera menor qualquer trabalho, por mais humilde que seja. O Senhor, *aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo (Fl 2, 7),* não tendo

repulsa em lavar os pés dos apóstolos. Depois lavaria com seu sangue os nossos pecados.

Começou com Pedro, a quem deu o primeiro lugar como chefe dos apóstolos. Assim deve começar a limpeza e reforma dos costumes, pelos que presidem. Pedro, ao ver um acontecimento tão incomum, negou-se com a veemência costumeira: *Senhor, queres lavar-me os pés!...* (Jo 13, 6).

O Senhor insistiu, pois embora a negativa de Pedro nascesse por respeito, também era devido à ignorância; não sabia que o Senhor pretendia com isso, traduzir a necessidade de limpeza interior, antes de receber o Corpo e o Sangue que seria dado pouco depois. Somente o Senhor pode lavar nossos pecados. Tudo isto queria o Mestre ensinar a Pedro, que via somente as aparências; com isso Jesus respondeu: *O que faço não compreendes agora* (Jo 13, 7).

Pedro continuou obstinado com a teimosia, pensando que a única razão era dar um exemplo de humildade, assim não consentiria que o Senhor se humilhasse a seus pés e respondeu energicamente: *jamais me lavarás os pés!...* (Jo 13, 8). Diante da teimosia de Pedro, aquele que lavaria todos os pecados, respondeu com firmeza: *Se eu não te lavar, não terás parte comigo* (Jo 13, 8).

Ficou claro que a negativa de Pedro nascia inteiramente do respeito e da humildade. Ao entender a importância da limpeza, ofereceu-se para que fossem lavados não só os pés, mas também as mãos e a cabeça. O Senhor

respondeu: *Aquele que tomou banho não tem necessidade de lavar-se; está inteiramente puro* (Jo 13, 10). Uma pessoa pode estar limpa de pecados mortais, entretanto sempre restarão pecados veniais; é necessário, então, que se lave e se purifique para receber o Corpo e o Sangue de Cristo através do sacramento da penitência.

O Senhor tinha cravado no coração a perdição de Judas, com muita compaixão, pensando que Judas poderia se arrepender acrescentou: Vós estais limpos, mas não todos.

Depois de ouvir o que o Senhor tinha respondido a Pedro, todos deixaram lavar os pés e não houve a mínima resistência.

O Senhor deixou um ensinamento: devemos fazer com os nossos irmãos, a mesma coisa que Ele fez conosco.

O SENHOR INSTITUI O SACRAMENTO DA EUCARISTIA

Tinha chegado à hora em que Jesus Cristo, Nosso Senhor, Sumo e Eterno Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, ofereceria o Corpo e o Sangue em sacrifício. Com isso reconciliaria a humanidade com Deus. O Corpo e Sangue que seriam sacrificados na cruz ficariam perpetuamente entre nós, sob a aparência de pão e de

vinho, a fim de ser nosso sacrifício limpo e agradável a Deus.

Jesus Cristo está realmente no Sacramento da Eucaristia, fornecendo a cada um, o seu Corpo como verdadeira comida e o seu Sangue como verdadeira bebida. Por amor, Jesus deixou o alimento que fortalece a nossa esperança, desperta a nossa memória, acompanha a nossa solidão, socorre as nossas necessidades. A Eucaristia é testemunho de salvação e realização das promessas contidas na Nova Aliança. Preocupado com o futuro da Igreja e às portas da paixão e morte, não fazia outra coisa senão rezar e ordenar tudo de modo que nunca faltasse o Alimento eucarístico até o final dos tempos.

Os apóstolos estavam todos atentos, para ver o que aconteceria na nova cerimônia. O Senhor vestiu a túnica que tinha tirado, sentou-se outra vez à mesa e, como se fosse começar uma nova ceia, mandou os apóstolos reclinarem com Ele.

Vistes o que Eu fiz convosco. Chamais-me Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque o sou; se Eu, pois, sendo Mestre e Senhor, vos lavei os pés, vós ficais obrigados a fazer o mesmo, com caridade e humildade, por difícil que vos pareça e ainda que vos desprezem. Porque Eu dei-vos o exemplo, para que, como Eu vos fiz, assim façais vós também; porque o servo não é mais que seu senhor, nem o enviado é maior do que

aquele que o enviou. Se compreenderdes bem estas coisas, sereis felizes se as praticardes (Jo 13, 12-17).

O Senhor não perdia nenhuma ocasião para demonstrar a Judas a tristeza que causava a traição, queria mostrar que não partiria enganado para a morte, mas porque queria: *Disse-vos que sereis felizes, mas não digo de todos, porque conheço bem os que escolhi. De qualquer forma há de cumprir-se a Escritura: o que come à minha mesa há de me trair. Digo isto agora e com tempo, antes que aconteça, para que, quando o virdes cumprido, acrediteis no que vos disse que sou (Jo 13, 18-19).*

Todos olhavam surpresos, notando no seu rosto e na sua atitude que faria algo grande e fora do comum. O Senhor tomou o pão ázimo, daqueles que tinham sobrado da primeira ceia, levantou os olhos ao céu para seu Pai, para que vissem que d'Ele vinha o poder de realizar uma obra tão grande. Deu graças por todos os benefícios que tinha recebido e, especialmente, por aquilo que naquele momento realizava por todos. Sagrou o pão com palavras novas, a fim de preparar os apóstolos para a grandiosa novidade. Partiu o pão de modo que todos pudessem comê-lo e consagrou-o com as suas palavras. O Pão converteu-se no seu Corpo, continuava com aparência e sabor de pão, mas agora era o seu próprio Corpo que estava presente. As palavras com que consagrou o pão davam a

entender claramente qual era a comida que lhes dava: *Tomai e comei, isto que vos dou é meu Corpo, o mesmo que há de ser entregue na cruz por vós e pela salvação do mundo.* Deu a cada um o pão consagrado e todos o tomaram e comeram. Sabiam o que realmente estava acontecendo, porque o Salvador disse com palavras bem claras.

Havia sobre a mesa um cálice de vinho misturado com um pouco de água. Tomou o Senhor o cálice em suas mãos, deu graças ao Pai, santificou com uma nova benção, consagrou-o com suas palavras e aquele vinho converteu-se no seu Sangue. Aquele mesmo sangue que corria pelas suas veias, estava realmente presente também naquela taça. As palavras com que tinha consagrado o vinho foram tão claras que os apóstolos entenderam bem o que lhes dava a beber: *Bebei todos deste cálice, porque este é o meu Sangue com o que confirmo a Nova Aliança; o mesmo Sangue que derramarei por vós na cruz para que vos sejam perdoados os pecados.*

O Senhor pretendia que o Sacrifício perdurasse na Igreja até o final dos tempos, por isso também deu o poder de consagrar o Vinho e o Pão aos apóstolos, e que esse poder fosse transmitido até sua volta, quando julgará o mundo. Ordenou expressamente que quantas vezes se celebrasse o sacrifício, o fizessem em sua memória. Deixava entre os homens um legado valiosíssimo: o seu Corpo e o seu Sangue, e todos os tesouros da graça que mereceu com a Paixão. Deste modo, perpetuava sua presença entre nós.

O Pão eucarístico está destinado ao sustento dos homens que vão como peregrinos pelo mundo. É tão grande e forte o fogo do seu amor, que faz os homens santos. As palavras divinas devem ser recebidas com fé e com todo o agradecimento, porque foi o próprio Senhor quem disse: *Tomai e comei, isto é o meu corpo. Bebei todos deste cálice que é o meu sangue.*

Como poderemos retribuir o grande benefício? Com todo afeto do coração, dizendo: Veja Senhor, este é o meu corpo; ofereço na dor, na doença, no cansaço, na fadiga e na penitência; este é o meu sangue, ofereço para sua glória; esta é minha alma que quer obedecer em tudo a sua vontade.

JESUS REVELA A JOÃO QUEM É O TRAIADOR

Depois de tudo isso, o Senhor ao ver que a morte se aproximava e que Judas persistia na obstinação, entristeceu-se ainda mais e cheio de angústia, repetiu: *Em verdade, em verdade vos digo: um de vós me há de trair!* (Jo 13, 21). Judas continuou com seu perverso propósito. Não foi suficiente que Jesus Cristo o fizesse ver que conhecia a traição e nem os repetidos apelos. Ele não se comoveu diante do Mestre ajoelhado aos seus pés, continuou conversando e comendo. Judas recebeu até o Sacramento

do Corpo e Sangue do Senhor. Por isso, Jesus tão perto daquele homem ingrato e obstinado, repetiu oprimido pela tristeza: *Em verdade, em verdade vos digo que um de vós me há de entregar*. Como não dizia o nome, todos se assustavam e continuavam olhando uns para os outros para ver a quem se referia. A consciência não os acusava, mas acreditavam mais no Senhor do que na própria retidão, reconheciam que como homens podiam facilmente mudar e cair.

Com a costumeira impetuosidade, Pedro estava ansioso para descobrir o inimigo, para despedaçá-lo se pudesse com as próprias mãos. Não se atrevia a perguntar diretamente ao Senhor, por outro lado não podia suportar mais tempo aquela dúvida. Sabia do carinho especial que o Senhor mostrava por João. Como era fácil para João perguntar sem chamar a atenção, fez um sinal do seu lugar para que perguntasse a quem se referia. João estava reclinado sobre o peito de Jesus e perguntou quem era. O Senhor respondeu em voz baixa, somente João ouviu: *É aquele a quem Eu der o pão embebido* (Jo 13, 26). Tomou o pedaço de pão, molhou-o e deu a Judas. Aquele gesto foi para João a resposta, mas para Judas outra prova de afeição. Jesus queria abrandar o coração e tentar mudar a perversa intenção do traidor.

Porém, aquele que estava fora da graça, por culpa própria, piorava sempre com os auxílios que o Senhor fornecia. Judas comeu o pedaço de pão e, depois disso, Satanás

entrou na sua alma. O Demônio tinha-o induzido a que entregasse o Mestre, mas agora se apossando dele com mais força, instigou-o para que executasse imediatamente o plano maligno. O Senhor, ao vê-lo cego e fora de si, disse calmamente: *O que queres fazer, faze-o depressa* (Jo 13, 27). Ninguém, exceto João, entendeu o verdadeiro sentido das palavras. Imaginaram, uma vez que Judas tinha a seu cargo a bolsa e os gastos comuns, que o Senhor o mandava comprar alguma coisa ou dar algo aos pobres como de costume. O Senhor não o aconselhava para que fizesse uma maldade tão grande, pelo contrário, mostrava que conhecia sua intenção. O desejo de padecer por amor era infinitamente maior que o ódio e o desejo que Judas tinha de entregá-lo, por isso não o impediu. Logo que Judas comeu o bocado e ouviu o que o Senhor dizia, movido por Satanás, saiu imediatamente da sala e daquela casa onde estava Jesus, para nunca mais voltar para junto d'Ele. Era noite quando Judas saiu.

JESUS DESPEDE-SE DE SUA MÃE

A Virgem Maria conhecia a razão pela qual o Filho de Deus se tinha feito homem nas suas entranhas. Sabia que era para redimir os homens e que, por isso, sofreria um tormento cruel e derramaria o sangue na cruz. Sabia pelo que tinha lido e meditado na Sagrada Escritura, ainda antes

do Filho encarnar. Sabia também pela profecia do velho Simeão, quando ela e José apresentaram Jesus no Templo e, além disso, soube graças às frequentes conversas que tinha tido com seu Filho. Naquelas longas conversas a sós com ela, Jesus explicava a Escritura e mostrava a necessidade de padecer antes de entrar na sua glória.

O Senhor avisou várias vezes os discípulos e, com muito mais razão, avisou sua Mãe, porque nela com certeza encontraria consolação e descanso. Os discípulos não entendiam o mistério e o Senhor não encontrava neles consolação. Na primeira vez que anunciou, quiseram convencê-lo de que não devia padecer; assim agiu Pedro.

Quando voltou a anunciar sua morte, já próxima, os apóstolos viram que Senhor estava disposto a padecer e não havia mais esperança de o impedirem, ficaram tristes e assustados. Depois, enquanto rezava no Horto das Oliveiras e eles estavam prevenidos e repetidamente avisados, ao vê-lo naquela agonia e que procurava consolar-se com eles, encontrou-os adormecidos pela tristeza. O Senhor não podia encontrar neles descanso; umas vezes tinha de repreender o zelo imprudente, outras animar a debilidade com uma consolação; outras vezes tinha de exortá-los com sua doutrina e fortalecê-los contra a tentação. Se, apesar disso, o Senhor insistia em confiar-lhes a sua dor e buscar alívio onde encontrava tão pouca resposta, como não o faria também com sua Mãe? Com

Maria podia revelar suas preocupações e tristezas, porque nela encontra consolação. Contaria as calúnias e as invejas, o ódio e a perseguição que vinha sofrendo; revelaria como tudo terminaria no meio daquela tempestade e tormenta e que no fim morreria afogado entre as ondas (cf. Sl 68, 3). Muitas vezes falaria com sua Mãe destas coisas, procurando alívio. Ela entendia profundamente o mistério e aceitava plenamente conformada, sentia com toda ternura e oferecia a sua dor cheia de fé, porque o seu coração é semelhante e muito unido com o coração do Filho.

Sempre que a Virgem Maria pensava na Paixão de Jesus, sentia pela experiência, o que Simeão tinha profetizado: *E uma espada transpassará a tua alma* (Lc 2, 35). Todas as vezes que encontrava seu Filho, vinham à mente os tormentos que sofreria em cada um dos seus membros; imaginava a cabeça coroada de espinhos, o rosto esbofeteado, as costas sangrando pelos açoites, os pés e as mãos cravados, o seu peito ferido pela lança... Ao abraçá-lo, abraçava, juntos no seu coração, o seu corpo e aquelas torturas, e dizia: *Meu bem amado é para mim um saquitel de mirra, que repousa entre meus seios* (Ct 1, 13).

Despertava na Virgem um grande e cada vez mais ardente amor. Pela luz do Espírito Santo conhecia bem a Majestade de Deus, a maldade dos homens e a amargura da dor que padeceria por eles. *Conservava todas estas coisas no seu coração* e dava-se conta da grandeza do amor

de Deus e dos imensos benefícios que fazia a todos os homens. A este conhecimento correspondia na sua humildade, com profundo agradecimento a Deus, com um ardente amor pelos homens a quem Deus havia amado tanto, que entregava o próprio Filho. Ela também, estimulada pela generosidade divina, desejava entregar-se inteiramente à salvação dos pecadores.

Nossa Mãe nunca se cansará de interceder por nós, nisto está a nossa esperança, pois para nosso bem, quis que se realizasse a missão para qual seu Filho veio ao mundo: derramar o seu Sangue, preço da nossa redenção.

Estava a Virgem Maria prevenida, tinha meditado continuamente na Paixão do seu Filho, por isso veio a Jerusalém sabendo que naquela noite seu Filho seria entregue à morte. Entrou com as outras mulheres que normalmente acompanhavam Jesus, na mesma casa onde seu Filho celebraria a Páscoa. Embora em outro compartimento, inteirava-se do que o Senhor fazia, dizia e ordenava. Preparou a ceia como tantas outras vezes tinha feito. Que espécie de trabalho seria duro para ela, se o seu próprio Filho lavava os pés dos seus apóstolos? Soube como seu Filho dava a comer seu Corpo e a beber seu Sangue, e que transmitia a eles o poder de repetir este Sacramento, para que durasse até o fim dos tempos. Mais do que nenhuma outra pessoa, compreendeu a profundidade deste mistério; avaliou e agradeceu a grandeza deste benefício.

O Senhor levantou-se com firme resolução; os apóstolos fizeram o mesmo; juntos deram graças a Deus e cantaram como de costume no fim da ceia. A isso parece referir-se o Evangelho: *Depois do canto dos Salmos (Mt 26, 30)* saíram. Este hino constava de sete salmos completos e começava com o salmo 112: *Louvai, ó servos do Senhor...* e terminava com o salmo 118: *Felizes aqueles cuja vida é pura...* Nesta longa noite de ansiedade, cantando o Senhor deu graças a seu Eterno Pai. Verdadeiro exemplo de agradecimento, fidelidade e obediência ao que a lei ordenava: *Comerás à saciedade, e bendirás o Senhor, teu Deus, pela boa terra que te deu (Dt 8, 10).*

A Virgem Maria, ao ver o seu Filho de pé, retirou-se para esperar a sós o último abraço, a última despedida que tanto esforço custava. Viu-o aparecer com a tranquilidade de sempre, o rosto estava caloroso pela conversa depois da ceia e pela comoção interior que sentia.

Diante dela, com amor que sentia este Filho por esta Mãe, disse: *Mãe, não venho dizer nada que já não saiba, venho despedir-me para o que já sabe. Consolei-me muitas vezes falando disto com a senhora. Dá graças a Deus, Mãe, porque recebeu a felicidade de ter um Filho que vai morrer pela justiça de Deus, e fazê-los seus filhos. Anime-se que o fruto é grande, tudo passará depressa; depois voltaremos a nos encontrar, imortal e cheio de glória. Ao fazer isto, cumpro a vontade do Pai. Se a senhora ficar um pouco mais consolada, partirei*

mais aliviado. Tenho pressa, Mãe; desejo sua bênção e um abraço.

As lágrimas corriam pela face da Virgem. O coração se partia de dor pelo esforço constante, por obedecer e amar o que Deus dispunha. Era grande o seu amor, pois pode oferecer o Filho que tanto amava, pela glória de Deus e pela salvação dos homens.

A Virgem Maria provavelmente respondeu: *Meu Filho, que seja o Pai do céu quem dê a bênção. Eu sou a escrava do Senhor, que se cumpra em mim a sua vontade.*

O Senhor comoveu-se e chorou ao ver as lágrimas de sua Mãe. Ambos calados, deixando falar somente o coração, se abraçaram e, em silêncio, se separaram. Ela seguiu-o com o olhar até perdê-lo de vista. E ficou sozinha.¹

O SENHOR CAMINHA PARA O HORTO DAS OLIVEIRAS

O Senhor se reuniu com os discípulos que o esperavam, e acompanhado por eles, saiu de casa. Era noite. Deixou para trás a ingrata cidade que não o tinha reconhecido e subiu em direção ao Monte das Oliveiras, do outro lado da torrente do Cedron, onde costumava rezar

1. A despedida de Jesus e Maria não é narrada nos Evangelhos, todavia é bem verossímil que tenha acontecido.

de noite. Enquanto caminhava, olhando a todos, disse: *Todos vós vos escandalizareis de mim esta noite, e fugireis, e me deixareis sozinho quando virdes o que me vai acontecer.* O Senhor falava sobre o que fazia sofrer o seu coração; mostrava antecipadamente, como verdadeiro Deus, o que havia de acontecer. Para animá-los dizia que morreria por sua própria vontade e voltaria para perdoá-los, pois sabia o que iria acontecer, que não ficaria surpreso por se escandalizarem e fugirem. Há muito tempo o Profeta Zacarias profetizou: *Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho serão dispersas.* Jesus contava que se tornariam fugitivos, porém duas coisas iriam consolar: *Eu ressuscitarei ao terceiro dia, e depois de ressuscitado, esperarei por vós na Galiléia, e ali me vereis, e ao ver-me, vos encheis de alegria.*

O Senhor tinha repreendido duas vezes Pedro pela excessiva impetuosidade. Confiava em si mesmo mais do que devia e alardeava diante de todos que nunca abandonaria o Mestre, mesmo se fosse necessário ser preso e morrer. E agora voltava com a mesma suficiência, armado com uma espada para, se necessário, defender o Senhor. Pedro não tinha considerado que Jesus se referia a todos quando disse: *Todos vos escandalizareis de mim.* Pensava que ele era uma exceção; não reparou que Jesus sempre dizia a verdade, nem que ele era fraco. Por isso protestou e disse: *Ainda que todos se escandalizem de ti, eu, porém, nunca!* (Mc 14, 29). Pedro dizia o que sentia. A ele diretamente o

Senhor profetizou: *Em Verdade te digo: hoje, nesta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me terás negado* (Mc 14, 30). Pedro não podia acreditar, parecia que o simples fato de não manifestar a sua determinação de segui-lo até o fim já era uma traição. Por isso insistiu: *Mesmo que seja necessário morrer contigo, jamais te negarei!* (Mt 26, 35). Os outros apóstolos diziam o mesmo, com semelhante vanglória.

Conversando chegaram ao vale profundo e sombrio, chamado Vale do Cedron (cf. 2Rs 23, 4). Na parte mais profunda passava um riacho seco, por isso era chamado também de Torrente do Cedron (cf. Jr 31, 40). Do outro lado da torrente, à esquerda, no declive do Monte das Oliveiras, ficava o Horto do Getsêmani. Por ser um lugar solitário e afastado, o Senhor tinha escolhido muitas vezes para orar. Ao passar pelo vale e pela torrente, os discípulos esforçavam em parecerem corajosos, mas é de supor que estivessem angustiados e com medo. O vale era escuro e a torrente profunda e as árvores frondosas, alongavam-se sombras negras pelos penhascos e concavidades do monte; a solidão e o silêncio eram grandes; a noite estava fechada e era muito tarde. Há muito tempo Judas tinha partido.

Tinham falado de trações, de desonra, de torturas e de morte. O efeito que tudo isto pode produzir, no meio daquela escura solidão, no ânimo de uns homens fracos e indefesos era notório.

Chegando à entrada do horto, Jesus ordenou que ficassem ali. Encarregou-os de velar e que não adormecessem, porque iria fazer suas orações, e para que não caíssem em tentação, que fizessem o mesmo.

O SENHOR BUSCA A CONSOLAÇÃO EM SEUS DISCÍPULOS

Adentrou no horto com Pedro, João e Tiago, mas também *se afastou deles à distância de um tiro de pedra* (Lc 22, 41). O Senhor começou a sentir uma angústia profunda e disse aos três discípulos mais queridos: *Minha alma está triste até a morte* (Mt 26, 38). A tristeza é um sentimento que nasce do pavor ou medo, ante a dor que se está para sofrer. Ambas as coisas, a tristeza e o medo, como se fossem duas pesadas pedras, oprimiram o coração do Senhor até causar angústia. *Começou a ter pavor e angustiar-se* (Mc 14, 33).

O Senhor tinha motivos para estar angustiado e triste. Durante toda a sua vida, sofreu por amor aos homens; mas naquele momento a sua dor era ainda mais forte. É verdade que Jesus Cristo contemplava a Deus com infinita claridade e quem vê Deus desta maneira não sofre nenhuma aflição e goza de uma felicidade sem limites. Mas foi desejo de Deus que Jesus Cristo sofresse para que pudés-

semos ser redimidos; sofreu a dor no seu corpo e sofreu tristeza e angústia na sua alma. Demonstrou que era um verdadeiro homem ao sofrer, ao sentir e ao comover-se. Não foi menos Redentor ao padecer fome, sede, cansaço e fadiga no seu corpo, como também não foi menos Redentor ao padecer tristeza, medo e angústia na sua alma. Quando um homem sofre uma terrível dor física e tem ao seu alcance um remédio eficaz e não o utiliza, dizemos que este homem sofre porque quer. Do mesmo modo, o Senhor podia suprimir imediatamente a dor do seu corpo e da sua alma, mas não usou de seu poder divino, portanto, é certo que sofreu porque desejou. E esse foi, talvez, o desamparo de que se queixou na cruz: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mt 27, 46).

Uma das razões pela qual Jesus Cristo quis sofrer a dor no seu corpo e na sua alma foi para demonstrar que era um verdadeiro homem, com a nossa mesma natureza, que sentia como nós a tortura e os insultos, que não era “de bronze e de pedra” (cf. Jó 6, 12).

Quando sentimos a força das tentações não devemos desanimar e pensar que perdemos a graça de Deus. Estes sentimentos não são pecados, mas manifestações da debilidade natural do homem. O Senhor quis sentir esta fraqueza, fazendo-se igual a nós — exceto no pecado —, para que nós nos fizéssemos iguais a Ele, na fortaleza e na obediência à vontade de Deus. Como diz Santo

Ambrósio: *Não devem ser considerados valentes, os que mais feridas recebem, mas os que mais sofrem por elas.* Quis o Senhor participar como nós das dores do corpo e também das tristezas da alma, porque quanto mais participasse dos nossos males, mais participantes nos faria dos seus bens. *Tomou a minha tristeza — diz Santo Ambrósio — para me dar a sua alegria; com meus passos desceu à morte, para que com os seus passos eu subisse à vida.*

Tomou o Senhor as nossas enfermidades para que fossemos curados, castigou a si mesmo pelos nossos pecados, para que recebêssemos o perdão. Curou a nossa soberba com as suas humilhações; a nossa gula, bebendo fel; a nossa sensualidade, com a sua dor e a sua tristeza.

Por outros motivos que ultrapassam o conhecimento humano, nosso Senhor misericordioso e amoroso, quis ser açoitado, esbofeteado, coroado de espinhos, ter os pés e mãos perfurados, como também permitiu que os enviados das trevas o atormentassem e a tristeza se apoderasse do seu coração.

A TRISTEZA DE JESUS CRISTO

O Senhor teve muitos motivos para ficar triste, e como não quis que fossem atenuados, sofreu uma angústia de morte no coração.

Aquele dia fora exaustivo para Jesus. Havia caminhado de Betânia a Jerusalém, celebrado a ceia pascal, lavado os pés dos apóstolos e instituído o Sacramento da Eucaristia. Tinha conversado durante muito tempo, procurando animá-los e confortá-lo. Disse que eles eram os seus amigos, os escolhidos, os companheiros de suas penas; que deveriam estar mais unidos a Ele que o sarmento à videira; que a dor seria breve e a alegria grande; que enviaria o Espírito Santo, para defendê-los e ensiná-los. Falou também que Ele partiria na frente recebendo no seu corpo as feridas, e eles alcançariam a vitória depois. Disse por último que os deixaria, porque estava voltando para o Pai; que deveriam ficar alegres, porque em breve retornaria.

Sofreu muito por Judas, demonstrou isto várias vezes naquela noite, até o ponto de não poder disfarçar mais a tristeza. Lutando contra a dureza do seu coração, usou leves insinuações, palavras claras e diretas, e mesmo com provas de particular amizade e carinho não conseguiu convencê-lo. Teve tanta dor e desgosto ao ver um amigo se converter em traidor.

Na despedida de sua Mãe, a dor de Maria despedaçou-lhe o coração.

Em todas as ocasiões tinha procurado dominar-se, mostrar confiança e esconder o que se passava no seu íntimo, para confortar os seus e cumprir com o dever

daquela última ceia. Mas a tristeza contida trouxe ainda mais dor quando o Senhor se viu só no horto, longe dos oito discípulos que haviam ficado à entrada; começou a chorar, mostrando toda a sua amargura, desejava aliviar o coração, consolar-se com o amor e a lealdade dos três discípulos mais queridos. E foi a eles que disse: *Minha alma está triste até a morte* (Mt 26, 38).

Sentia grande aflição ao ver a perversidade dos seus inimigos. Do ódio nascia o desejo de o matarem, de inventar injúrias, de o torturarem, de zombarem de sua amargura. Era como se o inimigo triunfasse e Deus o tivesse abandonado. A sensação de ser oprimido pelos inimigos, fazia que clamasse ao Pai em seu auxílio: *Olhai, Senhor, para minha miséria, porque o inimigo se ensoberbece* (Lm 1, 9).

Quando escutarmos o bramido de um touro ou o rugido de um leão, mesmo protegido, ficamos apavorados em imaginar o que poderia acontecer se as feras estivessem soltas; do mesmo modo, podemos pensar na angústia que sentia Jesus, rodeado de tantas pessoas furiosas e com o poder de fazer com ele o que quisessem. O povo escolhido voltou-se ferozmente contra Cristo, assim o profeta indicava: *Meu povo foi para mim qual leão na floresta, a rugir contra mim* (Jr 12, 8).

Em outra profecia, encontramos o ódio dos príncipes dos sacerdotes e do povo: *Cercam-me touros numerosos,*

rodeiam-me touros de Basã; contra mim eles abrem suas fauces, como leão que ruge e arrebatava (SI 21, 13-14).

O Senhor já conhecia os planos de seus algozes. Muito tempo antes o profeta antecipava toda dor e sofrimento: *Instruído pelo Senhor, eu o desvendei. Vós me fizestes conhecer seus intentos. E eu, qual manso cordeiro conduzido à matança, ignorava as maquinações tramadas contra mim* (Jr 11, 18-19).

Sabia também que nenhum amigo o defenderia quando estivesse rodeado pelos inimigos e que sofreria todo tipo de calúnia.

Olho para direita e vejo: não há ninguém que cuide de mim. Não existe para mim refúgio, ninguém que se interesse pela minha vida (SI 141, 5). O desamparo dos amigos o angustiava: *Derramo-me como água, todos os meus ossos se desconjuntam; meu coração tornou-se como cera, e derreteu-se nas minhas entranhas* (SI 21, 15).

Com a proximidade da morte, estava em sua mente toda a dor e tormento que sofreria na cruz. Pensava na injustiça, nos insultos, nas calúnias, nos escárnios e nas agressões que sofreria. O simples fato de imaginar assustava mais que a própria morte. Os condenados tem os olhos vendados para atenuar este sentimento, mas o Senhor não teve nenhum alívio. *Salvai-me, ó Deus, porque as águas me vão submergir* (SI 68, 2).

Imaginava também Pilatos, por medo e respeito humano, enviado-o a Herodes, que o trataria como um louco na frente dos cortesões; depois sendo devolvido a Pilatos, que mandaria açoitá-lo; os soldados colocando em sua cabeça uma coroa de espinhos para zombar de sua realeza; a sentença de morte na cruz. A dor e humilhação em seu coração eram maiores quando imaginava sua Mãe, presenciando tudo junto às mulheres que o seguiam.

Era impossível afastar de seu pensamento aquele lugar terrível: o Calvário. Anteviu a crucificação: completamente despido, rebaixado como um marginal no meio de dois ladrões, suspenso por mais de três horas, insultado pelos Inimigos e desamparado pelos amigos.

O Senhor não foi poupado de nenhum destes sentimentos. Foi tanta dor que *começou a ter pavor e angustiar-se* (Mc 14, 3).

Para descansar um pouco, pediu aos três amigos: *Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo* (Mt 26, 38).

O VALOR INFINITO DE SUA DOAÇÃO

Apesar da grande dor e tristeza, nada impediria o Senhor em obedecer ao Pai no oferecimento de sua vida para salvar a humanidade. Mas, com tamanho peso em

seus ombros, *Ele entrou em agonia e orava ainda com mais instância, e seu suor tornou-se como gotas de sangue a escorrer pela terra* (Lc 2, 44).

Jesus Cristo participava da essência de Deus, e vivia como que arrebatado na ânsia de servi-lo com toda a força do seu amor. Conhecia todos os pecados cometidos e que seriam cometidos contra Deus. Não nos surpreende que Jesus tenha sofrido tanto; talvez muitos homens tenham estado em situações mais dramáticas, mas devemos lembrar:

Não chames valente a quem recebe mais feridas, mas ao que mais sofre por elas, e as suporta.

Ninguém como Cristo teve uma alma tão grande: a sua dor foi à medida de seu amor; não compreendemos inteiramente o seu amor, por isso não compreendemos sua dor.²

A dor, proveniente do arrependimento dos pecados, levou alguns homens a morrer. Se esta fagulha do amor de Deus fez morrer estes santos, assim podemos imaginar o sofrimento de morte do Senhor, cujo amor a Deus e aos homens não tem medida, é fogo eterno!

Se o apóstolo São Paulo, em sua segunda epístola aos romanos, confidenciava que a preocupação com as

2. São João de Ávila. Audi Filia.

igrejas era mais importante que seu cansaço e as perseguições que sofria, podemos imaginar como seria o sofrimento do Senhor, que tinha uma caridade infinitamente maior que o apóstolo e desejava salvar a todos, mesmo que fosse com a própria vida; que amava tanto aos homens e sabia a grande desgraça que é perder a amizade de Deus e ficar privado para sempre de sua presença e amor. Só Ele podia entristecer-se no fundo da alma pelas ofensas a Deus, que ocasionariam a condenação eterna.

Nosso Senhor tinha tomado como se fossem seus todos os pecados e estava disposto a pagar pessoalmente todas as dívidas perante o Pai ofendido.

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, seguíamos cada qual nosso caminho; o Senhor fazia recair sobre ele o castigo das faltas de todos nós (Is 53, 6).

O Senhor por amor aceitou a rigorosa sentença da justiça divina, e carregou todos os pecados cometidos e que se cometeriam até o fim dos tempos. É impossível calcular a maldade cometida pela humanidade, mais ainda a dor de Cristo.

Quando uma pessoa paga a dívida de outra, não fica com vergonha, pelo contrário, orgulha-se por pagar uma conta que não era obrigado. Mas Cristo pagou nossas dívidas como se fossem suas, por isso não pagou somente com o seu sangue, mas com a vergonha desses pecados.

Continuamente estou envergonhado; a confusão cobre-me a face (Sl 43, 16). Pois foi por vós que eu sofri afrontas. Bem vedes minha vergonha (Sl 68, 8. 20).

O Senhor também pediu perdão pelos pecados, como se fossem seus. Quando alguém comete um delito, muitos amigos, para não perder a honra, afirmam não o conhecer, e se um amigo ajuda, deixa claro que não tem nenhum vínculo com o ocorrido. Jesus, de maneira inversa, apresenta-se sempre para socorrer a todos diante do tribunal divino, mesmo que sejamos delinquentes e pecadores, chamando-nos em alta voz de amigos, irmãos, filhos e membros de seu corpo. Defende nossa absolvição e paga as nossas penas. Embora tivesse rogado três vezes para que se fosse possível afastar o cálice de sua morte, sabia que não seria atendido, pois carregava o peso de nossos pecados como se fossem seus. *E permaneceis longe de minhas súplicas e de meus gemidos?* (Sl 21, 2).

*Como seria sua tristeza que o fez suar sangue. Que vergonha passaria quando diante de Deus, escutaria o peso de nossos pecados, como se fossem seus. Ai de nós, porque nós os fizemos!*³

Parece que a tristeza de Jesus Cristo não poderia ser maior, mas aumentou mais ainda pela nossa ingratidão.

3. São João de Ávila. Tratado 10 do Santíssimo Sacramento, 7.

Viu que muitos não reconheciam, outros não apreciavam e que vários não agradeciam seu esforço em nosso favor; e que, mesmo depois de derramar o seu sangue para limpar nossa imundice, muitos terminariam na condenação eterna. Seu coração foi ferido de tal maneira que é impossível descrever com palavras. Sentia o novo pecado dos homens: o desprezo pelo seu amor. A ingratidão dilacera muito mais quando provêm dos cristãos, pois estes receberam as maiores provas de amor.

Jesus sentiu uma mistura de dor e consolação, quando seus discípulos lutavam contra as tentações. Viu sua mortificação e penitência; as perseguições, injúrias e humilhações que sofreria; o trabalho, o cansaço e a dor, e muitas vezes o martírio. Previu o padecimento de seus seguidores, que seriam perseguidos por causa de seu nome e de sua doutrina. O Senhor tomou tudo para si e isto dilacerava seu coração.

Quando Saulo perseguia os cristãos, disse: Por que me persegue? De forma análoga, viu as pedras que mataram o diácono Estevão, o fogo que queimou Lourenço. As tribulações dos santos foram assumidas por Cristo. O sofrimento de Corpo Místico, que é a Igreja, são os sofrimentos do seu próprio corpo. Ele que conhecia tudo e compreendia melhor que ninguém a dor, em suas orações ofereceu tudo ao Pai.

A ORAÇÃO NO HORTO

O Senhor forneceu um excelente exemplo do que devemos fazer quando estamos tristes: recorrer à oração. A natureza humana de Cristo rejeitava a cruz, mas prostrou-se e rezou, procurando a fortaleza de Deus. Sabia que tudo é ordenado pela Providência Divina, que nem uma folha cai sem permissão. *Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á* (Mt 6, 6). Como tinha ensinado, *afastou deles à distância de um tiro de pedra* (Lc 22, 41), *prostrou-se com a face por terra e orava* (Mc 14, 35): Pai, meu Pai... Começou a consolar-se com o Pai, o mesmo que o enviava para a morte. Obedecia como Filho, mas ao contrário de Isaac, seus olhos estavam abertos. Ensinou-nos a chamar Deus de Pai, mesmo quando parece que nos castiga.

Meu Pai, se é possível (Mt 26, 39), *se é do teu agrado afasta de mim este cálice!* (Lc 22, 42). Suplicava para não beber do cálice amargo: *Eu não quero nada que Tu não queiras; porém, se Tu queres, se é possível, faz que não beba este cálice.* Sentir aversão perante a dor e querer evitá-la não diminui o mérito, pelo contrário, aumenta quando se conforma com a vontade de Deus. Jesus mostrou uma aversão natural ante a dor — *Afasta de mim, este cálice* — mas acrescentou: *Se é possível, se Tu queres.* Assim Cristo

submete-se e abraça a vontade do Pai: *Todavia não se faça o que quero, mas sim o que tu queres* (Mt 26, 39).

Quem pede é o Filho Unigênito de Deus, no qual seu Pai tinha posto todas as complacências. Aquele que tudo pode, com serenidade e respeito, pede apenas que o livre de uma morte cruel que não merece, mas que aceita completamente a vontade do Pai.

O Senhor ensina como orar ao Pai: *Que não se faça como eu quero, mas como Tu queres.*

Jesus levantou e se aproximou dos discípulos. Estavam todos adormecidos pelo cansaço, acordou-os para que estivessem vigilantes perante o encontro que se aguardava. Sabia que Judas estava bem acordado e realizando sua traição naquele momento. Entristeceu-se ao ver os apóstolos entorpecidos pela preguiça, principalmente com Pedro, que tinha prometido segui-lo até a morte.

A ele dirigiu estas palavras: Pedro, tu também dormes? *Não pudeste vigiar uma hora!* (Mc 14, 37). *Dizia que me seguiria na prisão e morreria por Mim. E agora que preciso de sua companhia, não consegue ficar acordado comigo nem por um breve momento? Não percebe que Eu precisava descansar um pouco, enquanto você devia ficar acordado para me defender?* Pedro ficou emudecido.

O Senhor voltou-se aos outros, que tinham imitado a Pedro, tanto na presunção como na preguiça, e disse-lhes: *Vigiai e orai, por mim e por vós, para que não entreis*

em tentação. Não se descuidem e não confiem nas boas intenções; fiquem firmes em oração, mesmo com o espírito pronto para padecer a carne é fraca.

Imediatamente o Senhor colocou em prática aquilo que acabara de ensinar. Voltou a afastar-se dos discípulos para renovar sua oração: *Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade* (Mt 26, 42).

Novamente voltou, preocupado com a fraqueza dos apóstolos, e outra vez os encontrou adormecidos. Como eram preguiçosos em rezar, demonstravam como seriam fracos na ação. Desta vez o Senhor não disse nada, talvez para não os afligir mais ainda; tinha-os repreendido uma vez, não queria embará-los novamente. A vergonha era tamanha que não sabiam o que dizer. Também nós não sabemos o que responder ao Senhor pela pouca companhia que fazemos na sua Paixão. Ficamos com os olhos pesados, com sono, de tanto olhar para o que nos afasta de Deus.

Novamente os deixou e pela terceira vez foi orar; pronunciou as mesmas palavras. Quando estamos tristes e oprimidos não são necessárias palavras novas para dirigir preces a Deus; bastam as mesmas, repetidas vezes, para que o Senhor escute.

Persevera na oração, bate a porta que ela se abrirá.

GOTAS DE SANGUE

São Lucas conta que era grande a “agonia” do Senhor nesta terceira volta. Agonia significa: estado de transição que precede a morte, espaço de tempo que dura este estado, luta, sofrimento, amargura. Cristo lutava dentro de si; por um lado estava a natureza humana que rejeitava esta morte, do outro a natureza divina que desejava obedecer ao mandato de seu Pai. O Espírito lutava contra a carne e animava-o a aceitar o martírio. Nesta batalha o Senhor rezou com mais fervor e a oração foi longa. Angustiado, violentou-se a si mesmo com tanta força, que algumas veias se romperam, fazendo cair gotas de sangue pelo chão. Não suou sangue por medo, mas pelo esforço imenso em obedecer plenamente a vontade de Deus. Quanto mais aumentava o seu sofrimento, mais sua oração se intensificava; clamando para que o cálice fosse afastado, porém, mais ainda, que fosse feita a vontade do Pai. Todos os anjos contemplavam a cena, em que o Filho de Deus agonizava e suplicava três vezes para se evitar esta morte tão cruel e vergonhosa. Aguardavam o resultado daquela súplica; como Abraão guardou sua espada perante seu filho Isaac; igualmente, talvez Jesus fosse poupado.

Deus mostrou aos anjos que sua vontade era soberana e que aceitava a oração de seu Filho, e assim, se cumpriria toda justiça e misericórdia, toda dívida pelos

pecados ficaria paga e seria aberta a salvação aos homens. Todos os anjos adoraram a Deus pela sua infinita sabedoria e incompreensível bondade.

Uma oração humilde e perseverante, nunca fica sem resposta. A decisão tomada antes da criação do mundo não seria mudada. Deus enviou-lhe um anjo para confortá-lo. Evidente que um anjo não poderia trazer uma paz maior que aquela que Jesus tinha passado aos apóstolos. Mas naquele momento de solidão, o Senhor se sentiu querido e foi confortado. Assim, ensina o Mestre, que humildemente devemos aceitar e procurar consolo, mesmo que seja em pessoas aparentemente simples.

Terminada a oração, o Senhor levantou-se e novamente encontrou os apóstolos dormindo. Despertou-os com uma aparente ironia: *Dormi agora e repousai!* (Mt 26, 45). Com isto queria dizer: ótimo lugar e ocasião para dormir, o inimigo está perto para me prender; solicitei que rezassem e vigiassem comigo, mas agora é tarde. Como não se levantavam, gritou: *Basta! Veio a hora! O Filho do homem vai ser entregue nas mãos dos pecadores* (Mc 14, 41).

Ultrapado era o sentimento do Senhor, por aqueles que o prendiam, e mais ainda por Judas, pois era um apóstolo e o vendia por pouco valor. Judas não barganhou, conformou-se com o valor pago: *Que quereis dar-me e vo-lo entregarei* (Mt 26, 15). Agora, o Senhor não ocultaria mais o desgosto pelo traidor: *Levantai-vos e vamos! Aproxima-*

se o que me há de entregar (Mc 14, 42); ele não perdeu tempo e nem está dormindo.

Encontramos neste episódio dois grandes ensinamentos: a oração sempre é eficaz, embora a consolação fosse pequena, a fortaleza para vencer foi enorme; e diante de Deus precisamos abrir inteiramente nosso coração como fez Davi: *Ponho diante dele a minha inquietação, eu lhe exponho toda minha angústia* (Sl 141, 3). Diante da dificuldade é preciso mostrar valentia e enfrentar os que nos perseguem.

JESUS É PRESO

Após sair, Judas que não acreditava mais em Jesus, pois o considerava um enganador, começou a organizar como o entregar. Foi à casa dos príncipes dos sacerdotes para indicar que aquela era a ocasião oportuna para que se cumprisse o combinado. Assim deu as coordenadas para a captura. Conseguiu uma comitiva de soldados da guarda. Parecendo pouco, mandaram criados e alguns dos príncipes dos sacerdotes, com isso davam uma autoridade ao fato, pois estes foram sumos sacerdotes em anos anteriores. Todos estavam bem armados e equipados, com espadas e paus, lanternas e tochas. Judas armou tudo para que nada saísse errado. Na cidade todo este alvoroço

não passou despercebido. Juntou-se todo tipo de gente: judeus, gentios, servos, comerciantes, vagabundos, prostitutas; todos nesta noite prenderiam Jesus, porque a graça da redenção seria para todos.

Judas tomou o comando da operação. São Lucas diz que: *à testa deles vinha um dos doze, que se chamava Judas* (Lc 22, 47), e que é confirmado pelos Atos dos Apóstolos: *foi o guia daqueles que prenderam Jesus* (At 1, 16). *Judas, o traidor, conhecia também aquele lugar, porque Jesus ia frequentemente para lá com seus discípulos* (Jo 18, 2), então escolhendo a noite, quando Jesus estaria com poucos amigos e fora de cidade, evitaria tumulto e resistência de seus seguidores, satisfazendo assim o temor dos pontífices que tinham medo e queriam prender Jesus após a Páscoa. O poder das trevas buscava na escuridão a Luz Eterna, seria necessário então tochas e lanternas. Como era noite, seria necessário um sinal para que não houvesse engano, pois alguns não conheciam Jesus. Um beijo foi o modo que Judas encontrou. Com um ósculo no rosto, a saudação habitual entre amigos, sinalizaria para capturarem Jesus. Agindo com falsidade e duplicidade, características de um traidor, entregaria Jesus com um beijo, pensando que deste modo passaria tranquilo como seu amigo, pois era um dos apóstolos. Comunicou a todos o sinal para prender Jesus: *Aquele que eu beijar, é ele. Prendei-o!* (Mt 26, 48). Vemos que nem sempre aqueles que seguem Jesus são

bons, muitas vezes se tornam como Judas, os piores traidores.

Judas e seu séquito saíram da cidade em direção ao Monte das Oliveiras. As armas brilhavam à luz dos archotes. O traidor caminhava na frente, como se fosse pacificar a cidade, prendendo um chefe de quadrilha. Chegaram ao Horto de Getsêmani, no momento que Jesus ainda falava com os discípulos.

O Senhor demonstrou a sua divindade, entregando-se livremente. Mesmo com o beijo, nada aconteceu como Judas tinha planejado; ninguém reconheceu e prendeu Jesus, e ele não passou despercebido perante os outros apóstolos. Quando Judas aproximava-se, Jesus foi ao seu encontro. Fingindo-se amigo, saudou-o: *Salve, Mestre. E beijou-o* (Mt 26, 49). *O Senhor que somente quer a paz* aceitou o ósculo (cf. Sl 119, 7). Com mansidão aceitava aquele beijo para mostrar que se entregava por vontade própria.

Fazendo o bem para quem lhe fazia mal, depois de ter recebido o beijo, mostrou carinho de amigo, chamando-o pelo nome, não censurando e perguntando-lhe com ternura: *Judas, com um beijo traís o Filho do homem?* (Lc 22, 48), com sinais de amor e paz me entrega à morte? *Amigo, é então para isso que vens aqui?* (Mt 26, 50). Minha dor é maior porque vem de um amigo, *se o ultraje viesse de um inimigo, eu o teria suportado; se a agressão partisse de quem me odeia, dele me esconderia* (Sl 54, 13).

Judas ficou emocionado diante da serena reação de amizade demonstrada pelo Senhor; perante o olhar do Mestre ficou paralisado. Mas, a disposição para o mal venceu, então, juntou-se aos soldados. Mesmo após o sinal, nenhum soldado prendeu Jesus; a prisão não seria como tinham planejaram, seria somente quando Jesus permitisse.

Judas tinha se afastado e os soldados não o prendiam. *Como Jesus soubesse tudo o que havia de lhe acontecer, adiantou-se e perguntou-lhes: A quem buscais?* (Jo 18, 4). Cegados não o viam, Judas continuou calado, e eles responderam: *A Jesus de Nazaré.* Todos os preparativos foram inúteis, mas Jesus deu-se a conhecer: *Sou eu.* A voz majestosa e imponente saiu como um raio, *espantados recuaram e caíram por terra* (Jo 18, 6), esta queda representava a ruína do templo.

Os apóstolos alegraram-se com a força de seu Mestre; com uma resposta derrubou um exército. Perante Ele não há nenhum poder. O que acontecerá com os ímpios, quando Ele vier julgar?

Jesus estava imponente e os soldados caídos. Quando se levantaram, perguntou-lhes novamente: *A quem buscais?* Perante a grandeza de Jesus, deviam adorá-lo e servi-lo, mas não reconhecendo sua realeza, persistiram em na intenção: *A Jesus de Nazaré.* Percebendo que não era possível fazê-los enxergar, e preocupado com seus discípulos respondeu-lhes: *Já vos disse que sou eu. Se é, pois*

a mim que buscais, deixai ir estes (Jo 18, 8). Não pediu, ordenou, somente assim Pedro que feriu um servo do sumo sacerdote poderia sair ileso. Todos obedeceram e assim se cumpriu as Escrituras: *Conservei os que me deste, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição* (Jo 17, 12). Entre aquela multidão, estava Malco, servo do sumo sacerdote, que estava indignado pelo que havia escutado sobre Jesus. Quando o Senhor se revelou, Malco o atacou violentamente. Os discípulos vendo que a situação era dramática, perguntaram: *Senhor, devemos atacá-los à espada?* (Lc 22, 49). Pedro não esperou nenhuma autorização, desembainhou a espada e desferiu o golpe na cabeça de Malco, pegando de raspão no capacete cortou-lhe a orelha direita.

Jesus, que desejava entregar-se livremente, vendo que Pedro e os outros, tentavam defendê-lo, disse: *Deixai, basta!* (Lc 22, 51). Com a habitual piedade, tentando abrandar a ira de Malco, tocou-lhe a ferida e curou-o. É assim que Jesus domina o ódio dos inimigos, com caridade.

Após curar a ferida do inimigo, corrigiu os discípulos, mostrando novamente que oferecia sua vida por vontade própria, para se cumprir às profecias e o mandato do Pai. Embora os inimigos atacassem, mandou: *Embainha tua espada, porque todos aqueles que usarem da espada, pela espada morrerão* (Mt 26, 52). Eu não fujo da morte, aceito-a com amor, não são eles que me matam, mas a vontade de meu Pai, então, *não hei de beber eu o cálice que o Pai me*

deu? (Jo 18, 11). Crês tu que não posso invocar meu Pai e ele não me enviaria imediatamente mais de doze legiões de anjos? Mas como se cumpririam então as Escrituras, segundo as quais é preciso que seja assim? (Mt 26, 53-54).

Embora fosse preso porque quis, foi uma desonra para Jesus, pois era uma pessoa conhecida por suas virtudes, pelos milagres e por suas palavras. O povo considerava-o como um profeta. Mas foi preso como um malfeitor, um ladrão. O Senhor que tinha deixado passar várias injúrias, desta vez foi incisivo: *Saístes armados de espadas e varapaus, como se viésseis contra um ladrão (Lc 22, 52)*. Expressava seu sentimento pelo que faziam: cegos e enganados, tratavam^{v.o} como um malfeitor; estava sempre no meio deles, na cidade, mas o prenderam no campo; usaram de armas para quem só pregava a paz; buscaram um traidor contra aquele que sempre fora leal e fazia tudo as claras.

Por que não se atreveram a me prender antes? Fizeram de noite, como se prendessem a um ladrão; mas só o fizeram, porque consenti. *Mas esta é vossa hora (Lc 22, 53)*, e é isso que permite a minha prisão; são as trevas com seu poder que lhes movem.

Com estas palavras, os demônios e seus servidores, encontraram-se livres para fazer com Jesus, o que bem entendessem. Agarraram-no e golpearam-no com violência e insultos. Depois amarraram as mãos, prendendo assim, o autor da liberdade. Talvez muitos dos que o ataram, disses-

sem depois: *Senhor quebrastes os meus grilhões. Oferecer-vos-ei um sacrifício de louvor* (Sl 115, 7). Judas andava ao lado dos sacerdotes e magistrados, comentando o seu êxito.

Os apóstolos, envergonhados e assustados, esquecendo-se do que tinham prometido, o *abandonaram e fugiram* (Mc 14, 50).

Seguia-o um jovem coberto somente de um pano de linho (Mc 14, 51), talvez, acordado pelo grande alvoroço e barulho que faziam os que traziam Jesus. Foi notado e tentaram prendê-lo, mas largando o lençol, escapou nu.⁴ Assim também acontece conosco, sofremos mais por fugir da cruz, do que de segui-la.

Os apóstolos, dispersos pela fuga, talvez se reunissem na casa onde tinham ceado; contariam a Maria todo o ocorrido no horto; descreveriam a prisão de seu Filho, e a Virgem ficaria ferida com uma dor profunda, embora conformada com a vontade de Deus.

O SENHOR É ENTREGUE AOS PONTÍFICES

Voltando a Jerusalém, passaram novamente pela Torrente do Cedron, levando Jesus amarrado como se fosse um ladrão, com pressa e gritando; aos empurrões e

4. Segundo a Tradição, este seria o próprio Marcos, autor do Evangelho.

com pancadas derrubavam-no, e depois levantavam-no brutalmente.

Levaram-no a residência de Caifás, sumo sacerdote. Era também presidente do conselho que se chamava Sinédrio, local onde se reuniam setenta e dois juízes. Era por volta da meia-noite, porque depois da ceia, quando Judas saiu “era noite”. Jesus tinha conversado durante um longo tempo, subido ao horto, orado e só depois foi preso; tinha-se passado muito tempo. Os juízes e anciãos daquele povo, estavam tão obcecados que, para não perderem tempo e condenarem o Senhor, reuniram-se mesmo sendo tarde da noite.

Entrou Jesus em Jerusalém, grande Sacerdote da Nova Aliança, para oferecer a sua vida em sacrifício agradável a Deus pela redenção do mundo. O processo começou na casa do sumo pontífice, onde estavam reunidos a sua espera, os sacerdotes e doutores da lei. Antes, porém, os soldados levaram-no a casa de Anás, sogro de Caifás. Honrando assim, sogro e genro, e desonrando o Senhor. *Anás enviou-o preso ao sumo sacerdote Caifás* (Jo 18, 24), a quem competia conduzir o processo. Caifás foi quem deu aos judeus o conselho: *Convém que um só homem morra em lugar do povo* (Jo 18, 14). Ele que tinha dado o conselho, estava disposto a executá-lo. Na sua casa aconteceram todas as coisas que se contam desta noite.

Embora, depois da prisão no horto, todos os discípulos tenham fugido e deixado Jesus. Preocupado para

onde levariam o seu Senhor, mesmo com medo, *Pedro seguia-o de longe* (Mt 26, 58). Também o seguia outro discípulo, que tinha certa amizade com o sumo sacerdote.

Chegando a casa de Caifás, entrou Jesus e toda aquela comitiva que voltava do horto; provavelmente outros se incorporaram atraídos pelo alvoroço pelas ruas da cidade.

Entrando, logo dispensariam o tribuno e os soldados romanos com uma quantia generosa. Fechariam as portas para evitar curiosos, com isso ficariam somente os juízes e as pessoas importantes no processo. Vigiar a porta estava uma criada, o outro discípulo, por ser conhecido, conseguiu entrar. Ao notar que Pedro tinha ficado de fora, junto à porta, o discípulo pediu e a porteira deixou-o entrar. Naquela noite, a verdade tão perseguida seria negada por Pedro.

Levaram o Senhor na presença do pontífice. Pedro e o outro discípulo estavam presentes e testemunharam o ocorrido. O pontífice, junto com os sacerdotes e doutores da lei, examinavam o processo contra Jesus. Pela manhã pretendiam realizar outro conselho, este pleno e legítimo; o processo noturno seria uma preparação para poderem encontrar provas e condenar o Senhor à morte. Consideravam-no um farsante e agitador, pregador de mentiras contra a Lei e a tradição. O sumo sacerdote examinou primeiro sobre os discípulos; quem e quantos eram; depois

sobre a doutrina que ensinava, para tentar encontrar alguma mentira ou erro.

O Senhor nada disse sobre os discípulos, todos tinham fugido escandalizados e envergonhados, e Pedro que estava presente, atemorizado, não falaria em sua defesa. Considerando a razão das perguntas, bastaria responder sobre sua doutrina, que sendo boa e de Deus, não poderia reunir discípulos para uma causa perversa. Assim respondeu: *Falei publicamente ao mundo. Ensinei na sinagoga e no templo, onde se reúnem os judeus, e nada falei às ocultas* (Jo 18, 20), vocês poderiam suspeitar, se a doutrina é nociva, se eu falasse escondido, mas nada disse em segredo. Nas vezes que falei a sós com meus discípulos, foi para explicar as parábolas, nada falei de diferente ou para se ocultar, pelo contrário, era exatamente para que pudessem entender e assim transmitir a todos. Sendo assim, por que me interroga? *Pergunta àqueles que ouviram o que lhes disse. Estes sabem o que ensinei* (Jo 18, 21), nestes acreditareis mais do que a mim.

Um dos servos não gostou da resposta, dita com tanta verdade e serenidade, parecia que faltava com respeito e rebaixava o sumo sacerdote; esbofeteando firmemente Jesus, disse: *É assim que respondes ao sumo sacerdote?* (Jo 18, 22).

O Senhor não perdeu a serenidade, apesar da violência feita por um simples servo na presença de todos. Além do

insulto e da agressão, dava a entender que a resposta não era verdadeira, e nem que sua doutrina era divina. Não seria humildade se calar diante deste ultraje. Calmamente, Jesus, mostrou ao agressor que a violência feita e a omissão do pontífice eram injustas, não havia motivo algum para lhe bater. Se o julgamento fosse justo, competia apenas ouvir as testemunhas e depois dar a sentença, mas como o julgamento nascia do ódio e da inveja, jamais seria imparcial.

Jesus respondeu ao servo: *Se falei mal, prova-o, mas se falei bem, por que me bates?* (Jo 18, 23). Nenhuma resposta podia ser mais acertada, justa e oportuna. Por ter agredido Cristo, este canalha mereceria que a terra se abrisse e o tragasse. Mas Deus foi paciente, em vez de castigar, venceu pela bondade.

O Senhor estava disposto a oferecer seu próprio corpo para ser imolado na cruz. Por isso, não deu a outra face, como tinha ensinado, além disso é melhor responder com a verdade, que oferecer a outra face por orgulho, vaidade ou aparência. A humildade está no interior, não numa atitude externa.

Se o processo fosse justo, a resposta do Senhor teria sido correta e aceita. Mas o julgamento estava viciado na raiz, os juízes eram imparciais e dissimulados. A inveja e o medo de que os romanos destruíssem o templo fez com que todos estivessem com o veredicto de morte pronto. *Os príncipes dos sacerdotes e todo o conselho procuravam um falso*

testemunho contra Jesus, a fim de o levarem à morte (Mt 26, 59). Seria necessário mentir, porque na vida do Senhor não encontrariam nenhum pretexto para condená-lo. Muitos estavam dispostos a dar falsos testemunhos, alguns por medo, outros para ficarem bem com os sacerdotes. Todos diziam mentiras e contradições; falavam que Jesus tinha pacto com o demônio, que não respeitava as festas, que era glutão e beberrão, que era amigo dos publicanos e pecadores, que incitava o não pagamento do imposto, que blasfemava. Contudo disseram uma verdade: que era Filho de Deus.

Os falsos testemunhos, como não estavam ensaiados e se contradiziam, não foram convincentes para condenar Cristo. Apresentaram-se mais duas falsas testemunhas, que declararam: *Este homem disse: Posso destruir o templo de Deus e reedificá-lo em três dias* (Mt 26, 61). *Ouvimo-lo dizer: Eu destruirei este templo, feito por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, que não será feito por mãos de homens* (Mc 14, 58). Era evidentemente falso, Jesus não disse que podia ou destruiria o templo, mas que, quando fosse destruído, construiria outro "não feito por mãos dos homens", *ele falava do templo do seu corpo* (Jo 2, 21). Isto significava que quando morresse, ressuscitaria em três dias. Mesmo distorcendo as palavras, ainda não tinham provas suficientes para o condenarem à morte.

O SENHOR É CONDENADO

O Senhor mantinha-se calado perante as calúnias e os falsos testemunhos. Tinha percebido perante sua primeira resposta que os juízes não estavam buscando a verdade, e aquela reunião, que só tinha aparência de julgamento, na verdade era um covil de ladrões.

O sumo sacerdote, impaciente e irado, vendo que com falsas testemunhas não conseguia condená-lo, perguntou: *Nada tens a responder ao que essa gente depõe contra ti?* (Mt 26, 62). que espécie de arrogância é essa?

Jesus se calava e nada respondia (Mc 14, 61). Não convinha que o Filho de Deus falasse por medo a um mero mortal. Quando se é injuriado, desprezado, ofendido e caluniado, grande é o mérito da virtude da paciência em ficar calado. Inclusive é perigoso falar nestes momentos; aconselhava o profeta: *Velarei sobre os meus atos, para não pecar mais com a língua. Porei um freio em meus lábios, enquanto o ímpio estiver diante de mim. Fiquei mudo, mas sem resultado, porque minha dor recrudescer* (Sl 38, 2-3). Mostrou o Senhor grande mansidão, profetizada há muito tempo: *Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro, e uma ovelha muda nas mãos do tosquiador* (Is 53, 7). O Rei Davi havia proclamado: *Amigos e companheiros fogem de minha chaga, e meus parentes permanecem longe. Os que odeiam a minha vida, armam-me*

ciladas; os que me procuram perder, ameaçam-me de morte; não cessam de planejar traições. Eu, porém, sou como surdo: não ouço; sou como mudo que não abre os lábios. Fiz-me como um homem que não ouve, e que não tem na boca réplicas a dar (Sl 37, 12-15). Foi exatamente o que fez o Senhor.

Cansado, o sumo sacerdote decidiu perguntar-lhe diretamente o que desejava e necessitava ouvir para condená-lo a morte. Sabiam que o chamavam de Filho de Deus, e isto era para eles uma blasfêmia. Usando o nome de Deus, para que não se calasse, perguntou: *Por Deus vivo, conjuro-te que nos digas se és o Cristo, o Filho de Deus?* (Mt 26, 63). E esta foi a única acusação que fizeram perante Pilatos: *Nós temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer, porque se declarou filho de Deus* (Jo 19, 7).

O Senhor foi obrigado a proclamar a verdade, honrar o nome de seu Pai, mesmo que isso o levasse a morte: *Eu o sou. E vereis o Filho do homem sentado à direita do poder de Deus, vindo sobre as nuvens do céu* (Mc 14, 62). Agora me veem, humilhado e preso, mas em breve me vereis como juiz do céu e da terra.

Ao ouvir a resposta, o sumo sacerdote furioso rasgou as vestes, como era costume dos judeus quando escutavam uma blasfêmia. Caifás, para agravar a cena, exagerava na dramatização, ficando com o peito desnudo. Jesus pode ver a que ponto chegava a inveja e a maldade. O velho sacerdote não pode ouvir a maior verdade de todas

as verdades que o Novo e Eterno Sacerdote proclamava, preferiu chamar a verdade de blasfêmia. Quando Pedro confessou que Jesus era o Filho de Deus, fundou a Igreja; quando Caifás negou-o e chamou de blasfemo, a sinagoga foi enterrada para sempre.

Lança o olhar à volta e vê: reúnem-se todos e vêm a ti. Por minha vida, diz o Senhor, de gala te revestirás, como uma noiva te cingirás (Is 49, 18).

A igreja é a veste do Senhor, embora perseguida, está fundada sobre a fé em Jesus Cristo, Filho de Deus, e *as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16, 18)*. Os soldados não se atreveram a rasgar as vestes do Senhor; o sumo sacerdote rasgava as vestes com as próprias mãos. A sinagoga perdeu seu sacerdócio e culto perante a verdade da Nova e Eterna Aliança.

Escandalizado rasgou as vestes, agora era além de juiz, também testemunha de acusação: *Que necessidade temos ainda de testemunhas? Acabastes de ouvir a blasfêmia! Qual o vosso parecer?* (Mt 26, 65-66). Que devemos fazer perante tal evidência? Então todos, sem exceção, *julgaram merecedor de morte* (Mc 14, 64). Assim se cumpria o que o Senhor havia dito: *o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte* (Mt 20, 18).

Os servos dos sacerdotes, ao ouvirem a sentença, *cuspiram-lhe então na face, bateram-lhe com os punhos e deram-lhe tapas* (Mt 26, 67). Também os sacerdotes do Sinédrio bateram e insultaram Jesus.

Estavam convencidos que o castigo era merecido, pois Cristo suportava bem. Então, se aproveitaram para vingar as críticas feitas em público sobre seus vícios e erros. Levantando-se enfurecidos das cadeiras, em que estavam indignamente como juízes, começaram a bater-lhe.

Depois, despediram-se e combinaram uma nova reunião pela manhã, onde o processo e a execução da sentença seriam validados.

O sumo sacerdote retirou-se ao seu aposento, deixando Jesus em poder dos guardas e criados; estes o levaram a um compartimento menor e ficaram a noite toda com ele. Divertindo-se *escarneciam dele e davam-lhe bofetadas* (Lc 22, 63), *cuspiram-lhe então na face* (Mt 26, 67). Estes homens vis emporcalhavam aquela face divina *que os próprios anjos desejavam contemplar* (1Pd 1, 12).

Maltrataram, feriram, bateram, deram pontapés e socos. Depois, *cobriam-lhe os olhos* (Lc 22, 64), taparam aqueles olhos para qual *nenhuma criatura lhe é invisível* (Hb 4, 13). Continuavam a dar bofetadas e como tinha fama de profeta, escarneciam-se: *advinha, ó Cristo: quem te bateu?* (Mt 26, 68). *E injuriaram-no ainda de outros modos* (Lc 22, 65).

Vendaram-lhe a face para se ocultarem ao seu olhar. Condenaram-se a nunca mais ver Jesus com os olhos da fé. Não devemos estranhar a maldade destes homens. Nós também fazemos o mesmo: pecamos e com nossas hipocrisias, logo queremos tapar os olhos de Deus, para que não veja a nossa maldade.

Há muito tempo uma profecia mencionava o sofrimento voluntário: *Aos que me feriam, apresentei as espáduas, e as faces àqueles que me arrancavam a barba; não desviei o rosto dos ultrajes e dos escarros* (Is 50,6). Mesmo assim, causa grande admiração a mansidão, a paciência e a fortaleza com que o Senhor sofreu tudo.

Provavelmente os guardas, durante a jornada de vigia daquela noite, se alternaram nas agressões, enquanto alguns descansavam, outros chegavam com novas zombarias. O Senhor não pode dormir, sofreu durante toda à noite. Para os cegos da sinagoga, o amanhecer nunca chegou, pois ficaram na escuridão para sempre.

AS NEGAÇÕES DE PEDRO

A cada momento aumentava a dor do Senhor. Agora, Pedro, um dos apóstolos mais querido, jurava não conhecê-lo; ele que tinha sido avisado; o negaria, não uma vez, mas três vezes.

A primeira vez foi pouco depois da meia-noite. *Os servos e os guardas acenderam um fogo, porque fazia frio, e se aqueciam. Com eles estava também Pedro, de pé, aquecendo-se* (Jo 18, 18). Ele que tinha entrado, porque João conhecia a porteira, estava no átrio fugindo do frio, quando a porteira o interrogou; Pedro negou e saiu, o galo cantou pela primeira vez.

A terceira negação deve ter sido por volta das quatro da manhã. Os evangelistas narram que na terceira negação, o galo cantou. São Marcos diz que era a segunda vez que o galo cantava; este segundo canto costuma ser por volta deste horário.

São Lucas narra: *Passada quase uma hora* (Lc 22,59). Então a segunda negação foi provavelmente às três da manhã. O Senhor tinha alertado a Pedro: *Antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás* (Mc 14, 72). Referia-se a dois momentos que o galo canta, um por volta da meia-noite, e outro antes de amanhecer. Da primeira negação à segunda, São Lucas diz: *Pouco depois* (Lc 22, 58), para se referir a terceira negação, São Marcos diz o mesmo: *Pouco depois* (Mc 14, 70). Tudo aconteceu muito rápido para Pedro naquela noite.

Tudo aconteceu no átrio, que é o pátio das casas; como não há telhado, o céu fica aberto. Por isso os soldados e os criados tiveram que acender uma fogueira para se protegerem da fria madrugada.

Não se deve estranhar que uns narrem que Pedro estava fora, outros que estava dentro: estava fora da sala de julgamento, mas dentro da casa. São Mateus completa: *estava sentado no pátio* (Mt 26, 69). Também deduzimos que a sala de julgamento ficava no andar de cima: *Estando Pedro embaixo, no pátio* (Mc 14, 66).

Voltando-se o Senhor, olhou para Pedro (Lc 22, 61). Como pode olhar se Pedro estava no pátio e Ele em cima? Provavelmente, após o conselho, quando já tinha acontecido a terceira negação e levavam-no para outra sala ou Pedro foi ver como tinha acabado o julgamento, e o Senhor olhou para ele.

Provavelmente tenha acontecido desta maneira: Terminado o julgamento, os sacerdotes se recolheram. Na casa apenas ficaram os guardas e criados. Conduziram Jesus para outra sala, onde vigiariam até amanhecer. Todos estavam no pátio, aquecendo-se na fogueira, uns sentados e outros de pé. Cansados de tanto escarnecerem, com frio e sono, revezavam-se na guarda do Senhor. Pedro afirmava não conhecê-lo e como estava arrefecido no amor de Jesus, aquecia-se junto ao fogo do inimigo. Tendo traído Deus, estava precisando urgente de uma consolação.

A porteira que tinha deixado entrar, *percebeu-o sentado junto ao fogo, encarou-o de perto e disse: Também este homem estava com ele* (Lc 22, 56). Porventura não é um dos discípulos? Antes que Pedro respondesse, acres-

centou: *Sim, com certeza é um dos que andavam com o Nazareno!*

Pedro sentindo-se acuado no meio de toda aquela gente, cheio de medo de uma simples criada, negou diante de todos ser um discípulo: *Não o sou* (Jo 18, 17); *Mulher, não o conheço* (Lc 22, 57); *Não sei o que dizes* (Mt 26, 70).

Pedro, Pedro! Há pouquíssimo tempo dizia: *Mesmo que sejas para todos uma ocasião de queda, para mim jamais o serás. Mesmo que seja necessário morrer contigo, jamais te negarei* (Mt 26, 33.35). Não está em perigo de morte, não é o procurador romano ou o sumo sacerdote que pergunta, os soldados não te ameaçam; como não pode responder com coragem a uma simples porteira? É um homem fraco Pedro e, sem ajuda da graça, é vencido diante de uma situação insignificante.

Levantaram-se todos, Pedro aproveitando para disfarçar, ficou de pé e aproximou-se mais da fogueira. Estava intranquilo e com muito medo, afastou-se e saiu do pátio em direção a porta. O galo cantou pela primeira vez.

Aquela noite estava tumultuada: entrava e saía gente, muitas perguntas e opiniões, o barulho era enorme. Pedro tentava ficar oculto para não ser reconhecido, ao mesmo tempo procurava saber como estava o seu Mestre. Depois de mentir que não era discípulo e nem o conhecia, ficou perturbado, não sabia onde ficar ou como se comportar, levantava e sentava, aproximava-se do grupo para

escutar algo, depois se afastava, andava e voltava do átrio a portaria, estava completamente perdido.

Pouco depois foi em direção da porta do pátio, outra criada olhou-o fixamente e disse aos outros: *Este é um dos que estavam com Jesus de Nazaré!* Pedro voltou a sentar-se junto ao fogo com os demais, e perguntaram-lhe: *É verdade que é um discípulo deste homem?* Pedro respondeu: *Não, não sou.* Um servo que o olhava atentamente disse: *Tenho certeza de que é um deles.* Pedro respondeu aborrecido: *Deixe-me em paz, homem, já disse que não sou!* E jurou não conhecer Jesus.

Pedro quando negou pela primeira vez, devia ter abandonado aquela conversa e saído do lado daquelas pessoas, que tanto lhe aborreciam. Porém, como ficou, sua culpa e o seu pecado foram maiores. Na primeira vez mentiu, mas na segunda jurou. Grande exemplo para nossa debilidade: devemos fugir das ocasiões perigosas, para não cairmos em pecado. Pedro ficou junto ao fogo e a terceira negação seria ainda pior.

Passada quase uma hora (Lc 22, 59). Um dos criados insistiu: *Certamente tu és daqueles, pois é galileu* (Mc 14, 70). Outros repetiram: *Sim, tu és daqueles; teu modo de falar te dá a conhecer* (Mt 26, 73). Diziam isto, porque os galileus falam com sotaque diferente dos outros judeus. Pedro continuava negando, mas um dos criados do sumo sacerdote, parente daquele que teve a orelha cortada, desmascarou-

o: *Não podes negar, pois eu mesmo te vi, quando estava com ele no horto.* Pedro acuado disse: *Que diz? Não te entendo!* Como não acreditavam nele, começou a jurar e praguejar: *Eu não conheço esse homem!* Imediatamente o galo cantou. Era perto das quatro horas da madrugada.

A promessa de Pedro não aconteceu: Darei a minha vida.⁵ O Senhor havia profetizado: Três vezes me negará! Todos os evangelistas narram as três negações.

Pedro tinha esquecido do Senhor, mas Jesus lembrou-se dele; *voltando-se o Senhor, olhou para Pedro* (Lc 22, 61) para que se levantasse de sua queda. Este momento pode ter sido quando acabou o processo, e desciam Jesus para outra sala. Apesar do grande sofrimento, o Senhor olhou para Pedro, confortando-o. Ele entendeu e lembrou-se daquelas palavras que não tinha acreditado: Nesta noite, antes que o galo cante duas vezes, terás-me negado três vezes.

Saiu dali e chorou amargamente (Lc 22, 62). Entendeu a gravidade de sua culpa, contraposta a bondade do Senhor. O choro amargo e as lágrimas nasciam do afetuoso amor de seu Mestre. Recordava-se que tinha reconhecido Jesus como o Filho de Deus, e agora, mesmo avisado antecipadamente, jurava não conhecê-lo mesmo com todos os

5. Não aconteceu naquele momento, depois de Pentecostes revestido do poder do Espírito Santo, como chefe e coluna da Igreja, morreu martirizado em Roma.

benefícios que tinha recebido e os privilégios que tinha perante os outros companheiros. O juramento que proclamou diante de todos, queimava-lhe as entranhas. Foi tanta dor que, por muito tempo, toda manhã quando o galo cantava, chorava amargamente, lembrando-se deste momento. São Marcos escreveu “começou a chorar”, como se fosse apenas o começo de um longo pranto, durante muito tempo.

O olhar de Jesus tocou-lhe no fundo de sua alma. Como não pode retratar-se publicamente de sua covardia, desatou a chorar de arrependimento. Com a queda, ficou mais humilde e menos confiante em si, não colocou mais em risco sua debilidade. Experiente ensinou aos outros como evitar ocasiões de pecar, e que a fortaleza vem de Deus.

Não pediu perdão imediatamente. Pensou em lançar-se aos pés do Senhor, suplicando perdão. Mas, pareceu-lhe muito atrevimento conseguir um perdão tão rápido, talvez conseguisse com lágrimas e mortificações. Ficou calado e não apresentou nenhuma desculpa, somente chorou, lavando com lágrimas sua culpa. Foi para fora do palácio, para chorar em paz, buscando consolação na Virgem Maria, refúgio dos pecadores. Onde mais poderia buscar consolo? Contar sua tristeza e amargura? Ela o confortou com firme esperança de alcançar o perdão de seu Filho.

O Senhor permitiu que a pedra fundamental da Igreja pecasse e fraquejasse, para ensinar que ninguém deve

ter a presunção de confiar em si mesmo, pois mesmo um apóstolo cheio de privilégio e amor, caiu.

Tomemos como aviso o que diz São Paulo: *Portanto, quem pensa estar de pé veja que não caia* (1Cor 10, 12). Devemos aprender com o que aconteceu a Pedro, nunca duvidar de Deus, mesmo quando estamos perdidos, pois apesar do pecado ser enorme, graças às suas lágrimas e a sua penitência, voltou à amizade com Cristo. Foi confirmado como príncipe dos apóstolos, cabeça da Igreja, Pastor do rebanho de Cristo e depositário das chaves do reino dos céus.

Comenta Santo Agostinho: *Atrevo-me a dizer que é proveitoso para os soberbos, cair num pecado claro e evidente, pelo qual se vejam como são pecadores, pois já tinham pecado com a sua soberba. Pedro se viu mais pecador quando chorou a sua culpa, do que quando presumia sua fidelidade.*

Outra razão fornece São Gregório: *A misericórdia que o Senhor usou para aquele que seria Pastor da Igreja, aprendesse por si mesmo como devia compreender as fraquezas alheias e compadecer-se delas, foi grande e digna de ser sempre recordada: O Senhor olha para seu amigo que o negou para salvá-lo, e para dar-lhe a mão para que não se perca. Assim o Senhor foi piedoso com ele, para que ele o fosse com as ovelhas do rebanho que lhe confiaria, para que não desamparasse ninguém por muito enfermo, revoltado ou perdido que possam estar.*

CRISTO PADECEU POR AMOR AOS HOMENS

O Senhor passou a noite toda entre os inimigos, mas não desejava vingança, apenas paz e felicidade a eles. Entregava-se ao sofrimento por amor a Deus e aos homens, e ninguém era mais poderoso que Ele. Estava triste e ao mesmo tempo o seu amor era tão grande que desejava sofrer, pois sua dor salvaria os homens. Esta noite de dor, também foi de conforto e de alegria, pois com este batismo de sangue *se farte de opróbrios* (Lm 3, 30).

O amor de Cristo pela humanidade, *desafia todo o conhecimento* (Ef 3, 19), porque a fonte em que nasce está acima de toda a compreensão. Não se baseia na perfeição ou nos méritos dos homens, pois estes são imperfeitos e pecadores. Não é possível amar o homem pelo o que ele é. O amor tem fundamento no amor que o Pai tem pelo Filho, e nos infinitos benefícios concedidos a sua humanidade, porque por obediência, agradecimento e amor ao Pai, Cristo amou os homens.

No instante da concepção de Jesus no seio da Virgem Maria, Deus deu-lhe o ser divino unindo-o a sua divina pessoa. Pelo que podemos dizer, é certo que o homem Jesus, é Deus, Filho de Deus, e tem de ser adorado no céu e na terra. Este é um dom infinito, ser Deus.

Deus concedeu a Jesus, ser rei de toda a criação. *Ele existe antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem*

nele. Ele é a cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o princípio, o primogênito dentre os mortos e por isso tem o primeiro lugar em todas as coisas (Cl 1, 17-18). Enquanto Deus é igual ao Pai e ao Espírito; enquanto homem é o primeiro entre todos e cabeça de todos. *Todos nós recebemos da sua plenitude graça sobre graça* (Jo 1, 16). Não só porque a graça seja maior n'Ele, mas porque é o santificador de todos os homens. Para dar um exemplo, é como uma tinta que todos têm de receber, a cor da santidade. Claro que a santidade não pode ser apenas exterior, tem de ser também interior, em sua totalidade.

Quando Jesus olhasse para si mesmo, rei de todas as criaturas, com todos os anjos ajoelhados diante d'Ele, e soubesse que tudo lhe vinha de Deus. Com que palavras, diria o seu amor a Deus? Com que vontade se ofereceria a Deus para obedecer e servir? Não existem palavras para exprimir ou explicar este grande mistério.

Ao manifestar ao Pai o grande desejo de servir e agradá-lo, Deus diria que lhe confiava a salvação da humanidade, que tinha se perdido pelo pecado de um homem. Entregava-lhe uma missão: Devia amar os homens com um amor tão grande, sendo capaz de sofrer tudo para salvá-los. Jesus amou os homens por amor ao Pai e por obediência; como era Deus, amou-os desde o princípio com o amor de Deus.

De Jesus, grande manancial e torrente caudalosa, fluiu o amor de Deus para os homens. O Pai entregou toda a humanidade a Jesus. *Todas as coisas me foram dadas por*

meu Pai (Mt 11, 27), ora, está é a vontade daquele que me enviou: que eu não deixe perecer nenhum daqueles que me deu (Jo 6, 39). Porém, como tudo estava perdido ao encomendar-lhe, era necessário reconquistar tudo novamente. Deus não enviou o Filho ao mundo para condená-lo, mas para que o mundo seja salvo por ele (Jo 3, 17).

A recomendação fez com que se preocupasse com verdadeira solicitude, em redimir o mundo. *Sabendo Jesus que o Pai tudo lhe dera nas mãos (Jo 13, 3), preocupado em cumprir a missão, disse: Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste (Jo 17, 6). E orava: Por eles é que eu rogo. Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me destes, porque são teus. Santifico-me por eles para que também eles sejam santificados pela verdade (Jo 17, 9.19).* Quando foi preso no horto, preocupado com o mandato do Pai, defendeu-os: *Se é, pois, a mim que buscais, deixai ir estes. Assim se cumpriu a palavra que disse: dos que me destes não perdi nenhum (Jo 18, 8-9). Não perdeu nenhum por culpa própria, entretanto doeu a perdição de Judas, pois tinha rogado ao Pai também por ele. Conservei os que me deste, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura (Jo 17, 12).*

Desta mesma fonte, nasceu também tudo o que con-
vinha para o bem e felicidade do homem. Pouco antes da Paixão, disse: *O mundo, porém, deve saber que amo o Pai e procedo como o Pai me ordenou (Jo 14, 31). E padeceu na cruz*

pelos homens. Era grande o desejo de cumprir a missão: *Devo ser batizado num batismo; e quanto anseio até que se cumpra!* (Lc 12, 50). O batismo de sangue parecia que demorava uma eternidade, de tão grande que era o seu desejo. No Domingo de Ramos aceitou ser recebido com flores e ser aplaudido pelo povo, para que vissem a alegria de seu coração, a mesma alegria que subiria na cruz. O rei Davi expressou a força do amor de Jesus ao escrever: *Exulta, como um gigante, a percorrer seu caminho. Sai de um extremo do céu, e no outro termina seu curso; nada se furta ao seu calor* (Sl 18, 6-7). O amor divino saiu de Deus e voltou para Deus. Não amou o homem pelo homem, mas por Deus. Não há ninguém que possa escapar do seu calor, nem fugir do seu amor, porque sua caridade é tão ardente que força, quase obriga os corações. *O amor de Cristo nos constrange* (2Cor 5, 14).

O apóstolo Paulo tanto estimava esse amor, que menosprezando a fome, a sede, a perseguição, a vida e a morte, dizia: *Eu mesmo desejaria ser reprovado, separado de Cristo, por amor de meus irmãos* (Rm 9, 3). O apóstolo André diante da cruz que morreria, louvava e dizia para se alegrarem com ele. Os exemplos levam-nos a desejar subir à cruz e encontrar o coração de Jesus. Grande parece ser o amor demonstrado por Paulo e André; maior, infinitamente maior, é o amor de Jesus.

Jacó deu uma grande prova de amor: sete anos trabalhou para o seu sogro Labão, para poder casar-se com

Raquel; era tanto trabalho que de dia não descansava e de noite não dormia; tinha a pele queimada pelo sol e pelo frio. *Assim, Jacó serviu por Raquel sete anos, que lhe pareceram dias, tão grande era o amor que lhe tinha* (Gn 29, 20). Pareceria pouco, também para Cristo uma noite de ultrajes e três horas na cruz para obter como esposa, a Igreja, e fazê-la *toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível* (Ef 5, 27). Sem dúvida amou mais do que sofreu. O amor de seu coração foi maior que o sofrimento de suas feridas abertas. Deus mandou sofrer por todos os homens, mas se fosse por apenas um, da mesma maneira teria sofrido. Assim, como esteve três horas na cruz, se fosse necessário ficaria até o fim do mundo, pois seu amor era infinito.

Foi tamanha prova de amor que surpreendeu a muitos, foi *escândalo para os judeus e loucura para os pagãos* (1Cor 1, 23). A prova de amor que nos deu cega a todos no meio de tanta luz. Quando revela este segredo e mistério: ficamos deslumbrados, nos desmanchamos em lágrimas, queimamos de amor, permanecemos felizes na tribulação, fortalecidos no medo e desejamos amar tudo o que Cristo desejou e amou.

Outro motivo de júbilo para o Senhor foi quando naquela noite, no meio das agressões e injúrias, previa, graças ao seu sofrimento, a imagem de um mundo renovado. Homens transformados da carne para o espírito. Contem-

plava homens que, ao conhecerem o seu sofrimento por eles, faziam-se à sua imagem e semelhança, desprezando o mal e desejosos de fazer o bem no mundo. Com esta alegria poderia sofrer com fortaleza, dar o rosto e o corpo sem desviar dos ataques. Via que através do que lhe faziam aqueles carrascos, Deus moldava nele, a imagem e exemplo dos predestinados.

Deus Pai estava satisfeito com a obediência do Filho, preparava uma honraria por toda desonra e insulto que sofreu naquela noite: compunha um cântico para que fosse exaltado para sempre no céu.

SEXTA-FEIRA SANTA

Amanheceu o dia seguinte, sexta-feira. Para o povo judeu, foi um dia extremamente infeliz, porque cometeria um pecado espantoso, pelo qual mereceria um enorme castigo. Mas também foi um dia próspero: a porta do céu se abriria e a humanidade seria remida.

Embora tenha havido na noite anterior uma reunião na casa de Caifás, era necessário dar um aspecto de legitimidade para convencer o povo. *Chegando a manhã, todos os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se em conselho para entregar Jesus à morte* (Mt 27, 1). Porém, tudo já estava definido: sentença de morte, e depois passar a execução para os romanos. Mesmo sendo a grande maioria do conselho de idade avançada e tendo o julgamento adentrado a madrugada, *logo pela manhã se reuniram os sumo sacerdotes, os escribas e com todo o conselho* (Mc 15, 1). Nota-se que estavam bem dispostos para fazerem o mal.

Este encontro não foi na casa do sumo sacerdote. Levaram-no ao Conselho, onde se realizam as reuniões oficiais, conhecido por Sinédrio. Cada um se sentou em sua cadeira e os juízes pediram a presença do réu.

Retiraram-no da casa do pontífice, onde estava preso, e levaram-no pelas ruas até o palácio para entregá-lo ao Sinédrio. Neste trajeto guardado pelos soldados, como era pela manhã, muitos apareciam nas portas e janelas, para apreciar um preso tão conhecido por sua santidade e admirado por suas obras, a plebe gritava perante sua passagem. O Senhor caminhava com uma corda presa ao pescoço que atava suas mãos também, assim era feito com aqueles que usavam mal de sua liberdade contra o seu povo. Jesus estava com frio e cansado, desfigurado pelos socos e escarros; despenteado, com o rosto cheio de equimoses. Foi assim que apareceu pelas ruas e as pessoas olhavam espantadas. Todos perceberam claramente que seria condenado pelo modo como foi tratado e conduzido.

O rumor se estendeu rapidamente pela cidade e chegou ao conhecimento da Virgem Maria. Contaram-lhe que tiraram Jesus da prisão e levavam-no ao Sinédrio. Ela saiu velozmente para encontrar seu Filho. Seguiram-na João, Maria Madalena e as outras mulheres. Diferentemente, os apóstolos estavam dispersos e escondidos, mas também preocupados com o que acontecia ao Senhor. Mesmo com a cidade toda alarmada, inexplicavelmente ninguém incomodou a Virgem Nossa Senhora. Toda sua dor e aflição foram interiores, dentro do coração, onde oferecia seu Filho, e oferecia-se a Deus, com obediência e amor, mesmo estando angustiada.

O Senhor já estava presente diante do Sinédrio, ordenaram que desatassem as mãos para que pudesse responder as acusações com mais liberdade.

Estando solto na presença do Conselho, não buscavam novos testemunhos, continuaram no mesmo tema da noite anterior, perguntando: *Dize-nos se és o Cristo!* (Lc 22, 66). Repetiram a mesma pergunta feita, há alguns dias no Templo: *Até quando nos deixarás na incerteza? Se tu és o Cristo, dize-nos claramente* (Jo 10, 24).

O Senhor que conhecia os corações, respondeu: *Se eu vo-lo disser, não me acreditareis; e se vos fizer qualquer pergunta, não me respondereis* (Lc 22, 67-68). *Mesmo que provasse através da Lei e dos Profetas, vocês não me libertariam. Não merecem resposta, querem saber a verdade para me condenar. Entretanto, também não quero que pensem que estou com medo e não direi a verdade. Agora sou réu, mas em breve estarei sentado a direita do poder de Deus, para ser juiz de todo o mundo.*

Diante daquela resposta que exprimia toda a verdade, planejaram melhor a acusação: *Então, realmente você é Filho de Deus?* Notava-se todo o escárnio nestas palavras, pois consideravam Jesus louco e mentiroso, não dissimulando a ironia, continuaram: *Você é filho de um pobre carpinteiro, homem de maus costumes, beberrão e glutão, amigo de publicanos e pecadores, endemoniado e blasfemo, diz que se sentará a direita de Deus, que o veremos vir sobre as*

nuvens. Sim, nós o veremos, não nas nuvens, mas pendurado no meio de dois ladrões.

O Senhor, percebendo toda a malícia e o que pretendiam, respondeu com a mesma verdade da noite anterior: *Sim! Eu o sou.*

Perante a firme resposta que o Senhor mantinha, disseram: *Que necessidade temos de mais testemunhas? Nós mesmos escutamos de sua boca a declaração!* Tinham ouvido duas razões suficientes para condená-lo a morte: que era o Cristo, o Ungido Rei dos judeus e também Filho de Deus. A segunda afirmação era para o sumo sacerdote uma blasfêmia contra Deus e pela qual devia morrer. Proclamar-se Rei dos judeus era um crime contra César, que mereceria a cruz. Com estas duas acusações, decidiram levar o réu a Pilatos para que ele executasse a sentença.

JESUS É ENTREGUE A PILATOS

Conduziram Jesus diante de Pilatos (Lc 23, 1), desta vez, não ordenaram aos soldados que o levassem, levantando-se enfurecidos foram todos: o sumo sacerdote, os anciãos e os escribas. Assim garantiriam uma rápida execução da sentença. Cumpria-se a profecia: toda a assembléia de Israel o imolará (Ex 12, 6).

No caminho do Sinédrio ao pretório, voltariam a prender seu pescoço junto com as mãos, como era costume quando se entrega um marginal para a execução.

Da casa de Caifás conduziram Jesus ao pretório. Era de manhã cedo (Jo 8, 28), o rumor estava maior, pois a notícia tinha se espalhado, todos sabiam da condenação, pois a decisão do Sinédrio fora unânime. Agora o processo passava da jurisdição eclesiástica para alçada civil.

JUDAS ENFORCA-SE

Judas, talvez pensasse que não chegaria a este ponto; que a astúcia dos sacerdotes não era para matar Jesus de verdade; pensava em um castigo menor ou um exílio. Ao saber que na noite anterior, na casa de Caifás, tinham-no condenado a morte e o Sinédrio confirmava a sentença, e que agora estava na presença de Pilatos para ser executado, desesperou-se. O demônio o tinha cegado para que traísse Jesus, agora o demônio fazia-o ver seu pecado, enchendo-o de inquietação e medo. Reconhecendo a culpa, que lhe afligia muito, podia ter chorado como Pedro diante do Senhor ou buscado apoio na Virgem Maria. Mas como sempre foi falso, mentiroso e dissimulado com Jesus, não soube achar o verdadeiro caminho. Não sofria por ter ofendido Deus, não desejava emendar-se e servi-lo, o seu

remorso não o levou a uma verdadeira contrição, mas ao desespero, afogando-o no próprio pecado. A dor não era por amor a Deus, era egoísta, tinha se enganado e por isso os homens iriam odiá-lo.

Em primeiro lugar, procurou desfazer o péssimo negócio que tinha feito: devolvendo o dinheiro aos sacerdotes, para que não tivesse mais culpa no destino do Senhor. Foi ao encontro dos sacerdotes e no momento que acusavam Jesus, devolveu as trinta moedas, dizendo: *Pequei, entregando o sangue de um justo (Mt 27, 4), não quero ficar com um dinheiro que me lance a culpa do padecimento deste homem. Não há desculpa pela maldade, a responsabilidade é toda de vocês. Eu menti, pois conheço e convivi com este homem e garanto que ele é santo! Se o vendi, foi por minha culpa, reconheço meu pecado renunciando o dinheiro que ganhei. Não quero ficar com o preço deste homem! Tomem de volta o dinheiro!*

Parece impossível que a confissão de Judas não tenha produzido nenhum sentimento nos sacerdotes. Tinha sido sincero, dito a verdade e devolveu o dinheiro. Mas estavam tão cegos e exaltados que, quando Judas disse que tinha vendido o sangue de um justo, responderam: *Que nos importa? Isso é contigo!*

Nefastos sacerdotes! Que resposta tão estúpida e maldosa. Mesmo com a confissão dizem que o pecado é somente de Judas e não os afeta. Mesmo com o dinheiro

devolvido querem manter o acordo e, ao mesmo tempo, estar livre de toda culpa.

O dinheiro queimava as mãos de Judas, percebendo que não receberiam de volta as moedas de prata, atirou-as no templo. Desesperado, saiu e se pendurou numa corda; caiu de cabeça se arrebatando todo, espalhando suas entranhas. *Tornou-se este fato conhecido dos habitantes de Jerusalém, de modo que aquele campo foi chamado na língua deles Hacéldama, isto é, campo de sangue* (At 1, 19).

Como não havia quem pudesse castigar o pecado de Judas, ele mesmo foi juiz e executor de sua pena. Nem a terra recebeu seu corpo, nem o céu a sua alma. Escolheu a morada dos demônios, onde sua alma foi apoderada, e o demônio sentou-se ao seu lado como advogado: *Suscitai contra ele um ímpio, levante-se à sua direita um acusador. Quando o julgarem, saia condenado, e sem efeito o seu recurso* (SI 108, 6-7).

Judas foi o mais infeliz dos homens, a quem melhor seria não ter nascido! Por que não confiou na misericórdia de Deus? Por que não recordou como sempre o Senhor era misericordioso com todos? O pecado era grande, mas devia lembrar que quando resolveu vendê-lo Ele lavou os seus pés e lhe deu como alimento o seu corpo e o seu sangue; chamou-o de amigo. Infeliz Judas! Poderia ter recorrido a Virgem Maria. Com certeza, ela com sua bondade, teria ido

contigo pedir o perdão a Cristo ressuscitado; ou mesmo na cruz poderia ter conseguido o perdão.

Judas, por que perdeu toda esperança? Podia esperar que o Senhor na cruz, mesmo sem ninguém pedir, intercedesse por todos, inclusive por você! Infelizmente as ações maldosas e o demônio o deixaram cego. Não olhava mais para o Senhor esperando misericórdia, o peso do pecado o afundou.

Os sacerdotes não quiseram receber de Judas o dinheiro, porque se o fizessem moralmente se veriam obrigados a soltar Jesus. Se para Judas a venda parecia um pecado, para eles parecia um ato piedoso; tomar o dinheiro do templo para matar um blasfemo, e assim honrar e prestar culto a Deus.

Quando Judas atirou a moedas no templo, os sacerdotes as recolheram para guardar, e depois decidirem o que fazer com elas. Depois da morte de Jesus, e sabendo do suicídio de Judas, pegaram o dinheiro, mas por ser preço de sangue não podiam colocá-lo de volta no gazofilácio. *Depois de haverem deliberado, compraram com aquela soma o campo do Oleiro, para que ali se fizesse um cemitério de estrangeiros (Mt 27, 7).* Deste modo, os sábios doutores, para não perder o dinheiro, aceitaram como oferenda. Não pareceu errado tirar o dinheiro do templo para matar um homem, mas devolvê-lo parecia sacrilégio. Dissimulando a maldade, com aparente ato de piedade, os "santos e

devotos” sacerdotes compravam um campo para os peregrinos. Mas Deus castigou-os, pois o povo lhe deu o nome de campo de sangue, e toda a vez que fosse citado, se recordaria do crime cometido.

JESUS DIANTE DE PILATOS

A situação era fora do comum. Aquele homem dias antes falava no templo com majestade; tinha sido recebido triunfalmente em Jerusalém com aclamação jamais vista; tinha feito vários milagres e muitos o seguiam; era considerando um grande profeta. E agora estava preso e maltratado como um malfeitor. Sem dúvida a população estava confusa e esse ~~fosse~~ ^{era} o assunto principal na cidade; todos queriam presenciar um acontecimento tão incomum. É provável que Pilatos tenha recebido a notícia na noite anterior, e como homem prudente, estaria se preparando para tratar do caso.

Os sacerdotes chegaram à praça do pretório e subiram ao pórtico por uma escadaria. Mas *não entraram no pretório, para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa* (Jo 18, 28). Os sacerdotes ficariam impuros por pisarem no pretório, no entanto não se consideravam manchados por entregar Jesus à morte. Portanto ficaram no lado de fora e entregaram o Senhor aos oficiais romanos para que o

levassem ao governador. Desculpando-se por motivos religiosos, por não terem entrado, pediam a confirmação e a execução da sentença de morte, pois o caso era tão grave que tinham vindo pessoalmente. *Jesus compareceu diante do governador* (Mt 27, 11), Pilatos inclinou-se a seu favor, pois percebeu que os sacerdotes estavam com má intenção, e que não entrar no pretório era pura hipocrisia. Mesmo assim, por prudência saiu para falar. Sentiu a diferença entre a serenidade do réu e a exaltação e a pressa com que os sacerdotes queriam sua morte. Confirmou seu juízo, e disse-lhes: *Sabem que os romanos não tem por costume condenar ninguém sem que o réu possa se defender. Qual é a acusação contra este homem? Não é justo entregar um preso sem dizer o motivo.*

A observação do procurador romano parece que não agradou, pois implicitamente os tachava de incapazes e injustos. Aborrecidos pela ressalva, exaltados e cheios de soberba disseram: *Se ele não fosse um malfeitor público, nós que somos sacerdotes e escribas não o entregaríamos em suas mãos. Basta que estejamos aqui, para que não tenha desconfiança de nossa retidão.*

Para saber se Jesus era um malfeitor, seria necessário perguntar aos que foram libertos dos espíritos imundos, aos doentes que foram curados, aos leprosos que ficaram limpos, aos surdos que agora escutavam, aos cegos que tinham recuperado a visão e aos que foram

ressuscitados. Caso Pilatos tivesse mais informações, saberia que na realidade Jesus era um benfeitor do povo. O cego que com um pouco de barro recobrou a vista, o paraplégico que depois de trinta e oito anos pôde novamente andar, a menina ressuscitada diante dos pais e de três apóstolos. Estas testemunhas poderiam ser parciais, mas existiam outras testemunhas: toda a cidade de Naím, os presentes nas ressurreições do filho da viúva e de Lázaro, todos aqueles que foram saciados com pães e peixes no deserto, quase toda Jerusalém.

Para legitimar a maldade, precisaram de falsas testemunhas: mentiram e não conseguiram nenhuma acusação contra o Senhor. Os sacerdotes estavam aborrecidos e magoados, porque Pilatos pedia provas e todo o povo estava agradecido pelos benefícios que Jesus tinha feito. Consideravam-se tão importantes, que pretendiam que Jesus fosse cravado da cruz somente porque essa era a vontade deles.

Com a resposta dos sacerdotes, Pilatos inteligentemente percebeu toda a soberba e arrogância, e que havia ódio e parcialidade para desejarem sem provas, matar um homem que era considerado santo e profeta; devia haver uma razão mais profunda.

Com muita astúcia respondeu: *Se este homem é um malfeitor, tomai-o e julgai-o vós mesmos segundo a vossa lei (Jo 18, 31). Acredito que não pediriam a morte de homem inocente, mas não posso condená-lo somente por causa da vanta-*

de de vocês. A lei exige uma acusação formal com provas. Se o código de vocês permite condenar um homem tão depressa, sem o ouvir a defesa, façam como quiserem, eu não impedirei.

Os sacerdotes replicaram: *Não nos é permitido matar ninguém.* Talvez tenham dito isto, por causa do domínio romano, que lhes tirava o poder, pois a lei judaica permitia em alguns casos, ou porque sendo Páscoa, não podiam executar sentenças. Mas possivelmente, pensavam na crucificação, introduzida na Judéia pelos romanos; esta seria a morte mais desejada, pois era a mais humilhante. Com isso queriam dizer: os delitos deste homem são tão atrozes, que não é suficiente castigá-lo com uma morte simples, merece a crucificação e se houvesse uma mais dura, essa seria a forma. Nós não podemos crucificá-lo, por isso apelamos ao governador. *Assim se cumpria a palavra com a qual Jesus indicou de que gênero de morte havia de morrer* (Jo 18, 32): Crucificado pelas mãos dos gentios na Páscoa.

Vendo que Pilatos queria uma acusação formal, deram-lhe uma: *Encontramos este homem insurgindo o povo a não pagar o tributo a César e proclamando-se rei.* Acusavam de incitar o povo; que proibia o pagamento a Roma, pois o povo eleito não devia subordinação a um imperador pagão e, por fim, que se proclamava rei.

Sabiam que toda a acusação era uma mentira. Como podia promover uma revolta quem nunca participou de reuniões secretas? Falava abertamente no templo e nas sina-

gogas, onde dizia exatamente o oposto; que obedecessem aos fariseus e escribas, pois estes ocupavam o lugar de Moisés. Quando foi preso estava rezando.

Em relação aos impostos, quando foi perguntado se era lícito pagar, respondeu: *Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus*. Os próprios publicanos eram testemunhas de que Ele mesmo pagava os impostos (cf. Mt 17, 26).

Quanto ao se fazer rei, podemos lembrar que *Jesus, percebendo que queriam arrebatá-lo e fazê-lo rei, tornou a retirar-se sozinho para o monte* (Jo 6, 15).

Os sacerdotes pretendiam ocultar o verdadeiro motivo, pois se proclamar Filho de Deus perante um gentio não seria pretexto para levá-lo a morte. Então o acusaram, usando um motivo que preocuparia mais o governador: estar contra César e os impostos.

Pilatos centrou-se na acusação de que se fazia rei, pois era evidente que sendo rei, seria contra César e os impostos. Temendo desordem dos populares, por prudência, entrou no pretório para examinar Jesus. Pilatos era gentio, mas vivia há alguns anos em Jerusalém, conhecia a fama de Jesus e tinha ouvido falar sobre a espera de um Messias que seria Rei. Pensando em um reino terreno, chamou-o à sua presença e perguntou: *Tu és o rei dos judeus?* Os quatro Evangelhos concordam que esta foi a primeira pergunta.

O Senhor, que não estava presente quando Pilatos conversou com os sacerdotes, disse: *Dizes isso por ti mesmo, ou foram outros que to disseram de mim?* (Jo18, 34). Mostrava que sabia de onde vinha o veneno, embora os autores estivessem escondidos.

Pilatos percebeu pelas palavras que tinha sido influenciado pelos sacerdotes e para desfazer a impressão, indagou: *Por acaso, sou judeu para me preocupar com o Messias? Pergunto, não por me importar, mas porque sou seu juiz e esta foi a acusação contra você. Os seus compatriotas, sacerdotes e doutores da lei o entregaram, o que você fez? Se faz rei sem o ser ou é rei e eles não aceitam?*

Que tinha feito? O Senhor poderia ter respondido extensamente em sua defesa; mas foram feitas duas perguntas: se era rei e o que tinha cometido para os sacerdotes o entregarem. Jesus respondeu: *Meu reino não é deste mundo.* Quando diz reino não se refere apenas ao Paraíso, mas também a todos os fiéis do mundo que formam a Igreja. Por isso não disse: O meu reino não está neste mundo, porque na verdade está. Meu reino não é terreno, nem temporal, mas do céu, de onde descí para unir com a terra por meio das minhas palavras e obras, por meio da fé. Vim para resgatá-lo do mal com minha morte; santificá-lo com os Sacramentos; lavá-lo com meu sangue; torná-lo belo com minha graça; dar-lhe vida com meu espí-

rito. Não é deste mundo, porque não consiste em bens mundanos, mas em vida e salvação eterna.

O Senhor continuou para tentar tirar Pilatos e os sacerdotes do erro: *O seu reino que é deste mundo, e eu não vou tirá-lo, mas desejo lhe dar o reino eterno.* Eu asseguro que nenhum rei deve temer o meu reino, porque *se meu reino fosse deste mundo, os meus súditos certamente teriam pelejado para que eu não fosse entregue aos judeus* (Jo 18, 36). Estou tão longe destas coisas, que adverti um dos discípulos para que guardasse a espada. Não, o meu reino não é deste mundo.

Pilatos ficou mais calmo, pois embora o Senhor tenha dito por três vezes que era rei e tinha reino, deixou claro que não era daqui e não estava conspirando contra César. *Perguntou-lhe então Pilatos: És, portanto, rei? Respondeu Jesus: Sim, eu sou rei.* E respondendo a segunda pergunta, disse: *É para dar testemunho da verdade que nasci e vim ao mundo. Todo o que é da verdade ouve a minha voz* (Jo 18, 37).

Com esta resposta mostrou a causa do ódio dos sacerdotes: tinha dito a verdade e eles estavam muito longe dela.

Pilatos perguntou: *O que é verdade?* Não esperou a resposta e saiu para encontrar os sacerdotes.

Estava convencido da inocência de Jesus. Escutou pessoalmente que ele não tinha reino e nem pretendia ter, viu que não havia nenhum sinal de realeza. Sobre o outro

mundo, não quis nem comentar com os sacerdotes. O tema verdade não o atraiu: o Senhor havia falado que somente dizia a verdade e os que a amam, ouvem sua voz. Com sua arrogante autoridade disse com menosprezo: Que é verdade? E imediatamente saiu sem esperar uma resposta. Estava satisfeito com o que tinha escutado e disse aos sacerdotes: Eu examinei este homem e as acusações feitas e não encontrei motivo algum para condená-lo. Assim, testemunhava a inocência do Senhor e a injustiça das acusações.

Percebendo que a situação estava se acalmando, imaginando que Jesus tinha falado do reino espiritual e convencido Pilatos, começaram a gritar: Ele diz que seu reino não é deste mundo, mas formou discípulos e espalhou o seu ensinamento por toda Judéia até a Galiléia, chegando sua doutrina até aqui em Jerusalém.

Talvez dissessem sobre Jerusalém, porque há poucos dias, na Festa de Ramos toda a cidade se tinha alvoroçado perguntando: Quem é este?

Pilatos percebia que o assunto estava ficando muito confuso, querendo se livrar logo de tudo isso. Quando escutou a palavra Galiléia, logo *perguntou se ele era galileu. E, quando soube que era da jurisdição de Herodes, enviou-o a Herodes, pois justamente naqueles dias se achava em Jerusalém (Lc 23, 6-7).*

JESUS É LEVADO A HERODES

Herodes, chamado Antipas, tetrarca da província da Galiléia. Tinha como irmãos: Felipe, tetrarca da Ituréia e Arquelau, que fora tetrarca da Judéia. Há tempos a Judéia era governada por procuradores romanos; Pôncio Pilatos era o sexto. Os três irmãos eram filhos de Herodes, o Grande; o mesmo que querendo matar o menino Jesus, massacrou os inocentes em Belém. Herodes Antipas era então tetrarca da Galiléia, quando Jesus foi preso e condenado. Era tão desonesto que tinha tomado Herodíades, mulher de seu irmão Felipe, e vivia publicamente em adultério com ela. Por desejo de Herodíades, após Salomé dançar para ele, mandou matar João Batista, que o censurava pela sua vida escandalosa. Era tão ambicioso, que para conseguir o reino da Judéia, que havia tirado de seu irmão Arquelau, fazia de tudo para criar simpatia entre os judeus. Talvez por esta razão, veio celebrar a Páscoa em Jerusalém, e pela mesma razão mandou mais tarde matar Tiago e prender Pedro⁶ (cf. At 12, 2-3). Herodes era inimigo de Pilatos, porque o governador estava à frente de uma província que desejava; e tinha mandado matar dentro do templo alguns judeus durante um sacrifício, e sendo amigo de um pagão não alcançaria simpatia perante os judeus.

6. Quem mandou matar Tiago e prender Pedro fo: Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande.

Estes eram os monstros que detinham o poder, em suas mãos estava o destino do Senhor.

Perante a inocência de Jesus e a revolta dos sacerdotes, Pilatos decidiu ter uma consideração com Herodes, e enviou-lhe um preso tão extraordinário como se fosse um presente real. Por Herodes ser judeu,⁷ pensava que poderia entender melhor a causa e resolver o processo. Qualquer que fosse o motivo, Pilatos se via livre de toda a situação, mesmo comportando-se como um péssimo juiz, pois conhecia a verdade e não a defendeu. Preferiu confiar o problema a um homem ambicioso e desonesto.

Como não tinham conseguido seu intento junto a Pilatos, ficaram felizes quando Jesus foi enviado a Herodes, pois este desejava agradar-lhes. Poderiam lembrar que seu pai perseguiu Jesus, quando este era menino. Com Jesus sob sua custódia seria mais fácil incitar o povo a pressioná-lo para que fizesse seu dever patriótico.

Com isso todos os tribunais e poderosos conheceram o processo contra Jesus de Nazaré e conseqüentemente sua inocência.

Correu a notícia vinda do pretório: haviam levado Jesus para o palácio de Herodes. Vendo os sacerdotes saírem, voltou a aglomeração do povo pelas ruas para ver Jesus passar. Pilatos enviou um mensageiro na frente para

7. Herodes não era considerado um judeu nato, porque seu pai era Idumeu.

avisar Herodes, os sacerdotes também se adiantaram para poderem pressionar; depois chegou Jesus amarrado entre os guardas.

Herodes ao ver Jesus encheu-se de alegria, pois queria há muito tempo conhecê-lo, tinha ouvido falar muito a seu respeito e esperava ver algum milagre.

Disse que estava contente que na sua província, Galiléia, surgisse um homem tão importante; que fazia tempo que queria conhecê-lo; que tinha ouvido falar de seus milagres e ensinamentos; prometia interceder em seu favor em troca de um desejo. Depois perguntou se realmente era ele que os magos do oriente tinham vindo adorar e que trouxe tanta preocupação a seu pai; se era *João Batista que ressuscitou* (Mt 14, 2); se os milagres eram verdadeiros, pois sendo assim seria mais que um homem. E então pediu que fizesse um milagre na sua presença, já que fazia muitos e gratuitamente, recordando que era seu rei, juiz e podia livrá-lo ou enviar-lhe a morte.

Jesus não fez nenhum milagre e nada respondeu. Perante Pilatos tentou explicar a verdade, pois este aparentava desejo de conhecê-la, embora depois se deixasse levar pela covardia. Mas Herodes não buscava a verdade, pelo contrário, ela o incomodava a ponto de mandar matar João Batista, que era a voz de Jesus. Como falar diante daquele que havia matado a verdade?

Além disso, era apenas por curiosidade e divertimento que Herodes desejava um milagre. Como se Jesus fosse um bobo da corte, um palhaço para alegrar e entreter os cortesões. A Majestade do Senhor não se sujeitou em ser um bufão nas mãos de Herodes. Não deu aos soberbos e arrogantes o que distribuía com tanto gosto aos simples e humildes.

Ele se oferecia voluntariamente à morte e não se acomodaria para escapar, realizando desejos tolos.

Com o silêncio ensinou a desprezar a honra e o favor mal intencionado; a não usar da graça de Deus em cobiças e ambições pessoais; a ser cuidadosos e não falar de Deus ingenuamente perante pessoas que só têm curiosidade e querem fazer chacota.

Os sacerdotes e escribas presentes, temendo o fracasso pela segunda vez, com grande insistência continuavam com as acusações. Quando Herodes pediu um milagre, ficaram com medo, pois caso acontecesse, podia ser persuadido. Assim, para que Herodes ficasse com ódio, aumentaram os ataques. Diziam que Jesus e João Batista eram parentes e juntos caluniavam sobre o adultério de Herodíades; que tinha louvado e defendido João em público, quando este estava preso; que o tinha insultado de "raposa" perante todos; que seu trono não estava seguro, como o seu próprio pai não estava, quando Jesus era um menino. Herodes depois do longo silêncio de Jesus,

começou a considerá-lo um louco; os sacerdotes e escribas temendo que fosse posto em liberdade por este motivo, insistiam com novas acusações; diziam que estava fingindo e fazia-se de mudo, mas quando estava diante do povo, sabia muito bem o que falar.

O silêncio do Senhor pareceu a Herodes uma ofensa à sua pessoa e como vingança, desprezou-o. Pilatos, que examinava a situação como um juiz prudente ficou admirado perante o silêncio, ao contrário, Herodes que era um homem vazio e ambicioso, que só buscava poder e luxo, sentiu apenas desprezo. Como não conseguiu arrancar nenhuma palavra, muito menos um agradecimento por tentar salvá-lo em troca de um milagre; começou achar que era um demente. Esta é a esperteza do mundo, que tem por loucura a sabedoria de Deus.

Os cortesões e soldados da guarda caçoavam de Jesus e começaram a dar empurrões como se fosse um bobo da corte. Herodes mandou vesti-lo com uma túnica branca, para zombar de sua realeza. Entediou-se, e o mandou de volta para Pilatos fazer o que desejasse com ele.

Naquele dia Pilatos e Herodes fizeram as pazes. Os dois eximiram-se da causa, quando por motivo de seus cargos, tinham por obrigação, julgar e absolver Jesus.

PILATOS NOVAMENTE JULGA JESUS INOCENTE

Levaram-no de volta do palácio de Herodes ao pretório. Tudo outra vez, os mesmos criados e soldados, os mesmos ruídos e injúrias pelas ruas. As únicas novidades eram os escárnios que Herodes tinha feito e a túnica branca que Jesus vestia e despertava muita curiosidade.

Acontece muito com as pessoas mediócras: vestem a roupa mais adequada para cada situação. Escondem o vício com aspecto de virtude; a mentira com roupa de sabedoria; a vingança é considerada justiça. Ao contrário desnudam as virtudes; o pudor é chamado de vaidade; a modéstia de timidez; a devoção de loucura; a verdade de hipocrisia. Assim, Herodes vestiu uma roupa de rei, para ridicularizar o Senhor.

A Virgem Maria ficava sabendo aos poucos de todos os acontecimentos. Não podemos imaginar o que sentiu no seu coração quando tomou conhecimento que Jesus estava com aquela roupa.

Voltando ao pretório, Pilatos ficou sabendo que Herodes também não encontrou nenhum motivo para condená-lo. Para afastar a desconfiança de que tivesse atuado com excessiva brandura, *convocou então os príncipes dos sacerdotes, os magistrados e o povo* (Lc 23, 13), voltando a examinar a causa perante todos, mas não encontrando nada realmente grave disse: Vocês me apresentaram este

homem como um subversor do povo, mas interrogando-o, não encontrei nele nenhuma culpa. Nem mesmo Herodes, que conhece a crença e lei de vocês, encontrou algo para levá-lo a morte, sendo assim não cometeu nenhum crime contra Roma ou contra a lei. *Por isso, soltá-lo-ei depois de o castigar* (Lc 23, 16).

Ao perceberem que Pilatos estava decidido a libertá-lo, ficaram perturbados com a ideia de ter Jesus novamente contra eles; conheciam a força de suas palavras ao ensinar e repreender; o poder de juntar o povo com seus milagres. Se continuasse vivo, perderiam a autoridade e o prestígio, por isso os sacerdotes continuaram a acusá-lo de muitas coisas.

Ele, porém nada respondia às acusações dos príncipes dos sacerdotes e dos anciãos (Mt 27, 12). Havia respondido o suficiente para Pilatos, mas perante as acusações dos sacerdotes calou-se, porque tudo era mentira e calúnia. A verdade era notória e já tinha falado na noite anterior perante Caifás: *Se eu vo-lo disser, não me acreditareis* (Lc 22, 67). *Por que me perguntas? Pergunta àqueles que ouviram o que lhes disse. Estes sabem o que ensinei* (Jo 18, 21).

Santo Ambrósio comenta: O Senhor acusado, com razão fica calado, não necessita de defesa. Que procurem se defender os que temem ser vencidos. Ao se calar não concedeu, apenas teve pouca consideração pelas acusações e não se dignou refutá-las.

Surpreso com o silêncio, Pilatos perguntou: Não escuta todas as acusações que fazem? Jesus estava tão sereno que não demonstrava o menor sinal de preocupação, confirmando o salmo que diz: *Eu, porém, sou como um surdo: não ouço; sou como um mudo que não abre os lábios* (Sl 37, 14). *Pilatos perguntou outra vez: Nada respondes? Vê de quantos delitos te acusam!* (Mc 15, 4). *Mas, para grande admiração do governador, não quis responder nenhuma acusação* (Mt 27, 14). Ficou espantado, pois não estava acostumado e achava estranho o silêncio. Os doutores da lei, conhecedores das Escrituras, não lembraram o que estava escrito a respeito: *Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro* (Is 53, 7).

JESUS É PRETERIDO A BARRABÁS

Pilatos *sabia que os sumo sacerdotes o haviam entregado por inveja* (Mc 15, 10). Convencido disso procurava libertar Jesus, mas como não havia conseguido como inocente, tentou como culpado. *Era costume que o governador soltasse um preso a pedido do povo em cada festa de Páscoa* (Mt 27, 15), em memória da libertação do Egito. Como era um benefício, todo o povo estava em frente a residência de Pilatos, lembrando-lhe desta tradição. Pareceu a Pilatos que tinha encontrado a solução para livrar Jesus. *Havia na*

prisão um, chamado Barrabás, que fora preso com seus cúmplices, o qual na sedição perpetrara um homicídio (Mc 15, 7). Embora a tradição fosse o povo escolher algum preso, desta vez seria diferente, teriam que escolher um dos dois. Pilatos dirigiu-se ao povo reunido: *Qual quereis que eu vos solte: Barrabás ou Jesus, que se chama Cristo?* (Mt 27, 17). Como sabia que era por inveja, não acreditava que se atreveriam a escolher um assassino no lugar de Jesus.

Mas venceu a maldade dos sacerdotes. Ao ouvir a pergunta do governador, sabendo que o povo admirava Jesus por seus milagres e ensinamentos, se espalharam pelo povo para subornar e convencer, *que pedisse a libertação de Barrabás e fizesse morrer Jesus* (Mt 27, 20). Argumentaram que Barrabás era realmente um assassino, mas pior é querer destruir o templo; caso Barrabás não se endireitasse, poderiam depois prendê-lo de novo, mas com certeza ficaria tão agradecido que fatalmente se comportaria bem; que Jesus era presunçoso e nunca agradeceria a liberdade, continuando a colocar a nação em perigo; se não fosse agora, depois seria tarde para consertar o dano causado; que o governador tentava enganá-los, porque se escolhesse quem estava contra César seriam coniventes e os romanos os aniquilariam. Foram com estas razões que *os pontífices instigaram o povo para que pedissem de preferência que lhes soltasse Barrabás* (Mc 15, 11).

Como houve uma demora do povo em responder, Pilatos perguntou novamente: Qual dos dois deve ser solto? Estava claro que a intenção era livrar Jesus, pois o considerava inocente. Mas dar a liberdade em confronto com Barrabás era um favor mesquinho, pois não o inocentava, apenas o libertava pelo privilégio da Páscoa. Mesmo que Jesus saísse livre, era uma ofensa e uma injustiça compará-lo a Barrabás. Induzidos pelos sacerdotes, *todo o povo gritou a uma voz: À morte com este, e solta-nos Barrabás* (Lc 23, 18). O ódio era tanto que nem o chamavam pelo nome: *Não! A este não! Mas a Barrabás!* (Jo 18, 40).

Como o Senhor tem uma alma generosa, talvez o desprezo e a ingratidão ao escolherem Barrabás foram as ofensas mais profundas que o Senhor recebeu em sua Paixão, maiores que as agressões físicas sofridas em seu corpo.

Quando somos ofendidos, devemos pensar que pouco vale a opinião dos homens e buscar somente agradecer a Deus.

O próprio Santo dos Santos foi considerado malvado entre os malvados: *Era desprezado, era a escória da humanidade, homem das dores, experimentado nos sofrimentos; como aqueles, diante dos quais se cobre o rosto, era amaldiçoado e não fazíamos caso dele* (Is 53, 3). Esta foi a grave acusação que Pedro lançaria sobre eles: *Mas vós renegastes o Santo e o Justo e pedistes que se vos desse um homicida. Matastes o príncipe da vida* (At 3, 14-15). Esta escolha

acarretou para os judeus: a destruição de sua cidade, o fim de Israel como nação e a morte e sujeição de muitos.

Pilatos ainda desejando libertar Jesus, intercedeu de novo: Que devo fazer com o rei dos judeus? Nomeando como rei, os envergonhava, pois não poderiam dar uma morte de cruz, seria um desonra muito grande, mas eles só desejavam uma coisa, a condenação e gritaram repetidas vezes: Crucifica-o! Pilatos insistiu com mais força: *Mas, que mal fez ele, então? Não achei nele nada que mereça a morte; irei, portanto, castigá-lo e, depois, o soltarei* (Lc 23, 22).

Quanto mais o defendia, mais os pontífices ficavam enfurecidos e gritavam para crucificá-lo; a boa vontade do governador estava sendo dominada.

PILATOS MANDA AÇOITAR JESUS

Pilatos oferecia ao povo castigar Jesus com açoites, não seria somente doloroso, seria humilhante; a pena só era aplicada aos escravos e aos habitantes subjugados por Roma, a lei proibia a punição em cidadãos romanos. Pensava que seria suficiente, pois se de algum modo era culpado perante os judeus, com os açoites ficaria desprestigiado e humilhado e não teria mais fascínio perante o povo. A proposta não atraiu ninguém, mesmo assim decidiu aplicá-la imediatamente, pensava que talvez conseguisse convencer e mudar a opinião dos sacerdotes.

Com esta intenção e fugindo de toda gritaria, entrou para o pretório com o Senhor, reclamando daquela ralé.

Falou com Jesus sobre o ódio de que estavam contra ele e como tentou persuadi-los; que sabia que era por inveja, mas não conseguia raciocinar com toda aquela algazarra; que era melhor sofrer com os açoites do que morrer; que não era prudente um confronto, pois poderia perder o governo da província; que assim eles se acalmariam e se livraria deles; que se preparasse para sofrer o castigo. O Senhor mesmo calado, era como se dissesse: Estou pronto!

Desde a planta dos pés até o alto da cabeça, não há nele coisa sã (Is 1, 6). A pena consistia em açoitar todo o corpo. Assim o Senhor curaria as chagas de seu corpo místico, a Igreja. Jesus teve que sofrer uma crueldade tão grande, porque foi em troca da nossa horrível sensualidade e desonestidade.

Pilatou entregou Jesus aos carrascos, que o retiraram de sua presença e ordenaram que se despisse. *Ele, ultrajado, não retribuía com idêntico ultraje; ele, maltratado, não proferia ameaças* (1Pd 2, 23). Enquanto era despido para receber o tormento, os verdugos com pressa começaram a insultar e a rasgar suas vestes. O mais formoso corpo, concebido sem pecado, unido a divindade para honrar toda a criação e que ao contemplá-lo, pudéssemos dar graças a Deus, estava desnudo, bem ali no pretório e foi açoitado na frente de todos.

Os executores começaram os açoites. Amarraram com força as mãos do Senhor em uma coluna, para que não se soltassem pela crueldade e violência usada durante a sessão.

Não era necessário atar o Senhor. Mesmo livre, aceitaria pacificamente, pois estava preso por amor, e se não fosse por amor nada poderia segurar Jesus a uma coluna.

Castigaram conforme o costume romano. A punição era mais cruel entre os romanos que entre os judeus.⁸ Existiam vários instrumentos de tortura: o látigo tinha três tiras de couro duro amarradas a uma vara curta; o fuste era uma simples correia de couro; o pior de todos era o flagelo, que era um látigo com bolinhas de metal e pedaços pontudos de ossos amarrados por arame na ponta. Os verdugos se revezavam na aplicação, segundo parece, eram seis que descarregavam com toda força os golpes nas costas do Filho de Deus.⁹

Jesus Cristo flagelado por nossa culpa; devemos entender como somos valiosos, fomos comprados a um preço muito alto; estamos em dívida com quem pagou por nós; não podemos voltar à escravidão do pecado; precisamos valorizar a grandeza do nosso resgate.

8. Entre os hebreus as chicotadas não podiam passar de 39.

9. Segundo estudos no Santo Sudário, seriam dois os flageladores: um de cada lado, aproximadamente a um metro da vítima, desferindo simultaneamente os golpes. Ambos seriam destros.

A coluna em que estava preso era baixa, de modo que as costas ficavam arqueadas e esticadas, deixando assim uma área maior para os açoites. O flagelo acertava desta maneira o corpo todo. Não sabemos o número de açoites;¹⁰ era costume romano deixar a cargo dos carrascos e a resistência do condenado. Não podiam ser poucos os açoites, não só pela crueldade dos verdugos, mas porque eram muitos os pecados da humanidade que o Senhor tinha que saldar.

O profeta havia falado do estado depois da flagelação. *Não tinha graça, nem beleza para atrair nossos olhares, e seu aspecto não podia seduzir-nos* (Is 53, 2). *Tudo é uma ferida, uma contusão, uma chaga viva* (Is 1, 6). Se tudo isso sentia o profeta tão longe no tempo, imagine o que sentia sua Mãe que estava próxima do local. Todas as mães sofrem pelos filhos; a Virgem Maria sofreu mais, porque seu Filho era Deus. Derramou tantas lágrimas, quanto foi derramado o sangue de seu Filho.

A Virgem Maria contaria aos ausentes que durante a Paixão do Filho, sentiu em sua própria carne o primeiro açoite, recobrando-se viu o corpo de Jesus todo chagado; que os viu rasgando a carne até aparecerem os ossos.

Somente a Virgem Maria sabia reconhecer plenamente o amor que Deus tinha pela humanidade, não

10. O Santo Sudário indica um número superior de 120 golpes e mais de 700 feridas decorrentes dos açoites.

poupando o Filho único. Ela também se unia a entrega com todo amor, para que todos os homens fossem salvos, desejando que todos reconhecessem o imenso benefício do Senhor para com eles.

Existe alguém tão cego que não o conheça? Que tenha um coração tão duro que não fique contrito e renda-se aos seus pés? Qualquer pessoa teria compaixão por alguém que para salvar um ladrão, fosse preso pelo seu crime e vendesse todos os bens para pagar por um crime que não cometeu. Se este beneficiado, embora ladrão, fosse um homem de verdade, ficaria envergonhado por outro estar preso e na miséria por sua culpa, sem demora confessaria que era o culpado e o outro inocente.

Porventura posso restituir o que não roubei? (Sl 68, 5). Nosso coração é ingrato se não reconhece os pecados feitos contra Deus; nosso coração é de pedra se não chora implorando perdão.

Quando o fiador liquida a dívida, o devedor fica livre. Assim é a justiça de Deus, uma vez que Cristo pagou por nós, não pede nada, apenas deseja que aproveitemos a graça. A redenção foi algo de tão grandioso e generoso, que embora seja uma graça imensa que Deus perdoe as ofensas dos homens, maior ainda é o pagamento que Jesus Cristo realizou por nossas dívidas.

O homem merecia ser preso, que escarnecessem dele, lhe batessem, o castigassem com açoites e depois o matassem, mas quem aceitou isso, foi um homem que ao mesmo tempo era Deus.¹¹

Jesus Cristo desejou receber no corpo a punição que nós merecíamos pela nossa impureza; corrigiu na sua carne a nossa rebeldia; à custa da sua dor deu exemplo de como devemos dominar a carne, para que ela não se imponha ao espírito e nos faça cair no pecado.

O mais belo dos filhos dos homens (Sl 44, 3) perdeu a a formosura e ficou com o corpo todo chagado, como um leproso, para que a nossa alma ficasse bela e agradável aos olhos de Deus; e também fez por sua Igreja, para apresentá-la a si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível (Ef 5, 27).

OS SOLDADOS ULTRAJAM JESUS

Enquanto os soldados açoitavam o Senhor, Pilatos fingia não ver ou talvez tivesse saído do pretório. Não pretendia com a pena castigar o réu, apenas tentava satisfazer os inimigos. Provavelmente os inimigos pagaram aos

11. São João de Ávila. Aud: Filia, 19.

verdugos para que castigassem com bastante violência. Entre a dissimulação do governador e o ódio dos acusadores, os verdugos se excederam acima do suportável na punição. Assim que desprenderam Jesus da coluna, começaram os escárnios e as injúrias.

Pilatos formou uma ideia particular sobre o reino de Cristo, misturando o que tinha ouvido dos judeus e do próprio Jesus. Tinha tomado conhecimento que uns dias antes, o povo o aclamara rei, mas não conseguia compreender o mistério sobre um reino de outro mundo. Sabia que Jesus atribuía a si mesmo uma dignidade real e que os judeus não a aceitavam. Era evidente que não merecia morrer, talvez apenas uma punição pela confusão causada na cidade. Soube que Herodes o considerou um louco. Talvez por tudo isso tenha deixado os soldados ridicularizarem o Senhor, assim os judeus ficariam satisfeitos e não pediriam mais sua morte.

Os soldados ficaram entusiasmados pela possibilidade de se divertirem livremente. Cumpria-se o que estava escrito: *augmentaram a dor daquele a quem feristes* (Sl 68, 27).

Foram tão criativos na humilhação, que somente uma intervenção do demônio pode explicar a tamanha barbárie que se apoderou dos carrascos. Somente acreditamos em tamanha crueldade por estar relatada no Evangelho, de outra forma, nunca poderíamos acreditar em tamanho horror.

Para injuriar e escarnecer de Jesus, não foi suficiente apenas os carrascos, chamaram todo o pelotão, perto de cento e vinte cinco soldados; foram todos se divertir e passar o tempo com aquele louco que se achava rei.

O Senhor havia vestido a túnica após os açoites, o sangue coagulado do corpo se prendia na sua vestimenta. Com força usada, abriram-se as feridas e voltou a sangrar. *Arrancaram-lhe as vestes e colocaram-lhe um manto escarlate* (Mt 27, 28).

Quem trajava o manto vermelho era o imperador romano, deste modo ficava patente a chacota em cima de quem pretendia ser rei. O manto era velho, rasgado e sujo; colocaram de qualquer jeito, demonstrando que sua pretensão era de um louco.

Depois *os soldados teceram de espinhos uma coroa e puseram-lhe sobre a cabeça* (Jo 19, 2). A coroa tinha a forma de um capacete e cobria toda a cabeça, alguns espinhos eram longos e pontiagudos, outros curtos e encurvados. Não sabemos quais tipos de espinhos foram usados, pois em Jerusalém existem muitas espécies. Cravaram com toda força, usando pedaços de pau, para não ferirem as mãos. A dor foi enorme e o sangue começou a escorrer pelo rosto. O Senhor deixou para nós, junto à sua coroa, duas preciosidades: a dor e a humilhação.

Continuando a injúria, *puseram-lhe na mão uma vara para fazer de cetro real* (Mt 27, 29). Tinham Jesus como

um homem sem valor, a vara representava seu reino: fraco e partido.

O Senhor havia dito aos discípulos sobre o destino do Filho do homem: *Escarnecerão dele, cuspirão nele* (Mc 10, 34).

Ajoelhados diante de Jesus, começaram a saudá-lo: *Salve, rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas* (Jo 19, 3), zombavam e fingiam adorá-lo como rei. *Cuspiam-lhe no rosto e, tomando da vara, davam-lhe golpes na cabeça* (Mt 27, 30), misturando aquela saliva asquerosa com o precioso sangue e enterrando mais os espinhos em sua cabeça.

Os soldados conduziram-no ao interior do pátio, isto é, ao pretório (Mc 15, 16). Era grande e comportava todo o público espectador. Assentaram Jesus para que todos pudessem ver, despiram-no e colocaram o manto curto e a coroa de espinhos, e diziam debochados: Este manto, senhor rei, quem envia é o imperador de Roma. Todos, soldados e povo, gargalhavam com a encenação. Colocando em sua mão a vara: Receba o cetro real, que representa o reino: vazio como sua cabeça. Escorriam lágrimas de dor dos olhos de Jesus, Senhor dos senhores, Rei dos reis.

Ao cravarem a coroa de espinhos com pauladas, diziam: Como é rei, não pode ficar sem uma coroa, esperamos que esta seja de seu agrado. Escorrendo sangue pelos cabelos, testa, rosto e pescoço, o Senhor inclinou a cabeça para o alto, para que nós que estávamos caídos,

podéssemos nos levantar. *Mas vós sois, Senhor, para mim um escudo; vós sois minha glória, vós me levantai a cabeça* (Sl 3, 40).

Quem poderá reclamar de uma ofensa, quando vemos o quanto o Senhor sofreu por nós?

Jesus permanecia imponente ante os algozes. *Aos que me feriam, apresentei as espáduas, e as faces àqueles que me arrancavam a barba; não desviei o rosto dos ultrajes e dos escarros* (Is 50, 6). O Senhor era mais poderoso em sofrer, do que os inimigos em o maltratarem; sentava-se com tanto esplendor, como se fosse uma coroação real; aceitava as injúrias como se fossem louvores. Nunca houve na história, um rei ou imperador que aceitasse com tanto amor aquele manto sujo, o cetro-vara e a coroa de espinhos. O Senhor gostaria que todos os homens estivessem presentes à sua coroação. Mas poucos estavam presentes ao convite: *Sai, ó filhas de Sião, contemplai o rei Salomão, ostentando o diadema recebido de sua mãe no dia de suas núpcias, no dia da alegria de seu coração* (Ct 3, 11). O rei glorioso por vossa santidade (Ex 15, 11), seria coroado não por jóias, mas pela riqueza que Deus lhe concedeu para sua glória: a obediência até a morte por amor.

O manto rubro era velho e não tinha valor, porque o verdadeiro traje real eram as chagas com seu sangue.

Reúnem-se todos e vem a ti. Por minha vida, diz o Senhor, de gala te revestirás, como uma noiva te cingirás (Is

49, 18). Aquele manto representava os amigos fiéis, por quem derramava seu sangue, ^{lavingando-os} os tornando novos, limpos e cheios da graça. *Felizes aqueles que lavam as suas vestes para ter direito à árvore da vida e poder entrar na cidade pelas portas* (Ap 22, 14). Por este caminho se tornou Rei dos reis, porque todos os seus súditos, ficaram vestidos de vermelho com seu precioso sangue.

Nenhuma coroa seria digna, pois tudo neste mundo é perecível. O que fica é o amor que se adquire pelo sofrimento, como espinhos que ferem. Embora merecêssemos a morte eterna e todo o sofrimento, o Senhor recebeu os espinhos em nosso lugar. O que seria para nós castigo, para Ele foi glória eterna. Dos espinhos de que fomos poupados, brotou flores de imortalidade, uma coroa perene. Cravada firmemente em sua cabeça, assim não cairia e ninguém poderia tirá-la, seu reino seria inabalável e perpétuo.

O seu cetro era uma vara, mas de ferro: *Tu as governarás com cetro de ferro, tu as pulverizarás como um vaso de argila* (Sl 2, 9). Teria domínio sobre todos os povos, os reis do mundo lhe seriam submissos e seus inimigos ficariam humilhados e frágeis como vasos de barro. *O Senhor estenderá desde Sião teu cetro poderoso: Dominarás, disse ele, até o meio de teus inimigos* (Sl 109, 2). Assim aconteceu: os apóstolos saíram e conquistaram o mundo com a Palavra. A força não era deles, vinha do alto; eram frágeis como uma vara, mas o Senhor os tornou rijos como ferro. *A*

fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (1Cor 1, 25). Uma vara posta na mão de Deus é mais forte que tudo. Santo Atanásio diz que os apóstolos foram à vara frágil: ignorantes e fracos, mas em pouco tempo se estenderam por todo o mundo, com o cetro de Deus, vencendo e convertendo reis, sábios e poderosos.

Vede, irmãos, o vosso grupo de eleitos: não há entre vós muitos sábios, humanamente falando, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. O que é estulto no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraco no mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes; e o que é vil e desprezível no mundo, Deus o escolheu, como também aquelas coisas que nada são, para destruir as que são. Assim, nenhuma criatura se vangloriará diante de Deus (1Cor 1,26-29). Nem conferirá a si, a força e o poder que vem de Deus.

Como o seu reino foi fundado em homens, os escárnios foram necessários para que estes se tornassem pacientes na adversidade, desprezassem os aplausos e renunciassem a tudo que no mundo separa de Deus. Assim ficariam preparados todos o que confessam seu nome; mártires e santos saberiam que a felicidade não é triunfar neste mundo, mas servir ao Senhor.

Não seria justo apenas alguns assistirem, então, o trouxeram para o pátio, onde todos pudessem ver a sua coroação.

ECCE HOMO!

Pilatos saiu da residência em direção ao pátio, onde estavam os soldados e o povo. Todos estavam entusiasmados com o espetáculo, mas os sacerdotes começaram a ficar preocupados pela demora. Pensando que os ânimos estivessem mais calmos, Pilatos entrou e imediatamente foram cessadas as brincadeiras, cada soldado foi para seu posto, ficando somente o governador e Jesus, diante do povo. Ao vê-lo tão maltratado, sentiu pena e pensou que as pessoas também sentiriam compaixão. Os dois entraram no pretório e subiram ao pórtico, que ficava no alto da praça, onde todos poderiam ver melhor.

O Senhor foi apresentado ao público: todo machucado, sangrando, pálido, com o manto sujo e a coroa de espinhos; quase não podia ficar em pé, de tão debilitado.

Bastava olhá-lo ao lado de Pilatos para que o coração mais duro se comovesse de piedade. Todos ficaram em silêncio diante da cena. Pilatos em alta voz disse: Eu o trago aqui fora para que saibam que não encontrei nele nenhum crime, como me pressionaram, concedi que o castigassem, mas agora vocês devem conceder-lhe a liberdade.

Voltou a olhá-lo e indicou com a mão: Eis o homem! (Jo 19, 5). Queria que tivessem piedade, pois não tinha mais condição daquele homem querer ser rei.

Covarde! Pela terceira vez indica que não há culpa

alguma, apesar disso o entrega a flagelação e pensa que assim o povo vai ter piedade.

Quem pudesse presenciar o Senhor, que pela própria vontade estava com as mãos amarradas por amor aos homens, sentiria os anjos do céu ajoelhados adorando o Homem-Deus. E o amor deles era gelo perto do fogo ardente da caridade de Jesus.

Como foi possível que aquele povo fosse tão cego e de coração tão duro? Por que colocaram nas mãos de um pagão a solução? Por que não aceitaram a sentença? Já que não escutavam a voz de Deus, poderiam pelo menos escutar a voz do procurador romano.

Pilatos tentava que se compadescessem de Jesus: Eis o homem! Vejam nem parece mais o mesmo que me entregaram; ele não tem poder algum; está todo despedaçado; não precisam temê-lo como rei; como está nunca mais voltará a falar do reino; não é justo, o que mais querem?

Nem a autoridade de Pilatos e a presença de Jesus todo ensanguentado valeram alguma coisa. Os pontífices continuavam a envenenar o povo com inveja e ódio. Ao escutarem o que Pilatos pretendia, esqueceram-se de seus ofícios e sem compostura alguma começaram a gritar: *Crucifica-o! Crucifica-o!*

O governador ficou estupefato, não teria arriscado sua autoridade, se não tivesse certeza que suas palavras e o estado deplorável de Jesus não conseguiriam seu

intento. Percebendo que não teria êxito perante a obstinação e a dureza dos sacerdotes, exaltado perdeu a prudência e gritou: *Tomai-o vós e crucificai-o, pois eu não acho nele culpa alguma* (Jo 19, 6). Pensam que irei me convencer aos gritos? Que serei instrumento do ódio de vocês? Eu sou juiz e não quero ser autor de uma injustiça, não costumo castigar inocentes. Flagelei pensando que isso traria um pouco de humanidade; não vou crucificar ninguém sem motivo, crucifiquem vocês mesmos, não serei culpado de nenhuma injustiça.

Os sacerdotes entenderam a mensagem. Magoados com os dizeres do governador, atacaram com uma nova acusação, tentando confundi-lo: *Nós temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer, porque se declarou filho de Deus* (Jo 19, 7). Você, Pilatos, afirmou várias vezes que este homem é inocente e manda que nós o crucifiquemos, como se fossemos pessoas sem lei e sem Deus. Para vocês que acreditam em vários deuses, talvez não seja nenhum absurdo que esses deuses tenham filhos e façam deles homens. Mas conforme a nossa santa lei, existe somente um único e verdadeiro Deus; e este homem merece a morte pela blasfêmia de se proclamar filho de Deus.

Os judeus estavam cegos, gabavam-se de ter recebido a lei de Deus e de que eram fiéis observantes. Não entravam no pretório para não se contaminarem; o Senhor já os havia repreendido uma vez: *Ai de vós, escribas e*

fariseus hipócritas! Pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e desprezais os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia, a fidelidade (Mt 23, 23).

O governador teve misericórdia, mas os sacerdotes não tiveram. A justiça estava tão longe que mudaram a acusação e cometeram toda espécie de atropelos para conseguirem o que queriam. Primeiro acusaram de que se fazia rei em oposição a César e impedia que se pagassem os impostos; depois que era filho de Deus, acusação que Pilatos não entendia, mas o preocupava mais; para confundir mais o caso, citaram uma lei que o governador não conhecia e nem tinha obrigação de conhecer.

Quem blasfemar o nome do Senhor será punido de morte: toda a assembléia o apedrejará (Lv 24, 16). Esta deve ser a passagem que alegavam para punir Jesus. Consideravam uma blasfêmia que Jesus dissesse que era Deus ou Filho de Deus. Numa ocasião, *os judeus pegaram pela segunda vez em pedras para o apedrejar. Disse-lhes Jesus: Tenho-vos mostrado muitas obras boas da parte de meu Pai. Por qual dessas obras me apedrejais? Os judeus responderam-lhe: Não é por causa de alguma boa obra que te queremos apedrejar, mas por uma blasfêmia, porque, sendo homem, te fazes Deus (Jo 10, 31-33).* Se a lei diz que devem apedrejar um blasfemo, por que querem crucificar? Portanto não cumprem a lei, entregaram um blasfemador na mão de um gentio e pedem que o crucifiquem; se não é permitido dar a

pena, como é possível que seja lícito pedi-la? Se o crime que o acusam não merece a morte como pedem algo que não está na lei? Como podem pedir que o crucifiquem pela lei romana, se nela não existe nenhuma cláusula que se condene por blasfêmia? Tudo isso demonstra a cegueira, o ódio, a inveja, a injustiça e a soberba dos judeus.

Caifás, sem conhecer plenamente a verdade, disse que era melhor que um homem morresse do que toda a nação. Igualmente disse uma grande verdade: os judeus receberam a Lei de Deus.

Estava escrito na lei que Jesus era Filho de Deus; que era necessário que morresse e como iria morrer. Inclusive o Senhor tomou da lei uma comparação para mostrar o gênero de sua morte: como Moisés levantou a serpente no deserto, para os que olhassem para ela ficassem curados, assim convinha que o Filho de Deus fosse levantado na cruz e todos que olhassem com fé e amor fossem salvos, pois estavam mortos pela mordida do pecado.

Quando Pilatos disse: Olhai, eis aqui o homem. Não foi em vão. Muitos judeus que estavam presentes, depois de olharem com tanto amor, percebendo os próprios pecados, foram curados e agora estão açoitados, coroados de espinhos e crucificados junto do Coração de Jesus.

Necessitamos todos olhar para este Homem, a quem tantos reis, profetas e patriarcas desejaram ver e não viram. Devemos escutar suas palavras, pois é Mestre. Precisamos

imitar sua vida e seguir seus passos, porque não há outro caminho. Olhai para este Homem, para podermos chorar nossos pecados e pedir perdão; para não morrer e ser perdoados, pois quem não olhar, não escapará da morte eterna.

PILATOS CONVERSA OUTRA VEZ COM JESUS

Mais numerosos que os cabelos de minha cabeça os que me detestam sem razão (Sl 68, 5). Os sacerdotes e o povo odiavam o Senhor sem motivo, por isso quando Pilatos disse para o olharem, ao invés de ter piedade, chamaram-no de blasfemo e pediram a crucificação.

Os sacerdotes até aquele momento, tinham omitido a acusação de Filho de Deus, apenas usaram os argumentos de que queria ser rei e era contra César; pensavam que a acusação de ser contra Roma teria mais força com um gentio. Certamente Pilatos levou com seriedade a denúncia de que Jesus era contra César. Mesmo tendo comprovado que tudo era por inveja e ódio, apenas a citação do nome do imperador o obrigava a ter muito cuidado; não podia condenar injustamente, mas absolvendo os sacerdotes poderiam acusá-lo de dar liberdade a um inimigo do império.

Preocupado diante da situação, decidiu eximir-se. Enviou Jesus para Herodes, depois tentou uma troca por

Barrabás e por fim mandou flagelá-lo; nenhuma destas tentativas deu resultado.

Como Pilatos continuava indeciso e cheio de dúvidas, apresentaram uma nova acusação: fazer-se Filho de Deus. Ficou mais confuso ainda, pois tinha ouvido falar maravilhas sobre Jesus; ouviu do próprio Senhor que seu reino não era deste mundo; presenciou pessoalmente o silêncio e a prudência nas respostas. Como gentio, estava predisposto a acreditar que Jesus era Filho de Deus, acostumado no mundo pagão, tinha ouvido falar de filhos de deuses, cuja mãe era mortal e o pai um deus do Olimpo. Os relatos das heróicas façanhas de Jesus tornavam muito aceitável que realmente fosse filho de um deus, mesmo sendo um mortal. Começava a achar um erro ter açoitado um filho de deus, não sabia mais o que fazer; poderia estar absolvendo um blasfemo ou condenando um filho de um deus; de qualquer maneira temia o castigo que viria do céu.

Entrou no pretório e falou outra vez com Jesus, perguntando: De onde és tu? Não perguntava de sua terra, pois sabia que era galileu, mas da origem e da natureza: O que dizem é verdade? Você é filho de um deus ou simplesmente um homem? Quem são os seus pais? Veio do céu ou de algum lugar escondido da terra?

Pilatos havia declarado várias vezes que não encontrava nele culpa alguma e como estava convencido da inocência, era obrigado a absolvê-lo. O Senhor sabia que

as perguntas nasciam do medo de perder o cargo de governador e da superstição. Por isso, nada respondeu.

Aos judeus, Jesus deixou claro em várias oportunidades que era Filho de Deus, pois os sacerdotes conheciam muito bem as Escrituras e sabiam exatamente o que perguntavam. Pilatos, ao contrário, não sabia o que perguntava e nem queria conhecer a verdade; assustado, desejava apenas livrá-lo, mas o Senhor não quis fugir da cruz; todos os envolvidos sabiam o necessário, de modo que não tinham motivos ou justificativas para a condenação.

Pilatos estava disposto a livrar Jesus da morte e ficou surpreso que ele nada respondesse em sua defesa. O silêncio, para um pagão sem fé e supersticioso, fazia aumentar a crença na divindade do réu.

Querendo mostrar que estava preocupado, *Pilatos então disse: Tu não me respondes? Não sabes que tenho poder para te soltar e para te crucificar?* (Jo 19, 10). Assim se condenava, pois confessou que tinha o poder e de nada valeria depois, lavar as mãos e lançar a culpa apenas nos judeus.

Velho perverso! Eis que agora aparecem os pecados que cometeste outrora em julgamentos injustos, condenando os inocentes e absolvendo os culpados; no entanto, é Deus quem diz: não farás morrer o inocente e o íntegro (Dn 13, 52-53).

Pilatos era desses juizes em que o poder sobe à cabeça, não usam mais a justiça, apenas a ambição.

Ai daqueles que ao mal chamam bem, e ao bem, mal, que mudam as trevas em luz e a luz em trevas, que tornam doce o que é amargo, e amargo o que é doce! Ai daqueles que são sábios aos próprios olhos, e prudentes em seu próprio juízo! Ai daqueles que põem sua bravura em beber vinho, e sua coragem em misturar licores; daqueles que, por uma dádiva, absolvem o culpado, e negam justiça àquele que tem o direito a seu lado! (Is 5, 20-23).

O Senhor não permaneceu mais calado, pois sabia que o abuso é uma injustiça contra a sociedade e não agrada Deus. Jesus, juiz dos vivos e dos mortos, que veio para dar testemunho da verdade, disse ao governador: *Não terias poder algum sobre mim, se de cima não te fora dado. Por isso, quem me entregou a ti tem pecado maior* (Jo 19, 11). Acabava com a soberba de Pilatos, que não tinha poder legítimo em condenar um inocente. Mostrava que a hora das trevas vinha da permissão de Deus e depois teria de prestar contas, por ter usado com perversidade o poder concedido.

Pilatos reconheceu a injustiça e que o seu poder era outorgado, teria de prestar contas ao imperador romano, aos deuses ou a esse poder de cima^o que Jesus se referia. *Desde então Pilatos procurava soltá-lo. Mas os judeus*

gritavam: Se o soltares, não és amigo do imperador, porque todo o que se faz rei se declara contra o imperador (Jo 19, 12).

Confirmaram que a acusação de blasfêmia não surtiu efeito junto ao governador, então começaram a pressionar Pilatos: indicando que era procurador de César e governava em seu nome; que está na cidade para defender e fazer respeitar a autoridade do imperador; que como leais súditos era dever entregar um inimigo de Roma, mesmo que fosse um judeu; que estavam surpreendidos como defendia e desejava libertá-lo e logo César saberia em que espécie de governador tinha confiado.

Pilatos preferiu conservar o poder, mesmo que para isso fosse necessário fechar os olhos para a justiça e para a verdade. Como castigo, passados alguns anos foi exilado pelo próprio imperador e teve morte violenta.¹²

Vencido, Pilatos pronunciou então a sentença que lhes satisfazia o desejo (Lc 23, 24).

12. Nos Evangelhos Apócrifos encontram-se algumas versões para o final de Pilatos: morre com uma flechada lançada por César; um carrasco decepa sua cabeça; exilado em Damasco até morrer; suicidou-se com um cutelo. Nenhum destes relatos tem valor histórico.

JESUS É CONDENADO À MORTE

Assustado com os gritos dos judeus e pelo temor a César, foi mais fácil atropelar a justiça do que enfrentar o furor dos acusadores.

Era perto do meio-dia, Pilatos começou a preencher os requisitos que a lei indicava para concluir e proclamar solenemente a sentença.

Sentou-se no tribunal, no lugar chamado Lajeado (em aramaico, Gabbatá), tinha este nome porque o piso era coberto artisticamente por pedras de várias cores, formando um mosaico que representava a riqueza, a justiça e a majestade de Roma. Era alto e elevado, estava encostado à parede do pretório pelo lado de fora.

Pilatos trouxe Jesus para fora, onde todo o povo pudesse vê-lo. Lançou à vista deles a injustiça e disse-lhes: Eis aqui o vosso rei! Todos gritaram: Morte! Morte! Crucifica-o! Pilatos retorquiu: Hei de crucificar o rei dos judeus? Os sumos sacerdotes responderam: Não temos outro rei senão César!

Isto acontecia no exterior, mas se queremos aprofundar o mistério devemos analisar: estavam decidindo se deviam crucificar Jesus, o motivo era blasfêmia contra Deus ou traição a César, ambas julgadas infundadas pelo juiz. Outra questão era contra o povo judeu: continuariam a ser o povo escolhido? A solução, para esta pergunta, se resolveria conforme receberiam a Jesus.

Senhor, dignai-vos, pela vossa misericórdia, afastar de vossa cidade santa, Jerusalém, vossa cólera e vossa exasperação (Dn 9, 16).

Como o povo judeu se valeu do procurador romano contra o Senhor, da mesma forma Deus se valeria do governador contra eles. Fez que Pilatos fosse testemunha da inocência e propagador do reino, embora não entendesse o sentido das palavras: Eis aqui o vosso rei! Hei de crucificar o vosso rei!

Repetidas vezes os judeus tinham acusado e pedido a morte de Jesus; tinham preferido Barrabás; em todas as ocasiões¹¹¹ que o juiz o defendeu, se opuseram com ameaças. Mas, apesar de tudo isso, Deus, o justo juiz deu outra oportunidade para os judeus confirmarem ou se retratarem publicamente antes de finalizar o processo. Como era uma decisão grave e importante, preparou com toda solemnidade possível. Estavam presentes, junto de Jesus, todo o povo judeu e seus líderes. Perto do meio-dia da festa da Páscoa, Pôncio Pilatos, procurador de Roma, em alta voz disse: Eis aqui o vosso rei! Hei de crucificar o vosso rei?

Os judeus entenderam bem todo o sentido da frase: O Rei, o Messias profetizado e prometido pela Lei; o Filho de Deus. Houve tempo para pensarem bem na resposta, mas os pontífices, que quanto mais velhos, mais perdiam

o pudor e o temor a Deus, responderam: Não temos outro rei senão César!

Os sábios deviam perceber que faltava um rei natural, e segundo as Escrituras tinha chegado o tempo messiânico. Cegos e exaltados, não quiseram receber o Rei que Deus enviava, condenando-se a continuarem subjugados por um rei estrangeiro, o César romano.

Pouco antes de Pilatos dar a sentença, chegou um recado de sua mulher: *Nada faças a esse justo. Fui atormentada por um sonho que lhe diz respeito* (Mt 27, 19).

Foi um sonho natural ou providencial? Nada diz o Evangelista. Os Santos Padres opinam que a visão foi para ajudar a boa vontade do juiz.¹³ Talvez tivesse visto o trágico fim do marido, a destruição de Israel ou revelação de que Jesus era Filho de Deus. Pedia para que Pilatos não tomasse parte na condenação daquele justo, pois tinha sofrido muito com a visão.

Não contou detalhes, pois não acreditariam e os judeus achariam um absurdo. O fato é que teve um sonho, que a fez sofrer muito e não pôde ficar indiferente; mesmo com medo, mandou avisar seu marido, tentando forçá-lo a compadecer-se daquele justo. Por respeito, Pilatos enviou uma resposta, e assim todos ficaram sabendo que sua

13. O termo Santos Padres designa os sacerdotes teólogos dos primeiros séculos. No Ocidente termina com Santo Isidoro de Sevilha (+636), no Oriente com São João Damasceno (+749).

esposa também intercedeu por Jesus de Nazaré. Este foi outro importante testemunho da inocência do Senhor.

Alguns tem opinião que foi o demônio que a moveu em sonhos, para atrapaçar a Redenção. Não parece lógico que o maligno incitasse os judeus de um lado para matá-lo, e de outro movesse uma mulher para salvá-lo. Para que o poder do reino das trevas continuasse pelo mundo, seria mais fácil impedir a morte do Senhor, mudando os ânimos dos sacerdotes e do povo para que pedissem a liberdade para Jesus. Com os pontífices desistindo das acusações, também o governador não tinha nenhum interesse em continuar a sentença.

Uma tradição muito antiga assegura que a mulher de Pilatos se chamava Cláudia Procla, tinha simpatia pelo judaísmo, embora conservasse os costumes romanos; depois da morte de Jesus, se tornou cristã. A Igreja Ortodoxa grega a inclui entre os seus santos.

Os sacerdotes e o povo continuavam obstinados, *Pilatos viu que nada adiantava, mas que, ao contrário, o tumulto crescia. Fez com que lhe trouxessem água, lavou as mãos diante do povo e disse: Sou inocente do sangue deste homem. Isto é lá convosco!* (Mt 27, 4). Usando de uma fórmula conhecida dos judeus (cf. Dt 21, 6), deixava claro que não tomava parte da injustiça: Eu não me considero culpado, nem quero ter na minha consciência a morte deste homem, que a culpa recaia sobre vocês.

Pela última vez, Pilatos alegava a convicção que tinha da inocência de Jesus. Normalmente, o juiz decide de acordo com o que o processo concluiu. Desta vez terminou de uma maneira curiosa: solenemente lavou as mãos, o declarou inocente e, em seguida, o condenou.

Realmente, Pilatos foi um juiz injusto, sentenciou contra a própria consciência. Foi um homem dúbio, quis ficar bem com o mundo e com Deus. Pouco serve lavar as mãos por fora e dissimular os erros com belas palavras, porque vamos ser julgados pelo Senhor, que não vê as exterioridades e sim as obras.

Pilatos pensava que estava limpo do sangue do Redentor. Os judeus como animais sanguinários perante o discurso do governador, responderam: *Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!* (Mt 27, 25). Consideravam-se totalmente limpos, tanto que colocaram os próprios filhos como caução.

Depois de tanta insistência Pilatos consentiu e declarou pública e solenemente a sentença de morte; o povo todo ficou satisfeito. A sentença também foi contra os judeus, pois pediram que caísse sobre eles aquele sangue; passados alguns anos, o templo e a cidade foram destruídos por ordem do Imperador.¹⁴

14. Tito no ano 70, depois de cinco meses de combate, deixou Jerusalém em ruínas, o templo destruído e milhares de cadáveres espalhados pelas ruas.

E o espinheiro respondeu: se realmente me quereis escolher para reinar sobre vós, vinde e abrigai-vos debaixo de minha sombra; mas, se não o quereis, saia fogo do espinheiro e devore os cedros do Líbano! (Jz 9, 15)

O povo escolhido preferiu outro rei e foram abrasados. Escolheram o imperador romano, que como um rio enfurecido inundou e destruiu sua cidade. *Porque este povo rejeitou as águas tranquilas de Siloé (Is 8, 6)* ficaram sem pátria por toda a terra, humilhados e vencidos, submetidos a um rei estrangeiro.

Pronunciada a sentença, Pilatos ordenou que Jesus fosse conduzido pelas ruas até o local da execução.

Toda a cidade rapidamente tomou conhecimento do ocorrido, as ruas ficaram amontoadas de pessoas que desejavam ver passar Jesus Nazareno; a quem tinham visto fazer inúmeros milagres e veneravam como profeta. A cidade ficou tumultuada; as opiniões se dividiam, alguns estavam favoráveis, outros contrários; os amigos e discípulos estavam abatidos; os inimigos se alegravam pela vitória. O Senhor estava triste e abatido; a dor era enorme. O Espírito Santo havia anunciado pela boca do salmista: *Quando tropecei, eles se reuniram para se alegrar; eles me dilaceraram sem parar (Sl 34, 15)*. Diante a dor, pede a Deus a ressurreição. *Até quando se levantará o meu inimigo contra mim? Olhai! Ouvi-me, Senhor, ó meu Deus! Iluminai meus olhos*

com vossa luz, para eu não adormecer na morte, para que meu inimigo não venha a dizer: Venci-o (Sl 12, 4-5).

Sabendo como seria terrível, tinha prevenido os apóstolos na noite anterior, animando-os para que esperassem a ressurreição.

Em verdade, em verdade vos digo: haveis de lamentar e chorar, mas o mundo se há de alegrar. E haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se há de transformar em alegria. Quando a mulher está para dar à luz, sofre porque veio a sua hora. Mas, depois que deu à luz a criança, já não se lembra da aflição, por causa da alegria que sente de haver nascido um homem no mundo. Assim também vós: sem dúvida, agora estais tristes, mas hei de ver-vos outra vez, e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria (Jo 16, 20-22).

JESUS CARREGA A CRUZ

Um subalterno de Pilatos notificou o Senhor da sentença e ele aceitou com humildade e amor, por obediência ao Pai.

Fazer a vossa vontade, meu Deus, é o que me agrada, porque vossa lei está no íntimo de meu coração (Sl 39, 9). Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradam. Então eu disse: eis que venho porque é de mim que está escrito no rolo do livro, venho, ó Deus, para fazer a tua vontade (Hb 10, 6-7).

Naquele momento o coração de Jesus estava cheio destes sentimentos e obedecia decidido por amor a Deus e aos homens: Para isso nasci, Pai, para isso vim ao mundo, não para buscar o meu triunfo, mas a sua glória; não para o meu proveito, mas para a salvação das almas. Os homens são os réus e merecem a morte, mas eu quero livrá-los da sua justiça; Pai, recebe a sentença contra mim como se fosse contra eles. Eu sou condenado no lugar dos homens, como sou inocente e justo, que eles fiquem absolvidos e livres pela minha entrega.

Pilatos retornou à residência, deixando a cargo dos subordinados a execução da sentença. Os sacerdotes divulgaram a notícia de que finalmente o procurador tinha se convencido sobre as mentiras e blasfêmias daquele homem e mandava crucificá-lo. Aglomerou-se uma multidão diante da casa de Pilatos, moradores e os que visitavam a cidade pela Páscoa, todos queriam ver um acontecimento tão importante.

Como um *leão que se atira ávido sobre a presa* os executores tomaram Jesus e retiraram o manto (Sl 16, 12). O seu corpo sangrava copiosamente pela violência empregada.

Não retiraram a coroa de espinhos e o sangue continuava escorrendo pelo rosto. Não havia razão para tirar a coroa do Rei eterno. Tiraram o manto, todo empapado de sangue, porque seu corpo místico, a Igreja, iria vesti-lo.

Como Barrabás, ladrão e assassino, tinha sido libertado, outros dois criminosos seriam crucificados com o Senhor. Talvez, os sacerdotes tenham pedido e o procurador concordou. Pensavam que assim ficaria mais solene aquele ato de pretensa justiça; o espetáculo seria mais atraente para o povo; a desonra do Senhor seria maior no meio de dois bandidos e as pessoas pensariam que o motivo da condenação era semelhante à dos marginais. Trouxeram para o pátio os dois ladrões, o Senhor olhou-os com compaixão. Eles, pelo contrário, insultaram porque suas execuções foram antecipadas por causa dele. Assim se cumpria mais uma profecia: *deixou-se colocar entre os criminosos* (Is 53, 12).

A Virgem Maria sentiu terrível angústia, vendo que levavam seu Filho para o crucificarem. Machucava muito todo aquele povo correndo e gritando, indo ver a desonra de Jesus. Estava um pouco afastada, mas conseguia ver o que acontecia. As mulheres que a acompanhavam começaram a chorar desconsoladas; a nossa Mãe, ao notar como estavam desoladas, também chorou com o coração desfeito pela dor. Permanecia calada, sabia como tudo acabaria. O Espírito Santo a fortalecia para que suportasse tão grande sofrimento. Assim pôde subir o monte, onde também pereceria a dor da morte e compartilharia os escárnios e os tormentos do Filho. Aproximou-se de um lugar onde Jesus a pudesse ver; as piedosas mulheres foram juntas.

Fora da cidade havia um pequeno monte, situado entre a parte setentrional e ocidente do monte de Sião. Para chegar neste local era preciso sair pela porta Judiciária e virar à esquerda. Antigamente, junto à porta, costumavam os judeus julgar os criminosos e executá-los, por isso levava esse nome. Ficava perto, para que os corpos ficassem fora da cidade, mas ao alcance da vista de todos.

O local ficou conhecido como Calvário, em hebraico Gólgota. Parece significar lugar dos crânios, talvez porque não sepultassem os corpos, deixando-os consumir pelo tempo até ficarem somente os ossos.

Existe uma lenda sobre a origem da palavra Gólgota. Contam que o corpo de Adão, o primeiro homem, foi enterrado naquele local. Onde havia começado a vida, estava sepultado aquele que foi a causa da morte do gênero humano, e agora seria lavado pelo sangue de Jesus.

Os corpos dos animais, cujo sangue é levado ao santuário para expiação dos pecados, são queimados fora do acampamento (cf. Lv 16, 27). *Por esta razão, Jesus, querendo purificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora das portas* (Hb 13, 12).

Jerusalém estava repleta de visitantes por causa da festa da Páscoa. Tomaram Jesus e o levaram para ser crucificado. A notícia correu rapidamente, todos comentavam e trocavam informações.

O Senhor deixou o pretório acompanhado dos soldados e executores, muita gente seguiu o cortejo. Estava amarrado com uma corda no pescoço e era puxado. A porta estava lotada de gente, todos olhavam curiosos, comentavam o estado lastimável e o aspecto irreconhecível.

A cruz estava um pouco afastada, para que a comitiva que o levaria se preparasse. Como o soldado precisou de uma lança para levar o vinagre a boca do Senhor, é de supor que a cruz estivesse cerca de meio metro enterrada, para não tombar. Como Cristo media aproximadamente quase dois metros de altura;¹⁵ portanto é razoável que a cruz estivesse uns três metros e meio de altura e a parte transversal uns dois metros. Quando viu a cruz, reconheceu como a arma para a vitória, a chave que abriria as portas do céu.

Aproximou-se da cruz, os cruéis carrascos mandaram que a carregasse sobre os ombros, até o local da execução. O procedimento era normal, mas não deixa de ser desumano que o condenado leve o instrumento da própria morte. Um homem em bom estado físico aguentaria pouco tempo todo aquele peso. Então, podemos imaginar toda fadiga e esgotamento do Senhor, que tinha sido brutalmente flagelado.

Era costume que levassem somente a trave transversal sobre os ombros, a isso parece referir-se o Senhor

15. Medindo o Santo Sudário chega-se a uma estatura entre 1,78m e 1,83m.

quando disse: *Se alguém me quer seguir, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me* (Mc 8, 34). Foi uma crueldade que o Senhor, esgotado como estava, tivesse que levar a trave da cruz; não se preocuparam com o cansaço, a fadiga e a debilidade pela perda de sangue. Somente queriam atravessar as ruas, para que todos vissem a humilhação de carregar um fardo tão pesado. Tomou o Senhor a cruz, com todas as suas forças, sabia que com ela faria maravilhas. Colocou sobre os ombros todos os nossos pecados, pois só Ele podia carregar.

Levando a cruz, ao lado dos dois ladrões, começou a caminhar pelas ruas da cidade, junto com a escolta de soldados; alguns estavam à frente e outros na retaguarda, no meio seguiam os verdugos, com os cravos, o martelo e as cordas. À frente da comitiva estavam muitas pessoas, entre elas: os sacerdotes, os anciãos, os doutores da lei, os fariseus e os escribas; todos alegres pelo triunfo alcançado. *Atrás, seguia-o uma grande multidão de povo e de mulheres, que batiam no peito e o lamentavam* (Lc 23, 27). Eram muitos os tinham alcançado graças. Os soldados gritavam para deixarem o caminho livre, contudo todos queriam ver de perto a Jesus de Nazaré, e corriam através das vielas acompanhando o trajeto.

JESUS ENCONTRA SUA MÃE

Como as opiniões estavam divididas, alguns estavam envergonhados e outros se alegravam; muitos insultavam pelas janelas e ruas ao passar Jesus. Muitos tempo antes o profeta havia dito: Falam de mim os que se assentam às portas da cidade, escarnecem-me os que bebem vinhos (Sl 68, 13).

O peso da cruz era enorme, somente se podia arrastá-la. Com as costas totalmente chagadas, a cada tropeção pelo terreno irregular, abriam-se mais as feridas. Os soldados estavam com pressa, temiam alguma revolta popular; puxavam a corda amarrada ao pescoço e empurravam com força, por isso o Senhor caiu ao solo com a cruz por cima.¹⁶

A Santíssima Virgem procurou um lugar para poder avistar Jesus passar. Apesar de toda agonia desejou vê-lo. Deus fornecia fortaleza para suportar tudo, mas não minimizou a dor do apaixonado encontro. Angustiada não pode dirigir nenhuma palavra, pela pressa que o empurravam, o Senhor também nada pode dizer. A Virgem Maria seguiu o cortejo do pretório até o Calvário, presenciou tudo no meio do aperto de pessoas e escutou todas as ofensas e mentiras. Virgem bendita entre todas as mulheres, que

16. Segundo a Tradição, Jesus caiu três vezes.

sofreu mais do que todas as mães! Por que foi às ruas se misturar com aquele povo cruel e alucinado? Por que aumentar a dor indo ao seu encontro? Por amor ao Filho, é verdade; queria consolá-lo e acompanhá-lo até a morte! Até a própria morte.

Não se importou em arriscar ser insultada, pois desejava ver a obra de Deus, presenciar o começo da salvação da humanidade, que haveria de recordar pelo resto da vida com amor e admiração. Todos abandonavam Deus, exceto a Mãe; todos o odiavam, menos a Mãe que entendia e ~~o~~ amava mais que ninguém.

A Virgem Maria chorava, a dor era imensa no coração. Sentimos compaixão diante das cenas de morte e nos falta força, muitas vezes, até para olhar; deste modo, podemos imaginar como seria a dor da Virgem Maria que olhava para o Filho todo desfigurado e ensanguentado. Maria e Jesus trocam olhares. Os olhares se encontram e cada um fica com o coração mais apertado; ao mesmo tempo, se alegram e se consolam pela fidelidade compartilhada; não se falam, porque para os enamorados não são necessárias palavras, os corações se entendem. Os olhos de Maria diziam tudo e os olhos penetrantes e cheios de lágrimas do Filho correspondiam.

Nossa Mãe ficou espantada pela forma indigna que o Filho de Deus era tratado: Jesus merecedor de todos os louvores era menosprezado e insultado. Mesmo assim,

agradeceu o Filho pela maneira tão custosa que redimia os homens. O Senhor também viu como a Virgem aceitava todo sofrimento, contrário à natureza de uma mãe.

O Senhor rodeado de inimigos, como se fossem touros numerosos e leões famintos, sem ninguém para ajudá-lo, consolou-se ao ver sua Mãe, que reconhecia e estimava o que estava fazendo e agradecia com amor.

A Mãe conhecia o amor que ardia no peito de Jesus por Deus e pelos homens; a vontade que se submetia em obedecer ao Pai; o esforço em sacrificar-se pelos homens; a alegria em salvá-los e dar-lhes a vida eterna; renovar o mundo com sua graça. A Virgem Maria conhecia com toda clareza a obra do Filho, e sem poder conter-se, correu com Ele para o Calvário, para estar presente no sacrifício do Sumo e Eterno Sacerdote que traria novamente amizade entre Deus e os homens.

Caminhava o Senhor com o corpo inclinado pelo peso da cruz, com os olhos inchados pelas lágrimas e sangue; os passos eram lentos e difíceis por causa da debilidade física, os joelhos tremiam, quase se arrastava ao lado dos dois companheiros de suplício. Os judeus riam, os verdugos e soldados empurravam, mas algumas mulheres choravam por Jesus.

O CALVÁRIO

Pelo caminho procuravam alguém para que o ajudasse a levar a cruz, não por piedade, mas porque já não estava podendo, tinha caído e os passos eram lentos. Estavam com pressa e temiam que morresse no caminho. Levar a cruz era algo desonroso, somente os condenados a levavam, ninguém iria livremente ajudar o Senhor.

Encontraram um homem que vinha do campo, Simão, natural de Cirene, na África, pai de Alexandre e de Rufo – os dois parecem ser conhecidos de Jesus, pois são citados nominalmente. *Impuseram-lhe a cruz para que a carregasse atrás de Jesus* (Lc 23, 26). Assim, embora desonroso para Simão todos entendiam que a cruz pertencia ao Nazareno. Que sorte a de Simão, carregar uma carga tão preciosa! Com certeza o prêmio que recebeu foi muito grande, pois ao carregá-la pôde entender o que significa estar “atrás de Jesus”.

Enquanto Simão de Cirene carregava a cruz, o Senhor sentou-se e uma mulher chamada Berenice, – alguns a identificam com a mulher hemorroísa –, vendo o rosto todo ensanguentado, aproximou-se e secou-lhe a face com um lenço; no tecido ficou impresso o rosto de Jesus, como um agradecimento pelo seu carinho. Também o Senhor imprime a sua imagem em nossas almas, quando meditamos na sua cruz e o acompanhamos em sua dor e solidão.

A história de Berenice vem de uma piedosa tradição. Dizem que o lenço era grande e tinha três dobras; para os que acreditam é realmente a verdadeira imagem de Cristo, mas não se pode provar com certeza o fato.

A mulher recebeu o nome de Verônica, que significa verdadeira imagem; vero do latim, verdadeiro e ikon do grego, imagem.

O que realmente relata o Evangelho é que o Senhor consolou algumas mulheres que choravam por Ele. Não eram as mulheres que seguiam o Senhor deste a Galiléia, eram outras bondosas mulheres de Jerusalém. Choravam movidas de compaixão pelo estado de Jesus, pois conheciam os ensinamentos e os milagres do Senhor. É bom chorar pela Paixão do Senhor, pois significa amor verdadeiro, mas mais importante é chorar pelos nossos pecados que o levaram à cruz. O Senhor alertando a desgraça que recairia sobre todos, disse: *Filhas de Jerusalém, não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas e sobre vossos filhos. Porque virão dias em que se dirá: Felizes as estéreis, os ventres que não geraram e os peitos que ^{amamentaram} amamentaram! Então dirão aos montes: Cai sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos! Porque, se eles fazem isto ao lenho verde, que acontecerá ao seco?* (Lc 23, 28-31).

Continuavam a caminhar, pelo que parece Simão não levava sozinho a cruz, mas ajudava Jesus. Poderia Simão levar sozinho a cruz? Somente podemos levar a Cruz com a ajuda de Jesus, sem Cristo a cruz não tem valor.

Chegaram ao monte chamado Gólgota, local onde se executam os malfeitores. *Deus é meu rei desde os tempos antigos, ele, que opera a salvação por toda a terra* (Sl 73, 12).

A CRUCIFICAÇÃO DO SENHOR

Chegados que foram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram (Lc 23, 33). Nenhum evangelista narra o modo como foi crucificado, devemos pensar que foi conforme os romanos crucificavam normalmente.

Como sabemos, era sexta-feira o dia que foi crucificado e morto. Com sua Paixão reparava o pecado de Adão que nos tinha entregue à morte. Adão foi criado no penúltimo dia, o sexto dia como narra o Gênesis. Deus quis reparar o homem no mesmo dia em que foi criado. Por isso, diz São Gregório, uma árvore se opôs a outra árvore, umas mãos se opuseram a outras mãos. Adão pecou junto da árvore proibida, Jesus redimiu-nos na árvore da cruz. As mãos de Jesus estenderam-se com fortaleza contra as mãos que, por fraqueza e soberba, se estenderam para colher o fruto proibido. As mãos de Jesus cravadas formam oposição às mãos que buscaram o pecado.

Quanto à crucificação, *era quase à hora sexta* (Lc 23, 44), que correspondia ao meio-dia. Costumava-se dividir o dia, em quatro períodos de três horas, e contar a primeira hora a partir do amanhecer. A noite era separada por vi-

gílias. São Marcos diz: hora terceira, que indica depois das onze. São João relata: cerca da hora sexta. São Lucas: quase à hora sexta. Embora possa parecer uma contradição, todos concordam que por volta do meio-dia Jesus estava cravado na cruz.

A madeira da cruz era tosca e não aplainada. O mesmo tipo de cruz comum a todos os condenados, tanto que Santa Helena, mãe do imperador Constantino, quando foi em busca na Terra Santa, encontrou três cruzes e foi necessário um milagre para distinguir a verdadeira.¹⁷ Alguns pensam que a forma é a que habitualmente estamos acostumados a ver. Outros pensam que era uma árvore com todos os ramos cortados, exceto os dois mais verticais; esta opinião é somente um desejo piedoso de querer comparar a cruz a uma árvore, como se Cristo fosse um precioso fruto. A Igreja canta em sua liturgia:

*Ó cruz fiel, árvore entre todas a mais nobre;
Nenhum bosque tal produz, em folhagem, flor e fruto.*

Também a metáfora compara o pecado de Adão, que estendeu a mão para a árvore proibida. Assim, canta um hino da Igreja:

17. No ano de 326, Santa Helena teria encontrado a inscrição da cruz numa gruta, ao lado do sepulcro. Dividiu-a em três partes. Enviou uma parte ao seu filho em Constantinopla, outra parte foi enviada para Roma e a terceira parte ficou em Jerusalém. Talvez deste fato tenha nascido o episódio.

O supremo Fazedor, compadecido do engano do homem, que na nociva maçã deu a mordida da morte, Ele mesmo designou o lenho, que apagasse o pecado da árvore.

Há ainda outros que imaginam a cruz de várias formas. O mais provável é que a cruz tivesse uma trave horizontal, que foi a que o Senhor carregou pelas ruas. Também havia uma tábua em que se escrevia o crime cometido.

O Senhor foi pregado na cruz com cravos, isto se nota pela frase de Tomé: *Se não vir nas suas mãos o sinal dos pregos, e não puser o meu dedo no lugar dos pregos, e não introduzir a minha mão no seu lado, não acreditarei!* (Jo 20, 25). Quanto ao número de cravos, uns pensam em três: um em cada mão e apenas um nos dois pés; outros dizem quatro, sendo um prego para cada pé.

Há um silêncio também dos evangelista sobre a coroa de espinhos. Não dizem se foi tirada e depois colocada novamente ou se permaneceu direto sobre a cabeça.

Sobre o modo de crucificar: alguns imaginam que foi cravado no solo e depois com cordas levantaram a cruz; outros que foi amarrado com a cruz já erguida e o crucificaram no alto à vista de todos.

A segunda suposição é mais plausível, pois se encaixa mais com o costume romano e corresponde a um apelo

maior para o divertimento do povo. Também a Igreja canta: Senhor Jesus Cristo, que à hora sexta, pela redenção do mundo subiste ao patíbulo da cruz. Além disso, "ao descer o corpo", parece indicar que a cruz ficou em pé.

Uma outra hipótese: Todos os conhecidos estavam afastados a certa distância da cruz; para que todos pudessem presenciar o espetáculo, era necessário cravar os pregos com Jesus já levantado na cruz.

JESUS É CRUCIFICADO ENTRE DOIS LADRÕES

Chegando ao Calvário os condenados descarregam as cruzes. Todos que estavam seguindo o cortejo se reuniram em volta. Enquanto preparavam a crucificação *deram-lhe de beber vinho misturado com mirra* (Mc 15, 23). A bebida servia para entorpecer e aliviar o sofrimento dos condenados. Era costume que as mulheres piedosas se preocupassem em trazer este alívio.

Aceitou agradecido, *provou, mas se recusou a beber* (Mt 27, 34). Não quis aliviar a dor naquele momento, a fortaleza e a dignidade de estar na cruz não viriam de um vinho narcotizado, pois *pelo Espírito Santo se ofereceu como vítima sem mácula a Deus* (Hb 9, 14).

Depois despiram o Senhor e o crucificaram. Repartiram as vestes e sortearam a túnica.

Sim, rodeia-me uma malta de cães, cerca-me um bando de malfeitores. Traspassaram minhas mãos e meus pés: poderia contar todos os meus ossos. Eles me olham e me observam com alegria, repartem entre si as minhas vestes, e lançam sorte sobre a minha túnica (Sl 21, 17-19)

A cruz já estava fixa no solo e as escadas preparadas. Os dois verdugos ergueram o Senhor pelas escadas; Jesus estava despido, coroadado de espinhos e com as costas sangrando pela flagelação. Vendo a cena, o povo começou a gritar.

Jesus olhava a cruz com amor, havia muito tempo que a desejava, porque nela triunfaria e resgataria o mundo. O que tinha sido um instrumento infame e desonroso convertia-se em árvore da vida e escada da glória. Ao estender os braços sobre a cruz, uma profunda alegria o tomava, pois de agora em diante todos os pecadores que se aproximassem seriam recebidos de braços abertos. Também os pecados dos homens seriam cravados e mortos, junto com suas mãos e seus pés.

Sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que seja reduzido à impotência o corpo subjugado ao pecado, e já não sejamos escravos do pecado (Rm 6, 6). Cancelando os documentos escrito contra nós, cujas prescrições nos condenavam. Aboliu-o definitivamente, ao encravá-lo na cruz (Cl 2, 14).

Não pedia mais ao Pai que o livrasse do cálice, mas que somente perdoasse a humanidade.

Estava repleto de alegria, viu que a cruz seria adorada e amada; viu que os mártires, por defender a verdade, morreriam de modo semelhante; viu o triunfo que os cristãos conquistariam com a cruz; viu os milagres que, pelo sinal da cruz, aconteceriam pelo mundo; viu tantos homens que se tornariam santos, vencendo o pecado. A cruz seria alçada como uma bandeira, pela qual os homens conquistariam o céu.

São João Damasceno diz que ao ser cravado na cruz, Jesus ficava de frente para o povo e de costas para Jerusalém, porque a cidade não tinha acreditava nele.

O Senhor, do alto da cruz, viu sua Mãe. Com o olhar buscou consolo em quem mais o amava. Trinta anos de convívio faziam que Jesus conhecesse profundamente a bondade de sua Mãe e seu sincero amor. A Virgem Maria, Mãe de Deus, somente ela podia conhecer intimamente o Filho. Se pudéssemos entender o carinho e amor com que sempre se olhavam, saberíamos que agora os olhares eram de dor.

Embora a dor crescesse a cada instante, o amor não diminuía. Se Cristo amou tanto a Igreja, que se entregou por ela, imagine como amava a Virgem Maria, Mãe da Igreja, que tinha um valor muito maior. Ela que animaria e sustentaria a Igreja quando ele partisse.

O Filho se oferecia também por sua Mãe. Depois de sua morte, mais que ninguém, ela estaria em graça e com a força do Espírito Santo. A Virgem Maria olhava com amor, agradecimento e humildade, pois se com a morte Jesus se tornaria Rei e Senhor do Universo, ela que compartilhou toda a sua dor, seria proclamada Rainha e Senhora da Humanidade.

Jesus desejoso de conseguir para os homens a liberdade e acumular de graças sua Mãe, estendeu os braços sobre a cruz. Os executores, com fortes marteladas, cravaram-no na cruz. Ali estava o Rei dos reis pregado num madeiro e Maria cravada no seu coração.

Começou a escorrer sangue da cruz até o solo, eram como aqueles quatro rios que regavam o Paraíso e fertilizavam a terra, contudo este sangue era infinitamente mais precioso.

Jesus na cruz, sendo Deus, conservou a serenidade, mas não pode evitar que o rosto ficasse desfigurado e pálido.

O céu de Jerusalém reconhecia o seu Senhor e mostrava sua dor. A terra estremeceu e as pedras se quebravam, o dia escureceu. A Virgem Maria ficou mais firme que as pedras e mesmo com tanta dor não se rompeu como a terra. Sua alma permaneceu clara, mais brilhante que o sol, o rosto refletia dor e o corpo quase não aguentava ficar em pé.

Ao mesmo tempo foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita e outro à sua esquerda (Mt 27, 38), e Jesus no meio (Jo 19, 18). Pilatos redigiu também uma inscrição e a fixou por cima da cruz. Nela estava escrito: Jesus de Nazaré, rei dos judeus. Muitos dos judeus leram essa inscrição, porque Jesus foi crucificado perto da cidade e a inscrição era redigida em hebraico, em latim e em grego (Jo 19, 19-20).

São Mateus diz: *Este é Jesus, o rei dos judeus* (Mt 27, 37). São Lucas: *Este é o rei dos judeus* (Lc 23, 38). São Marcos apenas: *O rei dos judeus* (Mc 15, 26). Estes evangelistas se preocuparam apenas em dar o sentido da condenação, que é o mesmo em todos, embora com alguma variação. São João reproduz o texto completo, mais jurídico e detalhado: *Jesus de Nazaré, rei dos judeus*.¹⁸

Os outros dois ladrões também receberam a inscrição, pois era costume indicar a condenação. Pilatos decidiu colocar como título da inscrição que Jesus pretendia ser rei, se opondo a César, mas a decisão de Deus foi diferente, pois ficou escrito que realmente Jesus era Rei.

18. Em Roma, na Basílica de Santa Cruz em Jerusalém, encontra-se um fragmento (23cm x 13cm) da inscrição da Cruz. É considerado uma relíquia autêntica.

OS JUDEUS E OS ROMANOS ESCARNECEM DE JESUS

Retiraram as escadas logo que Jesus ficou cravado na cruz, assim todos podiam ver. *A multidão conservava-se lá e observava. Os príncipes dos sacerdotes escarneciam de Jesus* (Lc 23, 35).

O sol escureceu, fechou os olhos para não ver escárnio tão cruel e ficou todo escuro para esconder um pouco a vergonha do Criador. O povo vendo-o pendurado na cruz começou a gritar e amaldiçoá-lo.

Pois aquele que é pendurado é um objeto de maldição (Dt 21, 23). *Cristo remiu-nos da maldição da lei, fazendo-se por nós maldição* (Gl 3, 13).

Por ser homem pobre, a roupa do Senhor devia ser corrente. Usava, como todo judeu, uma túnica curta e sem mangas, por cima uma túnica cumprida com mangas longas e um manto sobre os ombros. *Depois de os soldados crucificarem Jesus, tomaram as suas vestes e fizeram delas quatro partes. A túnica, porém, toda tecida de alto a baixo, não tinha costura* (Jo 19, 23). Portanto foram quatro verdugos que receberam as vestes como pagamento; a túnica era inconsútil, sem costuras, segundo a tradição feita por Maria

Santíssima.¹⁹ Como era valiosa os soldados resolveram tirar a sorte sobre ela.

Rigorosa foi a justiça que caiu sobre Jesus, nem sequer as vestes ficaram como recordação para sua Mãe. Teve que ver as vestes sendo repartidas como forma de pagamento pela crueldade feita com ele. Cumpria-se a profecia: *Repartem entre si minhas vestes, e lançam sorte sobre minha túnica* (Sl 21, 19).

Os soldados *sentaram-se e montaram guarda* (Mt 27, 36), era costume vigiar os condenados enquanto estivessem vivos. Provavelmente vigiavam com afinco, pois os sacerdotes e escribas, com medo que roubassem o corpo de Jesus, pagaram uma boa quantia.

Foram horas tortuosas. Como estaria um homem flagelado, pendurado numa cruz com os braços e pés estendidos e cravados, fazendo uma enorme força para sustentar o corpo?

A cidade estava cheia de gente, vindas de todas as partes para celebrar a Páscoa. *Os que passavam o injuriavam, sacudiam a cabeça e diziam: Tu, que destróis o templo e o reconstróis em três dias, salva-te a ti mesmo! Se és Filho*

19. Conserva-se em perto de Paris, na basílica de Argenteuil, uma túnica que a Tradição afirma ser de Jesus. Embora a coloração, a antiguidade da peça, o tamanho, o tecido, as marcas de sangue humano e da flagelação e de ser inconsútil corroborem positivamente, ainda não se pode afirmar com certeza ser uma relíquia verdadeira.

de Deus, desce da cruz! (Mt 27, 39-40). Cumpria-se novamente que estava escrito: *Todos os que me vêem zombam de mim. Dizem meneando a cabeça* (Sl 21, 8). *Fizeram-me objeto de escárnio, abanam a cabeça ao me ver* (Sl 108, 25).

O povo acreditou nas mentiras dos sacerdotes, por isso repetiam o que tinham ouvido e o escarneciam como um mentiroso, ficavam alegres que um enganador estivesse na cruz, pois se fosse quem realmente dizia ser, facilmente desceria da cruz. Pobre gente cega que não enxerga a luz do amor de Cristo. Que prova maior do que morrer para salvar os homens e depois de três dias ressuscitar?

Esperei em vão quem tivesse compaixão de mim, quem me consolasse, e não encontrei (Sl 68, 21). É quase inacreditável que tivessem tanto ódio e crueldade; que pudessem zombar de quem agonizava; que não apresentassem nenhum sinal de compaixão. Pelo contrário, pareciam possuídos pelo demônio.

Os sacerdotes, os escribas e os anciãos continuavam persuadindo o povo ignorante e fomentando ódio contra Jesus, e diziam: *Ele salvou a outros e não pode salvar-se a si mesmo!* (Mt 27, 42) É evidente que seu poder era falso e os milagres um embuste, pois agora que precisa nada realiza. *Médico, cura-te a ti mesmo* (Lc 4, 23). Desça da cruz e nós acreditaremos que é o rei de Israel! Se é realmente o Filho de Deus, que Ele o salve! Assim diz a Escritura: *Esperou no Senhor, pois que ele o livre; que salve, se o ama* (Sl 21, 9).

Como eram os sacerdotes e escribas que passavam as orientações, o povo repetia as injúrias contra o Senhor. Do mesmo modo os soldados zombavam dele. Aproximavam-se dele, ofereciam vinagre e diziam: *Se és rei dos judeus, salva-te a ti mesmo* (Lc 23, 36-37) *E os ladrões, crucificados com ele, também o ultrajavam* (Mt 27, 44). *Um dos malfeitores, ali crucificados, blasfemava contra ele: Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e salva-nos a nós* (Lc 23, 39).

Esta geração é uma geração perversa; pede um sinal, mas não se lhe dará outro sinal senão o sinal do profeta Jonas. Pois, como Jonas foi um sinal para os ninivitas, assim o Filho do homem o será para esta geração (Lc 11, 29-30).

Nada escapava ao escrúpulo dos sacerdotes, repararam que a placa dizia "Rei dos judeus". Segundo eles, Jesus não era rei, como também ser Rei dos judeus não é um crime; isso ofendia sua lei e sua justiça. Pensando que fora uma inadvertência do governador, *os sumos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: Não escrevas: Rei dos judeus, mas sim: Este homem disse ser o rei dos judeus. Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi* (Jo 19, 22). Os insensatos não reparavam que Deus se servia deles para que todos fixassem bem o título da cruz: Rei dos judeus, escrito em todas as línguas faladas do império romano. Dizei às nações: O Senhor é rei (Sl 95, 10).

Talvez possa trazer surpresa que em tão pouco tempo fosse resolvida a causa de Jesus de Nazaré, e o

levassem para o crucificarem. Desde que começou o processo pela manhã no Sinédrio até o cravarem na cruz, se passaram apenas seis horas. *Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca, como um cordeiro que se conduz ao matadouro* (Is 53, 7). Como não se opôs em nada, foi condenado contra toda a justiça. Certo seria dizer que desejou morrer pelos homens e que tinha pressa. *Devo ser batizado num batismo; e quanto anseio até que ele se cumpra* (Lc 12, 50).

O EXEMPLO DA CRUZ

A sabedoria de Deus decidiu uma morte na cruz. A vitória da Cruz deu ânimo aos cristãos, para que mesmo no meio das mais fortes tribulações perdessem o medo à cruz e com ela triunfassem alegres, subindo à glória.

Jesus deu o exemplo: devemos obedecer e amar a Deus sobre todas as coisas, mesmo que tenhamos que perder a própria vida. Morrendo na cruz, ensinou-nos como ser fortes, a ter paciência, a ser humildes e a confiar em Deus, por mais adversas que possam ser as circunstâncias. Agora somos fortes sobre o inimigo, com a cruz desprezamos os seus ataques, não nos importam os seus golpes, pois só afetam o que é caduco. O nosso amor é para as realidades eternas, que vêm do alto.

Guiou *os nossos passos no caminho da paz* (Lc 1, 79), mostrou-nos por meio da pobreza, que devemos nos desprender das coisas materiais, de onde nascem tantos males. *Nós pregamos Jesus crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os pagãos; mas, para os eleitos – quer judeus quer gregos –, força de Deus e sabedoria de Deus* (1Cor 1, 23-24).

Jesus manifestou a sua grandeza na cruz. Assim como é grande em majestade no céu, foi paciente e humilde na terra. Foi o primeiro a tomar a cruz para que nós o seguíssemos. Rejeitou os bens materiais e sofreu mais que ninguém as dores que o mundo rejeita.²⁰ Como mestre foi à frente, abrindo caminho para nos mostrar a vida.

A pobreza foi tamanha que nem tinha um local para ser sepultado; faleceu despido; não pôde nem beber um último gole de água. São Paulo ensina que: *Tendo alimento e vestuário, contentemo-nos com isto* (1Tm 6, 8). O Senhor *que sendo rico, se fez pobre por nós* (2Cor 8, 9), foi além, pois ficou sem traje e sem nada para beber; roubaram-lhe as vestes e deram-no vinagre para beber.

Morreu desamparado. *Olho para direita e vejo: não há ninguém que cuide de mim* (Sl 141, 5). *Afastastes de mim os meus amigos, objeto de horror me tornastes para eles* (Sl

20. Rejeitou como fim último, não como meio, pois é lícito usar os bens materiais em coisas boas, em prol da sociedade e da família.

87, 9). *Arrebatas-me, fazes-me cavalgar o tufão, aniquilas-me na tempestade. Eu bem sei, levas-me à morte, ao lugar onde se encontram todos os viventes* (Jó 30, 22-23).

Foi querido como um santo, foi considerado um profeta, foi honrado por muitos e tinha vários seguidores; o templo e as sinagogas ficavam cheias para escutar suas palavras, tinha alcançado em Israel grande reputação. Fez inúmeros milagres e todos estavam agradecidos pelos benefícios recebidos. De repente tudo mudou, começou a ser desprezado e insultado. Diz o Evangelho: *Odiaram-me sem motivo* (Jo 15, 25). Os sacerdotes foram o péssimo fermento na massa do povo. Como cães raivosos, despedaçavam a carne do crucificado com calúnias e injúrias. Conseguiram que fosse enviado para morrer fora da cidade, onde são executados os criminosos; obtiveram a morte mais humilhante: a crucificação.

Com os amigos não encontrou lealdade. Um dos apóstolos o vendeu; aquele que tinha sido escolhido como o primeiro entre todos, negou-o três vezes e jurou não o conhecer; os outros fugiram. Os afetos humanos são inconstantes, mas os cristãos devem ser firmes na fé e constantes. O que sentiria o coração de Jesus diante do abandono dos amigos e rodeado dos que se alegravam com sua morte? *Meu coração tornou-se como cera, e derreteu-se nas minhas entranhas* (Sl 21, 15).

Somente a Mãe o acompanhou! O Pai deixou que padecesse. Ao abandono se referem os inimigos: *Confiou em Deus, Deus o livre agora, se o ama, porque ele disse: Eu sou o Filho de Deus!* (Mt 27, 43). Em certo momento, o Senhor também sentiu isso: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mt 27, 46).

Também foi uma grande humilhação para Jesus às acusações feitas: diziam que era um blasfemador, quando na realidade era Filho de Deus; que insurgia o povo contra César, enquanto na realidade ensinava o amor entre os homens; foi chamaram de mentiroso, Ele que é a Verdade; que sua doutrina pervertia o povo, quando a sua doutrina era a Boa Nova, a Salvação; que fazia milagres pelo poder do demônio; que era um vagabundo sem moradia, amigo de pecadores e publicanos. A última acusação era verdadeira, pois veio para curar os enfermos; quanto à moradia, havia dito: *As raposas tem suas tocas, os pássaros os seus ninhos; mas o Filho do homem, não tem onde reclinar a cabeça.*

Uma grande vergonha foi também a forma como o trataram: foram armados para prendê-lo na calada da noite como se fosse um ladrão; desfilaram com ele amarrado por toda a cidade; um simples criado se atreveu a esbofeteá-lo; passaram a noite toda de quinta-feira se divertindo e zombando com ele; Herodes desprezou-o como um louco; os soldados ridicularizam-no em público; preferiram um assassino ao invés dele; foi condenado a morte mais

infame, junto com outros dois ladrões. Assim foi desonrado, Aquele que merece toda a honra e glória por todos os séculos dos séculos.

A dor em seu corpo foi imensurável. *Desde a planta do pé até o alto da cabeça, não há nele coisa sã* (Is 1, 6). Estava todo chagado que *não tinha graça nem beleza para atrair nossos olhares, e seu aspecto não podia seduzir-nos. Era desprezado, era a escória da humanidade* (Is 53, 2-3). As costas estavam rasgadas pela flagelação, o ombro esfolado pela cruz, o corpo todo desconjuntado ao ser esticado no madeiro, a cabeça ensanguentada pela coroa de espinhos, pálido pela perda de sangue, com olheiras e sedento, as mãos e pés foram perfurados. Contudo a pior dor era no coração pela angústia que sentia.

Jesus quis padecer e padeceu como Deus. Vendo a fortaleza e a majestade de Jesus, percebemos que era mais que um homem comum. Estendeu com decisão os seus braços e manteve a cabeça erguida como um Rei.

Padeceu pela justiça e pela verdade. Preferiu perder tudo, a desobedecer a Deus. Foi obediente até a morte e morte de cruz. Com imenso amor sofreu para salvar os homens de todos os tempos. Entregou-se sem medida, pois bastaria apenas uma gota de seu sangue para redimir o universo. Amou tanto que *nos lavou de nossos pecados no seu sangue* (Ap 1, 5). *Felizes aqueles que lavam as suas vestes no sangue do cordeiro* (Ap 22, 14). *Assim, pois, como*

Cristo padeceu na carne, armai-vos também vós deste mesmo pensamento: quem padeceu na carne rompeu com o pecado, a fim de que, no tempo que lhe resta para o corpo, já não viva segundo as paixões humanas, mas segundo a vontade de Deus (1Pd 4, 1-2).

Para nós é grande e consolador o exemplo de Cristo, porque não temos nele um pontífice incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas. Ao contrário, passou pelas mesmas provações que nós, com exceção do pecado. (Hb 4, 15). A sabedoria de Deus mostra que Jesus passando pelas provações é igual a nós.

Estou imerso num abismo de lodo, no qual não há onde firmar o pé. Vim a dar em águas profundas; encobrem-me as ondas (Sl 68, 3). O Senhor foi primeiro, como um comandante, adentrou o mar deixando que a tempestade caísse sobre ele e as ondas o afogassem, para que nós o seguíssemos com segurança. *Sobre mim pesa a vossa indignação; vós me oprimis com o peso das vossas ondas (Sl 87, 8).* As ondas enfurecidas caíram sobre ele, mas conseguiu abrir um caminho no meio do mar para que o povo passasse e os seus inimigos afundassem *como chumbo na vastidão das águas (Ex 15, 10).* Os mundanos ficam tristes ante a pobreza, impacientes com a doença e desesperados perante um infortúnio. Por isso, o Senhor ensinou aos discípulos que ficavam no mundo a ser ricos na pobreza e alegres na dor e na adversidade encontrar a felicidade eterna. Por

meio da morte o Senhor ensinou *o caminho da vida* (Sl 15, 11). *Apenas estendestes a mão, e a terra os tragou. Conduzistes com bondade esse povo, que libertastes; e com vosso poder guiastes à vossa morada santa* (Ex 15, 12-13).

JESUS DIANTE DO PAI

Não podemos expressar com palavras ou entender com o limitado conhecimento humano, a alegria de Deus diante do Filho Unigênito. Que alegria em ver o Filho defendendo-o e vencendo os inimigos pela obediência. Mostrando com força e valentia ao mundo: a Justiça, a Misericórdia e a Santidade.

Deus aceitou por um tempo, como suave odor, os sacrifícios dos animais. Mas o sacrifício do Filho, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, foi a perfeita oferenda, viva e agradável. Não aceitaria mais o sacrifício da Lei antiga, pois ela apenas representava e anunciava o Novo e Eterno Sacrifício.

O sacrifício do Senhor foi oferecido somente uma vez, e foi suficiente e repleto de graças para os homens de todos os tempos. Com um único sacrifício ficou aplacada a ira de Deus. A justiça foi feita e abriram-se as mãos da misericórdia, os pecados estavam perdoados e os homens voltavam a gozar da amizade de Deus. A vida eterna foi presenteada aos homens.

O Senhor prometeu a Nóe: *Quando eu tiver coberto o céu de nuvens por cima da terra, o meu arco aparecerá nas nuvens, eu me lembrarei da aliança que fiz convosco e com todo ser vivo de toda espécie, e as águas não causarão mais dilúvio que extermine toda criatura.* (Gn 9, 14-15). Jesus com os braços abertos na cruz foi um novo arco, sinal da Nova Aliança entre Deus e os homens. O arco lança uma flecha, que é Cristo, o Pai é vencido e abraça os homens ao invés de castigá-los.

Jesus Cristo amou os homens por amor a Deus; Deus se tornou Pai dos homens por amor ao Filho, Jesus Cristo.

Que fortaleza é a esperança que temos em Jesus! Ele nos ama e pede por nós e o Pai nos perdoa. O Pai viu os sofrimentos que mereceram a nossa salvação.

Velai sempre, Pai e Filho, para que o amor do Espírito Santo nos santifique.

PAI, PERDOA-LHES

Jesus aproveitou que o Pai estava agradecido pela sua obediência e intercedeu por nós. Por todos, pelos justos e pelos pecadores, por aqueles que ainda não o conheciam e pelos que estavam presentes na crucificação, pelos que tinham compaixão e pelos que traziam um *ódio implacável* em sua perseguição (Sl 24, 19). O Senhor deseja a salvação daqueles que tiravam sua vida; rogou a Deus

por eles, e para que ninguém ficasse excluído do mérito de seu sacrifício.

Assim é o Pontífice que nos convinha (Hb 7, 26), que fosse santo e o seu amor pudesse abarcar até os inimigos. Apesar de todo o sofrimento, a perdição dos pecadores aumentava sua dor, esquecendo-se de si mesmo, não pedia alívio para a dor, mas perdão para os pecadores. Os inimigos aumentavam os insultos, Jesus aumentava as súplicas. *Não te deixes vencer pelo mal, mas triunfa do mal com o bem* (Rm 12, 21). Pediu muitas vezes: *Pai, perdoa-lhes; porque não sabem o que fazem* (Lc 23, 34).

É admirável que tivesse ficado em silêncio por tanto tempo no julgamento e durante a Paixão, e agora intercedesse para defender os algozes. O nosso advogado apresentou ao Pai todos os motivos que pudessem obter o nosso perdão; alegou a nossa ignorância e os seus próprios méritos a nosso favor.

Pai, eu sou seu Filho e sei que me amas, olha o amor que tenho e como obedeci, por seu amor estou na cruz. Não me negue o que peço, sou seu Filho e valho-me disso para pedir que perdoe todos. Seria justo castigá-los, mas eu os absolvo e peço que faça o mesmo. Tenho por eles um amor de irmão e o Senhor de Pai. O sangue que derramei foi por eles; chegou o tempo da entrega na cruz, mas também chegou o tempo do perdão e da misericórdia.

Perdoa-lhes, a responsabilidade é grande, mas fazem

por ignorância, foram enganados e não percebem a gravidade. Os seus líderes ficaram cegados diante da Luz, não quiseram conhecer a Verdade, confundiram o povo. Eles não percebem que realmente sou ¹³¹¹seu Filho; suplico que veja desta forma: eles não me matam, sou eu que morro por eles. Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.

No coração, Jesus pedia o mesmo para sua Mãe. Escutando a prece do Filho sua alma ficou iluminada pela força do sentido da oração. Atendendo ao rogo, com toda a força do Espírito Santo, abraçou todos aqueles pecadores em seu coração. Uniu sua oração com a de Jesus, intercedendo ao Pai para que os perseguidores fossem perdoados.

Pela intercessão de Jesus e Maria, muitos que estavam presentes se converteram. Logo após a Ascensão de Jesus, *elevou-se a mais ou menos três mil o número de adeptos* (At 2, 41).

HOJE ESTARÁS COMIGO NO PARAÍSO

Entre as pessoas que foram tocadas pela oração de Jesus, estava um dos crucificados ao seu lado. Pelas palavras dirigidas a Jesus notamos que os dois eram judeus. *E os ladrões, crucificados com ele, também o ultrajavam* (Mt 27, 44). A princípio os dois o insultavam. Mesmo sofrendo a mesma pena de Jesus, não eram compassivos.

Enfurecido pela tortura que recebia e impaciente com todos aqueles gritos e escárnios, um dos malfeitores blasfemava contra ele: *Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e salva-nos a nós* (Lc 23, 39). Agora é a ocasião para demonstrar o que diz ser! Salve-nos e se deles! Como é um mentiroso, não há esperança para nós.

O ladrão insultava Jesus, esquecendo-se de que realmente era um criminoso e merecia punição.

O outro ladrão escutou tudo e notou a paciência e dignidade com que Jesus rogava ao Pai pedindo perdão para todos, movido pelo Espírito Santo compreendeu que, além de inocente, ele era verdadeiramente o Rei de Israel.

Confiou que poderia ser salvo, mas não da maneira que seu companheiro tentava. Por isso repreendeu-lhe: *Nem sequer temas a Deus, tu que sofres no mesmo suplício? Para nós isto é justo: recebemos o que mereceram os nossos crimes, mas este não fez mal algum* (Lc 23, 40-41).

O Senhor na cruz iluminou com a verdade um dos companheiros de suplício. O outro que foi repreendido, agora talvez pudesse abrir-se para a salvação.

O venturoso ladrão, depois de ter reconhecido os próprios pecados e aceitar o castigo, mostrou ao companheiro onde estava a verdade. Então virou o rosto e disse: *Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres entrado no teu Reino!* (Lc 23, 42).

Com toda simplicidade reconheceu Jesus como Rei

e acreditou na ressurreição de uma maneira maravilhosa. Chamando pelo nome, não pedia mais nada para esta vida, somente o perdão e a vida eterna. Sentindo-se indigno, disse: Lembra-te de mim.

Vendo Jesus padecer ao seu lado, escutando todas as acusações que os sacerdotes lançavam, tudo levava a pensar que Jesus tinha crimes iguais aos seus ou até piores. A força da graça e a luz do céu foram abundantes, pois mesmo nestas circunstâncias acreditou em Jesus. Ninguém falava bem do Senhor, o sol ainda não tinha escurecido e a terra também não havia tremido. Não foram os acontecimentos que o moveram a crer, mas a força da cruz.

Viu Jesus padecer na cruz e acreditou nele como o Senhor do universo, acreditou no reino celestial e pediu o céu.

Emocionado, o Senhor escutou no meio de tanta zombaria e insultos, aquela voz que o reconhecia como Deus. Vinha de um ladrão que, mesmo estando Deus tão oculto, soube confessar em alta voz. Declarando a verdade ao outro ladrão, podemos dizer que foi o primeiro apostolado de fato. Como reconhecia a divindade e o defendia, dizendo que era santo e inocente, o Senhor concedeu muito mais do que pedia.

O Senhor alegrou-se pelo primeiro fruto do sangue derramado. A primeira conversão de um pecador, que imediatamente se fazia apóstolo. Como Sacerdote concedeu

perdão, como Rei deu a riqueza: *Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso* (Lc 23, 43).

AS TREVAS COBRIRAM TODA A TERRA

Havia meia-hora que o Senhor estava na cruz, desde o meio-dia. O Pai fez um prodígio no céu para dar um sinal que quem morria era seu Filho. A natureza choraria pela morte do Senhor, já que os homens blasfemavam dele.

O sol que nasce todos os dias e ilumina tanto os bons como os maus, afastou os olhos para não presenciar tanta maldade. Ao meio-dia quando o sol é mais forte, o céu escureceu. Deus mostrava aos homens a escuridão em que viviam e a enorme treva que caía sobre eles, por apagar a luz que resplandecia. Como o povo judeu retirava a luz sobre eles, Deus retirava a sua proteção e eles iriam ficar numa escuridão maior do que os envolvia neste momento.

O sol se virou contra os cruéis judeus, ficou de luto e ocultou-se na escuridão. Todos ficaram preocupados e perguntavam o que estava acontecendo. *Desde a hora sexta até a hora nona, cobriu-se toda a terra de trevas* (Mt 27, 45). Os judeus queriam um sinal (cf. Mc 8, 11). Não bastava o dia ficar escuro contra toda ordem natural? Que outro sinal seria mais claro que este?

As trevas cobriram a terra da hora sexta até a hora nona, o mesmo intervalo de tempo em que o Senhor esteve

vivo. Não havia nada de digno para ser iluminado. A obra da salvação estava se realizando. *Deus é meu rei desde os tempos antigos, ele, que opera a salvação por toda a terra* (Sl 73, 12). A claridade costuma atrapalhar os que fazem orações, assim ficou o Calvário: como um oratório no céu, com a melhor meditação que se podia ter: Jesus crucificado.

A VIRGEM MARIA SE APROXIMA DA CRUZ

Os amigos de Jesus, como também as mulheres que o tinham seguido desde a Galiléia, conservavam-se a certa distância, e observavam (Lc 23, 49). Também a Virgem Maria tinha seguido Jesus até o Calvário, estava um pouco afastada, porque a multidão e os soldados não a deixavam se aproximar.

Depois de crucificarem Jesus e os dois ladrões, o povo começou a ficar cansado de tanto gritar e blasfemar, havia escurecido e começaram a retirar-se. Aproveitando a oportunidade a Virgem Maria se aproximou da cruz e as mulheres foram juntas. Corajosas mulheres! Vinham da Galiléia, tinham deixado as casas para servir e ajudar no que pudessem; ali estavam presentes com firmeza, ao contrário dos apóstolos que estavam com medo e escondidos.

Havia algumas mais conhecidas, pois eram mães de apóstolos e parentes da Virgem Santíssima. *Junto à cruz*

de Jesus estavam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena (Jo 19, 25). Estava também, Salomé, mãe dos filhos de Zebedeu. A mulher de Cléofas era mãe de Tiago menor e de José, que eram parentes de Jesus por ambos os lados, porque Cléofas, conhecido também por Alfeu era irmão de São José, esposo da Virgem.

José, irmão de Tiago menor, foi quem entrou no sorteio com Matias, para saber qual seria o substituto de Judas (Cf. At 1, 23). Parece que a "outra Maria" era mãe também de Simão Cananeu e de Judas Tadeu, portanto eram irmãos de Tiago e de José. Assim eram chamados pelos habitantes de Nazaré: *Não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?* (Mt 13, 55).²¹

Pela amizade, desde a Galiléia, sabiam que era o momento crucial, por esta razão não se afastavam da Virgem Maria, acompanhando-a em todos os lugares, especialmente a este que trazia tanta amargura e dor.

Que fortaleza e constância! O Filho morria e a Mãe não temia a morte; o Filho cravado na cruz e a Mãe de pé, junto dela; o Filho padecia e a Mãe apresentava-se cora-

21. Fica evidente que os "irmãos de Jesus" eram na realidade primos. A língua semítica era pobre em vocábulos, o termo irmão pode significar filhos, primos e parentes distantes. Vários textos do Antigo Testamento confirmam: Gn 13, 8; Gn 29, 12-15; 1Cr 23, 21-23; 2Rs 36, 10; Jz 9, 3; 1Sm 20, 29; Tb 5, 9; Ct 4, 9...

josamente diante dos perseguidores; o Filho dava a vida e a Mãe estava disposta a perder a sua. O mundo estava em trevas e ela iluminada. No meio do mar tempestuoso, a Virgem Maria governada pelo Espírito Santo seguia o rumo sem desviar da vontade de Deus.

No meio de tanta força, a Virgem Maria chorava por aquele tormento tão cruel. Não podemos alcançar o tamanho da dor, porque a medida da dor é o amor e a Virgem amava com um amor maior do que uma mãe ama seu filho.

Ao levantar os olhos e ver o filho, desejava estar no lugar dele; não podia defendê-lo dos ataques, não podia cobrir sua nudez, não podia saciar sua sede, não podia limpar o sangue de seu corpo e não podia beijá-lo. Escutava todos os insultos e permanecia quieta; cumpriu plenamente com aquilo que tinha concordado: aceitar a vontade de Deus.

Ninguém pode entender plenamente a profundidade do mistério, a não ser a Virgem Maria que é a "bem-aventurada entre todas as mulheres", a "cheia de graça".

E uma espada transpassará a tua alma (Lc 2, 35), o coração de Maria ficou ferido com as mesmas chagas do corpo de Jesus. O corpo e o rosto desfigurados, a cabeça atravessada de espinhos e os pés e as mãos perfurados; o coração de Maria estava ali presente.

Junto à cruz de Jesus estava de pé sua mãe. Permanecia firme de pé, dando força com seu amor. Pensava

naquele menino que tinha dado à luz com tanta alegria; que havia ensinado, cuidado e visto crescer; lembrava quando partiu para divulgar a doutrina da salvação. Recordava que tinha escutado tantas coisas naquelas conversas e agora presenciava sua morte; não em sua casa ou em seus braços, mas numa cruz, todo castigado como um blasfemo.

No meio de tanta gritaria, com os carrascos e o povo furiosos ofendendo Jesus, Maria venceu pela fé e obediência; seria a consolação para todos que aceitassem a cruz.

EIS AÍ TUA MÃE

Quando Jesus viu a mãe e perto dela o discípulo que amava, disse à sua mãe: *Mulher, eis aí teu filho*. Depois disse ao discípulo: *Eis aí tua mãe* (Jo 19, 26). Para aqueles homens sem fé, a cena representava a desonra de um filho perante sua mãe.

Olhando para sua mãe, que estava tão perto, se moveu. O Senhor lembrou os momentos que havia passado junto dela: as alegrias durante todos aqueles anos e do respeito que recebiam por ela ser a mãe de Jesus. Agora tudo estava tão diferente. Viu o seu rosto sofrido e as lágrimas que escorriam, partiu-lhe o coração presenciar a mãe sofrendo tanto. O Senhor chorou também, as lágrimas se misturavam com o sangue e os soluços a dor.

Ao mesmo tempo, se alegrava por dentro, por ter a mãe perto naquele momento e agradeceu sua presença. Sua mãe demonstrava: fé, lealdade, fortaleza, humildade e obediência. Foi tão unida e parecida com o filho, que podemos dizer: foi obediente até a morte e por amor afogou-se nas águas do sofrimento.

Com aquele olhar, Jesus repartiu com a mãe todos os bens que conquistaria com sua morte. Elegeu-a Rainha do Céu, advogada dos pecadores e distribuidora de todas as graças. Ela que já havia recebido antes, por um favor de Deus, a preservação do pecado original e a plenitude da graça. Maria Santíssima foi a criatura mais pura entre todos os nascidos.

Olhou-a e não deixou que ficasse desamparada, apontou com o olhar para o discípulo e disse: Eis teu filho. Depois disse para o discípulo: Eis tua mãe.

Estava morrendo na cruz, mas não se esqueceu de sua mãe. Deixou alguém que cuidasse dela e lhe fizesse companhia, um novo filho no lugar daquele que perdia. Poderia ter feito isto depois da ressurreição, mas não queria que sua mãe ficasse nem um minuto desamparada. Fazendo em público, na frente de todos, foi como um testamento perante as testemunhas.

Eu sou seu filho e em todo o tempo que vivemos juntos fui obediente e respeitoso, mas agora devo obedecer o Pai. Não ficará sozinha, pois deixo meu querido discípulo,

a quem quero honrá-lo com este doce presente. Ele cuidará da senhora, como se fosse eu; peço que o ame como se fosse a mim. Parto, mas não ficará desamparada, tem agora um novo filho.

Que felicidade a de João! Devemos ter muita devoção a São João Evangelista, porque a Virgem Maria o olhou como seu filho, e nós temos Maria como nossa mãe.

Lembra-se, ó Virgem Maria, de que és minha Mãe. Este foi o melhor presente que recebemos na cruz. Agora somos todos irmãos, filhos adotivos de Deus e filhos da Senhora.

Quando Jesus disse a João "eis a tua mãe", devemos ouvir como se fosse para cada um de nós em particular. Abramos os olhos, ela é nossa Mãe!

Mãe, refúgio dos pecadores, agora e na hora da nossa morte.

Jesus Redentor conseguiu com o seu sangue que Maria se tornasse nossa Mãe. Não podemos chamar Eva de mãe, pela cobiça pelo fruto proibido tornou-se mãe do pecado. A Virgem Maria viu com dor o fruto pendurado na árvore da cruz, olhou com amor o fruto da vida, por isso se tornou Mãe de todos os homens. Nós somos os filhos da sua dor e seremos sempre agradecidos.

E dessa hora em diante o discípulo a levou para a sua casa (Jo 19, 27). João foi muito bem pago pelo amor e pela lealdade a Jesus. Desde àquela hora recebeu e a considerou como sua mãe; assim se cumpria a promessa feita:

receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna (Mt 19, 29). A Virgem Maria foi para João o cem por um. Era um prêmio imerecido, pela generosidade em deixar tudo para seguir Jesus, foi muito bem ressarcido.

JESUS MORREU POR CADA UM DE NÓS

Devemos meditar longamente no duro suplício que sofreu o Nosso Senhor na cruz. Esteve por três horas pendurado, o peso do corpo fazia abrir as feridas em seus pés e em suas mãos, para aliviar as câimbras e poder respirar ora se apoiava nos pés ora nos braços. O Senhor não procurava aliviar a dor, pois tinha se entregado livremente para sofrer em nosso lugar. Além disso, sua debilidade física era tamanha que não havia alívio nenhum.

Quando escureceu e todos começaram a sair assustados, ficou silencioso e calmo. Pôde o Senhor neste momento ver a cada de nós, no fundo de nossa alma. Compadeceu-se e rasgou o papel da sentença que nos condenava, cravou-o na cruz e apagou o que estava escrito com seu sangue. Conseguiu de Deus toda a graça para que nos fizéssemos santos.

Não devemos pensar que se ofereceu por todos de uma maneira geral. Quando estava na cruz se ofereceu por cada um em particular, amou a cada um, morreu como se

fosse para salvar apenas uma pessoa que estivesse sozinha no mundo. Viu cada um de nossos pecados e isso afligia de modo profundo seu Sagrado Coração. Rezou ao Pai e suplicou para que cada pecado fosse perdoado.

Bendita hora que estávamos no Calvário. Não estávamos muito perto nem muito longe, estávamos na própria cruz, no coração de Nosso Redentor. Abraçava-nos com seu amor e se oferecia ao Pai.

Eterno Pai, já que desejou e mandou seu amado Filho para pagar pelas nossas culpas, veja que o pagamento pelas nossas dívidas foi altíssimo. Permita que fiquemos livres, pois o fiador foi demasiadamente castigado. Veja, Senhor quem pagou pelos nossos pecados foi seu Filho e pagou com seu sangue.

*MEU DEUS, MEU DEUS,
POR QUE ME ABANDONASTE?*

O Senhor estava por mais de três horas na cruz. Durante todo tempo rogava ao Pai e oferecia seu sacrifício pelos nossos pecados. *Próximo da hora nona, Jesus exclamou em voz forte: Eli, Eli, lammá sabactáni? – o que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mt 27, 46). Todos o ouviram se dirigir ao Pai usando as palavras do rei Davi (Cf. Sl 21, 2).

Estava o Senhor com o corpo chagado, a alma amargurada, perseguido e abandonado, sentia falta de tudo, não tinha onde repousar a cabeça, tinha somente a cruz. Ser aparentemente desamparado, justamente por obedecer a seu Pai, escapa a compreensão humana. Devemos agradecer ao Espírito Santo por iluminar o evangelista que transmitiu a frase de Jesus, queixando-se de abandono, assim podemos meditar muito nesta passagem.

Foi surpreendente que o Senhor quase morto, debilitado pela perda de sangue e quase sem forças, exclamasse em alta voz, mostrando toda a angustia e solidão: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*

É um segredo da justiça e misericórdia de Deus. O Justo é desamparado na sua tristeza, para que fossem protegidos os pecadores. A razão humana leva a pensar que a justiça, pela morte de seu Filho, seria a destruição de todas as nações. Mas não foi isso que aconteceu, o Pai abandona o Filho e faz com que sinta a pena que mereciam os nossos pecados. Tudo isso, Deus fez para nos consolar, para que tivéssemos uma esperança na sua misericórdia, uma vez que se cumpriu toda a justiça.

Jesus nunca tinha sentido o desamparo de Deus. Estava constantemente na presença de Deus, face-a-face, sempre de uma maneira direta, porque o Pai e o Filho são um único Deus. Mas o homem pode se separar de Deus, e

para nossa salvação, quis Deus Pai que na cruz Jesus sentisse a ausência de Deus.

Em nenhum momento Jesus perdeu a confiança no Pai. Pouco antes, confiantemente havia pedido perdão para a humanidade, depois também com muita confiança entregaria o espírito nas mãos do Pai. Era impossível que o Pai abandonasse o Filho tão querido e obediente, que somente buscava a glória de Deus e em tudo se submeteu a sua vontade. Já havia declarado uma total confiança dizendo: *Aquele que me enviou está comigo; ele não me deixou sozinho, porque faço sempre o que é do seu agrado* (Jo 8, 29).

No entanto, desamparou-o durante os últimos momentos da Paixão, deixando-o sentir toda amargura e toda solidão. Podia ter impedido a flagelação, a coroa de espinhos, os cravos, ou aniquilar os que queriam crucificá-lo e calar os que insultavam. Porém Deus nada impediu.

Sabemos que os mártires recebem de Deus uma graça especial, para poderem suportar toda tortura e aceitar com alegria uma morte tão cruel por amor de Jesus. O Pai poderia conceder uma graça maior ainda para proteger seu Filho, por exemplo, poderia colocar a sua disposição um exército de anjos.

Como havia dito a Pilatos, não convinha, pois o seu reino não é deste mundo. Deviam se cumprir as Escrituras, por isso Deus deixou as trevas agirem livremente sobre

Jesus. O Senhor havia pedido no horto que, se fosse possível, o cálice fosse afastado, mas entendeu completamente que a vontade divina já estava escrita. Morreria sem nenhuma defesa, não seria poupado de nenhum sofrimento, e isso se cumpriu com tanta dureza que não pôde reprimir o grito de angústia: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*

Podia Deus conceder um consolo interior, na alma. Mesmo sofrendo a dor física, preservaria a dor em seu coração. É normal Deus conceder a graça aos fiéis, sentem-se alegres por poderem sofrer por ele; sentem-se tão perto de Deus, parece-lhes que nada os poderá atingir (Cf. Sl 90, 10). Não era necessário algo novo, bastaria não tirar a visão face-a-face que tinha de Deus.

Muitas vezes Deus atua assim: desampara os seus da consolação e proteção, deixa que sintam a própria fraqueza. Fez assim com Jesus para podermos aprender com o exemplo. Se Jesus não tivesse sofrido a solidão, nós teríamos ficado sem consolo na nossa debilidade. Por esta razão foi conveniente ocultar a glória e mostrá-lo somente com a natureza humana, deixá-lo sofrendo como se fosse apenas um homem. O terrível desamparo. Somente os que receberam uma especialíssima revelação de Deus conhecem o peso e a dor das palavras: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*

É admirável que durante todo o julgamento não se defendeu e guardou silêncio, e agora que já estava na cruz, onde não tinha mais retorno, se lamentasse.

Mas o que parece tão surpreendente revela uma lição. Jesus tinha sofrido tudo calado e pacientemente, mas alguém poderia pensar que tinha a fortaleza das pedras e a carne de bronze (Cf. Jó 6, 12), que não sentia realmente dor ou sofrimento. Para que não ficasse dúvida que sofreu muito, queixou-se com aquele grito.²²

Bastava olhá-lo para saber que seu corpo não era de bronze: estava com o rosto desfigurado e o corpo todo ensanguentado. Bastava ouvir os gemidos de dor para perceber que sua alma não era de pedra. Gritou e mostrou que era de carne e de osso e com sentimentos.

No horto havia mostrado os sentimentos, mas apenas três apóstolos presenciaram o momento.

Quando os inimigos ficaram satisfeitos, e o Senhor já tinha sofrido tudo que era necessário; manifestou os sentimentos de seu coração para que soubéssemos que embora tenha sofrido muito em seu corpo, maior ainda foi a dor em sua alma. Aquele grito representava toda sua dor.

22. No princípio do século II, surgiu uma heresia denominada Docetismo. Viam em Cristo uma forma apenas aparente de Deus, por isso só teria sofrido e morrido na aparência, com isso não reconheciam a ressurreição.

Não se queixou da traição de Judas, não reclamou de Pedro, nem dos sacerdotes, nem das falsas testemunhas, nem dos soldados, nem dos executores e nem de Pilatos. Não se lamentou de ninguém. Queixou-se ao Pai, somente ele poderia responder o motivo do desamparo.

Devemos aprender com Jesus: nos momentos de dificuldade encontraremos muito pouco apoio nos homens e, pelo contrário, muito em Deus. Pois, *não se vendem dois passarinhos por um asse? No entanto, nenhum cai por terra sem a vontade de vosso Pai* (Mt 10, 29). As contrariedades são remédio para as doenças espirituais, Jesus é o médico que receita, ainda que sejam os homens a dar o medicamento.²³ Para aumentar o nosso mérito e a glória no céu, é Ele quem luta por nós e nos dá a coroa da vitória. O condenado não suplica ao carrasco, mas ao juiz; o doente não se trata com o farmacêutico, mas com o médico; os soldados não mostram suas feridas para outros soldados, mas ao comandante. Igualmente não devemos lançar a culpa e nem ^{no Sacramento} se vingar naqueles que são motivo da nossa contrariedade, mas levantar os olhos a Deus, que é o nosso Comandante, Médico e Juiz.

Naquele momento Jesus se sentia sozinho e chorava sua tristeza.

23. Assim acontece no Sacramento da Penitência, o sacerdote ministra, mas quem perdoa é Cristo.

Falam de mim os que se assentam às portas da cidade, escarnecem-me os que bebem vinho. Minha oração, porém, sobe até vós, Senhor, na hora de vossa misericórdia, ó Deus. Na vossa imensa bondade, escutai-me, segundo a fidelidade de vosso socorro (Sl 68, 13-14).

No horto havia pedido que o Pai não o desamparasse, sujeitando-se totalmente a sua vontade, mas aparentemente foi abandonado e se queixou.

Perguntou qual o motivo do abandono. Com os homens a causa é pelo ódio e egoísmo, mas os motivos de Deus nascem do amor e são para o nosso proveito. Se soubéssemos os motivos não nos queixaríamos, somente agradeceríamos pela sua sabedoria. Por isso, perguntar com humildade significa desejo de submeter-se completamente à vontade de Deus.

As palavras seguintes do Salmo 21 fornecem a resposta. Os nossos pecados, que ele tomou para si, exigiam o abandono e a morte. O Senhor foi abandonado, para que nós não fôssemos abandonados por Deus e condenados à morte eterna. Não havia motivo para Deus o abandonar, mas Ele estava no nosso lugar e recebeu o abandono e a morte que eram nossos.

Alguns que escutaram o lamento de Jesus: *Eli, Eli, lammá sabactáni?* Começaram a fazer um jogo de palavras, dizendo que chamava por Elias. Era uma zombaria. Elias

deveria vir e anunciar o Messias, como achavam que Jesus era um falso messias, aproveitavam para fazer chacota. Mas Elias já tinha vindo na pessoa de João Batista (Cf. Mt 17, 13). *Em seguida, sabendo Jesus que tudo estava consumado, para se cumprir plenamente a Escritura, disse: Tenho sede* (Jo 19, 28).

TENHO SEDE

Imediatamente um deles tomou uma esponja, embebeu-a de vinagre e apresentou-lhe na ponta de uma vara para que bebesse. Os outros diziam: Deixa! Vejamos se Elias virá socorrê-lo (Mt 27, 48-49).

Apesar de todo sofrimento na cruz e toda zombaria, o Senhor cumpriu tudo o que estava estabelecido na Escritura. Dizendo que tinha sede confirmava o salmo: *na minha sede deram-me vinagre para beber* (Sl 68, 22).

Estava com uma sede que o atormentava, pois havia perdido muito sangue. *Minha garganta está seca qual barro cozido, pega-se no paladar a minha língua* (Sl 21, 16). Não pediu água, apenas disse que tinha sede. *Havia ali um vaso cheio de vinagre* (Jo 19, 29), que era uma bebida usada pelos romanos e deram-lhe para beber.

A Virgem Maria gostaria de saciar a sede de seu Filho, mas os soldados não deixaram que se aproximasse, e ela continuou sofrendo ali a mesma sede do Filho.

Mais do que a sede que resseca a garganta, o Senhor tem sede pela nossa salvação.

Senhor, gostaria que minhas lágrimas de arrependimento matassem sua sede, mas eu sou muitas vezes mais cruel que seus inimigos, sou incapaz de trazer alívio.

Porque tinha sede pela nossa salvação, o Senhor desejou padecer muito por nós, por isso não reclamou da tortura da cruz, seu amor era maior e vencia os tormentos. Depois do cálice de amargura que bebeu no horto, aceitando a vontade de Deus, ainda estava com sede. *As torrentes não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir* (Ct 8, 7). Foi uma loucura o que o Senhor fez, é como se tivesse bebido toda a água de um rio e ainda tivesse sede. É maravilhosa a sede de sofrer por nosso amor.

A sua sede de amor meu foi tanta que entrou mar adentro e as ondas submergiram, afundou num mar de dor até morrer. No alto mar do sofrimento ainda diz que tem sede?

Os soldados que estavam de guarda tinham que esperar até que os condenados estivessem mortos. Por isso, levavam com eles, para acalmar a sede, uma mistura de água com vinagre chamada de posca. Traziam também para dar aos condenados, porque um dos maiores tormentos na cruz é a sede. Quando o Senhor disse que tinha sede, um dos soldados espetou uma esponja na

ponta da lança, molhou-a na posca e deu de beber a Jesus. Os outros que não tinham piedade, disseram para deixar, pois Elias iria salvá-lo.

Que se poderia fazer por minha vinha, que eu não tenha feito? Por que, quando eu esperava vê-la produzir uvas, só deu agraço? (Is 5, 4). Em vez de vinho, produziu vinagre.

Havendo Jesus tomado do vinagre, disse: Tudo está consumado (Jo 19, 30).

TUDO ESTÁ CONSUMADO

O Senhor foi enviado para duas missões: ser o Messias e o Redentor. Ele as cumpriu perfeitamente.

Na última ceia orou ao Pai: *Eu te glorifiquei a terra. Terminei a obra que me deste para fazer.*

Agora, pois, Pai, glorifica-me junto de ti, concedendo-me a glória que tive junto de ti, antes que o mundo fosse criado. Manifestei o teu nome aos homens que do mundo me deste (Jo 17, 4-6).

Antes de sofrer, havia dito: *Eis que subiremos a Jerusalém. Tudo o que foi escrito pelos profetas a respeito do Filho do homem será cumprido (Lc 18, 31).* Agora tudo estava cumprido, até a última letra que escreveram os profetas.

Na cruz tudo se cumpriu para que os eleitos de Deus

soubessem que ali está a força de Deus, a plenitude e perfeição de todas as coisas. O que é mistério para o homem, escândalo para os judeus e loucura para os gentios, é onipotência de Deus.

Tudo está consumado: bebi o cálice da Paixão sem deixar uma gota sequer; as profecias foram cumpridas e toda a Escritura encontrou seu sentido em mim; paguei a dívida dos homens; a amizade de Deus com os homens foi restabelecida. Eu venci! Termina minha vida na terra e começa o triunfo da minha glória. *Consummatum est.*

Palavras misteriosas que encerram tudo o que Jesus Cristo realizou para nossa redenção. Somente quem a realizou conhece o sentido pleno.

Para conhecer o mistério devemos buscar a cruz. Na presença do Senhor, com a ajuda da graça, meditaremos como era infinita a dívida que Adão transmitiu aos seus filhos em desobedecer a Deus. Por ser o nosso pai, ele estava obrigado a pagar a dívida. Mas nem ele e nem nós, mesmo juntando toda a riqueza do mundo, poderíamos pagar. Pelos pecados voluntários dos homens a dívida aumentava a cada instante.

Os demônios estavam preparados para levar as almas dos homens para o inferno, onde ficariam eternamente, pois não teriam condições de quitar a dívida.

O Senhor é misericordioso e desceu do céu para resgatar nossa dívida, pagar o que não tinha roubado (Cf.

Sl 68, 5). Pagou com o sangue na cruz, rasgou nossas promissórias e nos anistiou. Converteu-se em nosso Senhor, deu-nos a liberdade, tirando do demônio o direito que tinha sobre nós. Antes de partir deu a boa notícia: Tudo está cumprido, a dívida foi paga, estão todos livres.

O pagamento da redenção foi muito generoso, Jesus pagou excessivamente acima da nossa dívida; além de nos libertar do inferno, conseguiu-nos a vida eterna. A Paixão do Senhor mereceu a glória para todos; antes os nossos solitários sofrimentos não tinham nenhum valor, mas agora unidos aos sofrimentos de Cristo, fazem jus ao pagamento de nossos pecados.

Com o pagamento na cruz, o homem que era pobre ficou enriquecido com a misericórdia de Deus. Antes tremíamos em pensar na justiça de Deus, agora podemos pedir o prêmio, pois *nenhum atleta será coroado, se não tiver lutado segundo as regras* (2Tm 2, 5). Perante o tribunal divino podemos reivindicar, porque pelas palavras de Cristo tudo está pago. *Consummatum est.*

Os homens, através dos pecados, desobedeciam a Deus, estavam em situação miserável. Como poderiam se esconder da justiça divina? Ninguém podia estar em paz com Deus, não havia consolo. Quem poderia ser mediador entre Deus e os homens? Como alcançar o perdão? Por outro lado, não se pode encontrar paz sem satisfação dos agravos feitos. O homem é fraco, não tem poder de desa-

gravar e nem forças para não voltar a ofender a Deus. Deste modo, não era possível alcançar a paz entre Deus e os homens. Uma guerra contra Deus somente poderia levar o homem à condenação eterna.

Mas, Deus tem um coração piedoso. Enviou um mediador, Jesus Cristo, para ajudar a salvação os homens. *Porque aprouve a Deus fazer habitar nele toda a plenitude e por seu intermédio reconciliar consigo todas as criaturas, por intermédio daquele que, ao preço do próprio sangue na cruz, restabeleceu a paz a tudo quanto existe na terra e nos céus* (Cl 1, 19-20).

O Príncipe da paz estava cravado na cruz, levantado entre o céu e a terra, garantindo a paz eterna. O tratado de paz foi assegurado na presença da corte celeste, pois o Senhor vê Deus face-a-face. Oferecia o seu sangue e a sua vida como parte do pagamento da humanidade, para saldar as dívidas e desagrar as injúrias cometidas contra Deus. *Dirigiu preces e súplicas, entre clamores e lágrimas, àquele que podia salvar da morte, e foi atendido pela sua piedade* (Hb 5, 7). Pelo imenso amor que o Pai sente pelo Filho, o acordo de paz eterna, entre Deus e os homens, foi confirmado. *Consummatum est.*

Ao morrer na cruz, o Senhor se fez *autor e consumidor de nossa fé* (Hb 12, 1). Na cruz realizou a consumação do que acreditamos e deu firmeza para nossas esperanças; mostrou o caminho para alcançar as coisas do alto e

animou-nos para deixar por Ele todas as coisas materiais. Na cruz se tornaram realidades todas as promessas de Deus. *Porque todas as promessas de Deus são "sim" em Jesus (2Cor 1, 20). Pois a lei nada levou à perfeição (Hb 7, 19), estava cheia de cerimônias inúteis e vazias. Agora, porém, conhecendo a Deus, ou melhor, sendo conhecidos por Deus, como é que tornais aos rudimentos fracos e miseráveis, querendo de novo escravizar-vos a eles? (Gl 4, 9). Por uma só oblação ele realizou a perfeição definitiva daqueles que recebem a santificação (Hb 10, 14).*

Tudo está consumado, tudo está perfeito, tudo foi cumprido. Levei até o fim o que a eterna sabedoria tinha fixado. Paguei o que pedia a justiça e tudo foi feito em favor do homem. Deus é piedoso e cheio de misericórdia. Tudo o que os patriarcas prometeram, tudo que os profetas anunciaram, todas as imagens e símbolos a meu respeito, tudo está cumprido. Ensinei tudo, para que deixem a ignorância e corrijam os erros; dei o remédio para curar o mal. Não falta nada para os tíbios para que se tornem fervorosos e fortes; todo consolo foi deixado para que se tornem santos. Venci o mundo! Agora podem também triunfar sobre as forças demoníacas, porque tudo está consumado.

Com seu exemplo aprendemos a não desistir nunca daquilo que começamos para a glória de Deus. Por muitas dificuldades que se apresentem, por muitos inconvenientes

que nos ponham, não devemos nunca voltar atrás.²⁴ Para que não digam de nós: *Este homem principiou a edificar, mas não pode terminar* (Lc 14, 30).

Desse modo, cercados como estamos de uma tal nuvem de testemunhas, desvencilhemo-nos das cadeias do pecado. Corramos com perseverança ao combate proposto, com o olhar fixo no autor e consumidor de nossa fé, Jesus. Em vez de gozo que se lhe oferecera, ele suportou a cruz e está sentado à direita do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente aquele que sofreu tantas contrariedades dos pecadores, e não vos deixeis abater pelo desânimo. Ainda não tendes resistido até o sangue, na luta contra o pecado (Hb 12, 1-4).

Combate pela justiça a fim de salvar tua vida; até a morte, combate pela justiça (Eclo 4, 33). *Sê fiel até a morte e te darei a coroa da vida* (Ap 2, 10). Não devemos fugir da cruz, mas perseverar nela até que se cumpra em nós inteiramente à vontade de Deus.

Com o tempo todas as contrariedades e penas terminam, Deus quer que a dor dos seus filhos termine depressa. Nunca nos faltará o consolo de Cristo.

A Virgem Maria levantou os olhos ao escutar que tudo estava consumado. Tentou erguer a cabeça do Senhor,

24. Aquele que põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o Reino de Deus (Lc 9, 62).

mas suas mãos não o alcançavam, caíram seus braços sem poder abraçar o filho; Jesus morria e ela não podia morrer com ele. O seu corpo desfalecia, sua alma estava tão unida à de seu filho, que morria na dor com ele.

De repente, viu-o tomar um último fôlego e exclamar suas últimas palavras. *Jesus deu então um grande brado e disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E dizendo isso, expirou* (Lc 23, 46).

PAI, NAS TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO

Quando colocamos algo valioso nas mãos de alguém é porque confiamos que cuidará bem, como se fosse seu. Se isso acontece conosco, que somos muitas vezes mentirosos e fazemos as coisas mal feitas, muito mais razoável e sensato é que confiemos em Deus, pois *o Senhor é fiel em suas palavras e santo em tudo o que faz* (Sl 144, 13). Por acaso conhecemos alguém que esperou algo de Deus e não foi atendido? Tudo o que temos é de Deus; devemos considerar e crer que tudo o que faz por nós é bom.

É mais valiosa a confiança em Deus quando estamos sofrendo contrariedades. Nestes momentos, além de confiar, devemos nos colocar em suas mãos e dizer: seja feita a sua vontade. Assim, manifestamos que Ele é justo e santo em tudo, ainda que nos levasse à morte. *Se ele me*

mata, nada mais tenho a esperar, e assim mesmo defenderei minha causa diante dele (Jó 13, 15).

Assim ensinou o Mestre que confiou sempre em Deus, mesmo no meio dos tormentos. Antes de começar sua Paixão, colocou sua vida e sua honra nas mãos de Deus: *Meu Pai, se é possível, afasta de mim este cálice! Todavia não se faça o que eu quero, mas sim o que tu queres. Meu Pai, se não é possível que este cálice passe sem que eu o beba, faça-se a tua vontade!* (Mt 26, 39.42). Quando Pedro tentou persuadi-lo, disse: *Não hei de beber eu o cálice que o Pai me deu?* (Jo 18, 11). O Senhor se colocou totalmente nas mãos do Pai, mesmo depois de ver a morte e a vergonha que sofreria. Ainda assim, confia plenamente e entrega seu espírito ao Pai. Chamou de Pai antes de sofrer e continuou chamando de Pai quando estava para morrer. Sabia, com certeza, que ressuscitaria ao terceiro dia, que a vitória era devida pelos seus méritos. Não quis fazer justiça pelas próprias mãos, se colocou nas mãos de Deus esperando pelos três dias, porque retomaria seu corpo, já glorioso e imortal.

Nas mãos de Deus estaria totalmente seguro, porque ali a morte não tem poder. *As almas dos justos estão na mão de Deus, e nenhum tormento os tocará* (Sb 3, 1). Não há outra saída, só Deus pode salvar o homem. Não podemos fazer outra coisa, só podemos nos colocar nas mãos de Deus e confiar na sua misericórdia, dizendo: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.

O Senhor com o brado mostrou confiança e segurança na hora da morte, sabia que triunfava sobre os inimigos. Foi um clamor de vencedor.

Demonstrou que era Senhor da vida e da morte, que morria por seu próprio desejo; como teve forças para dar o grito, também poderia estender a vida o tempo que quisesse. Tanto que *o centurião que estava diante de Jesus, ao ver que ele tinha expirado assim, disse: Este homem era realmente o Filho de Deus.* (Mc 15, 39).

Jesus na cruz falou sete vezes, ao contrário do silêncio durante todo o julgamento. Tanto que própria Escritura pondera o silêncio: *Eis o meu servo que eu amparo, meu eleito ao qual dou toda minha afeição, faço repousar sobre ele meu espírito, para que leve às nações a verdadeira religião. Ele não grita, nunca eleva a voz, não clama nas ruas* (Is 42, 1-2). *Foi maltratado e resignou-se; não abriu a boca* (Is 53, 7). Não se defendeu perante as acusações, inclusive disse ao pontífice: *Por que me perguntas? Pergunta àqueles que ouviram o que lhes disse. Estes sabem o que ensinei* (Jo 18, 21).

Sete vezes falou na cruz, não em defesa própria, mas para nosso provelto; três vezes falou com Deus e quatro vezes com os homens: a primeira foi para perdoar o ladrão; a segunda vez com sua Mãe e João; a terceira foi para dizer que tinha sede e que bebia o único fruto da sinagoga, o vinagre; na quarta vez dirigiu-se à nova Igreja, proclamando que tudo estava terminado e que tinha conquistado

a salvação. Na primeira vez que falou na cruz dirigiu a palavra ao Pai, depois falou com Ele uma vez no meio e finalmente dirigiu-lhe as últimas palavras. Foi um exemplo de como devemos recorrer a Deus em todas as ocasiões. Ele deve ser o princípio e o fim, e estar no meio das nossas ações. Não é preciso gritar, pois Deus ouve o mais silencioso desejo da alma. Mas, Jesus bradou para que soubéssemos e ficássemos seguros de que suas preces tinham sido ouvidas por Deus.

Eu bem sei que sempre me ouves, mas falo assim por causa do povo que está em volta, para que creiam que tu me enviaste (Jo 11, 42). Nos dias de sua vida mortal, dirigiu preces e súplicas, entre clamores e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, e foi atendido pela sua piedade. Embora fosse Filho de Deus, aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que teve (Hb 5, 7-8). Porque vós não abandonareis minha alma na habitação dos mortos, nem permitireis que vosso Santo conheça a corrupção (Sl 15, 10).

Pedia o que já estava anunciado simbolicamente em Jonas, que ao terceiro dia voltaria.

Jesus, depois de se dirigir ao Pai, *inclinou a cabeça e rendeu o espírito* (Jo 19, 30). Com tudo que sofreu, desde a noite anterior, sem descansar ou dormir, ainda resistiu por mais de três horas. Ele mesmo havia dito: *O Pai me ama, porque dou a minha vida para retomar. Ninguém a tira de mim,*

mas eu a dou de mim mesmo e tenho o poder de a reassumir. Tal é a ordem que recebi de meu Pai (Jo 10, 17-18).

Os que odeiam a minha vida, armam-me ciladas; os que me procuram perder, ameaçam-me de morte; não cessam de planejar traições (Sl 37, 13). Mesmo assim, ninguém lhe tirou a vida, somente quando toda a Escritura tinha se cumprido deu o grito e entregou a alma. Morreu erguido como um valente.

Ficou seu corpo pendurado na cruz, mas unido sempre com a pessoa do Filho de Deus. A cruz sustentava aquele corpo sagrado que representava para Deus: o preço da nossa salvação. Para os homens representava: o consolo dos sofrimentos; o exemplo para a vida; o guia do caminho; a esperança; o amor; a imagem dos escolhidos. Jesus na cruz também representa o desespero dos demônios, o vencedor da morte e do pecado, o Santo.

Do alto da cruz ensina, censura, alenta e ama. *A pesar de sua morte, ele ainda fala (Hb 11, 4).*

APÓS A MORTE DO SENHOR

Todas as coisas choraram a morte do Senhor. Em sua morte aconteceram tantos prodígios que ficava bem claro a força escondida, mesmo depois de sua partida. Aqueles braços esticados na cruz escondiam o poder de Deus. A escuridão, após a morte do Senhor, desapareceu e o dia

voltou a ficar claro. O sol iluminava o maravilhoso corpo de Jesus. *O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; sobre aqueles que habitavam uma região tenebrosa resplandeceu a luz* (Is 9, 1).

E eis que o véu do templo se rasgou em duas partes de alto a baixo, a terra tremeu, fenderam-se as rochas (Mt 27, 51). *E toda a multidão dos que assistiam a este espetáculo e viam o que se passava voltou, batendo no peito* (Lc 23, 48).

O primeiro lugar que sentiu a morte do Senhor foi o santuário. O templo celebrado no mundo inteiro pela magnitude, onde Deus havia escolhido sua morada, viu o véu rasgar-se de alto a baixo.

No templo havia um lugar chamado Santo, e outro mais escondido que levava o nome de Santo dos Santos. O átrio do local Santo dividia-se com um véu pendurado do alto até embaixo, um segundo véu separava o Santo dos Santos.

No lugar santo estava a mesa dos pães da proposição, o altar dos sacrifícios e o candelabro de sete braços. No Santo dos Santos estava o incensário de ouro e a arca do testamento, toda em ouro também. Na arca havia uma urna de ouro que continha o maná, a vara de Aarão e as tábuas da lei que Moisés recebeu de Deus.

Em cima da arca tinha dois querubins de ouro, um de frente para o outro, que com suas asas cobriam a mesa dos pães da proposição.

Pelo átrio se entrava no lugar Santo, e dali se chegava ao Santo dos Santos. O átrio era um lugar comum a todos; no santo, só podiam entrar os sacerdotes, para oferecerem os sacrifícios do dia; e no Santo dos Santos, somente o sumo sacerdote podia entrar, e apenas uma vez por ano para oferecer o sangue do sacrifício, derramando-o pela sua culpa e pelas culpas do povo.

O rompimento do véu foi o maior sinal ocorrido, maior que o eclipse, o tremor de terra e as pedras rachadas.

Os judeus podiam atribuir o terremoto e o eclipse como acontecimentos naturais, mas o véu se rasgar era com certeza um sinal divino. Com o sinal, Deus anunciava o abandono do templo, não seria mais necessário esconder com o véu o local. O templo agora estava vazio.

O exato local do Santo dos Santos encontrava-se agora no Calvário, onde a verdadeira arca da aliança, que guarda todos os tesouros de Deus, estava como verdadeira vítima da propiciação divina. *Porque é Deus que, em Cristo, reconciliava consigo o mundo* (2Cor 5, 19). A vara de Aarão tinha sido substituída pela cruz. As tábuas da lei foram superadas e aperfelçoadas pelo mandamento novo: o amor. O maná ficava como uma recordação, pois o verdadeiro alimento é o corpo e o sangue de Jesus.

E quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim (Jo 12, 32). Com a força do amor, atraiu

todas as coisas para si; a sinagoga ficou vazia e o templo uma casa deserta e sem dono.

O Santo dos Santos significava o reino dos céus, o lugar escondido aos olhos dos homens, onde Deus habitava.

O caminho do Santo dos Santos ainda não estava livre, enquanto subsistisse o primeiro tabernáculo. Porém, já veio Cristo, Sumo Sacerdote dos bens vindouros. E através de um tabernáculo mais excelente e mais perfeito, não construído por mãos humanas, sem levar consigo o sangue de carneiros ou novilhos, mas com seu próprio sangue, entrou de uma vez por todas no santuário, adquirindo-nos uma redenção eterna (Hb 9, 8.11-12).

Por esta razão rasgou-se o véu do templo, mostrando que estava aberto o caminho do céu.

Todos os sinais foram de grande alegria para os que acreditavam em Jesus crucificado. Para os judeus foi um sinal que encheu de temor. Mesmo assim muitos não acreditaram, mas outros viram no sinal toda indignação de Deus e se arrependeram de suas crueldades.

Enquanto o véu se rasgava, *a terra tremeu, fenderam-se as rochas* (Mt 27, 51). A própria terra reconheceu o seu criador e se alegrava com o triunfo sobre os inimigos.

Ó Deus, quando saíeis à frente de vosso povo, quando avançáveis pelo deserto, a terra tremia (Sl 67, 8-9). Ó montes, por que saltastes como carneiros, e vós, colinas, como cordeiros? Ante a face de Deus, treme, ó terra (Sl 113, 6-7).

Os louvores eram para lembrar da libertação e do afogamento dos egípcios no Mar Vermelho. Se o Senhor fez este portento para o seu povo escolhido, que tantas vezes fora infiel, com mais razão o faria para honrar seu Filho amado, que sempre foi fiel. O Senhor resgatou o seu povo da escravidão do pecado, sustentando-o com a sua fortaleza, pelo deserto da cruz até chegar à terra prometida dos céus. *Conduzistes com bondade esse povo, que libertastes; e com vosso poder o guiastes à vossa morada santa (Ex 15, 13).*

As rochas se quebravam, mas os judeus permaneciam firmes, não reconheciam os pecados.

Percebendo a derrota, o inferno tremeu. *A morte foi tragada pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? (1Cor 15, 55).* O Senhor do alto da cruz fez *desaparecer a morte para sempre (Is 25, 8). Onde estão tuas calamidades, ó morte? (Os 13, 14).* A vida absorveu a morte.

Cancelando o documento escrito contra nós, cujas prescrições nos condenavam. Aboliu-o definitivamente, ao engravá-lo na cruz (Cl 2, 14). Despojou os demônios do

poder, que até então possuíam sobre os homens. *Caíram sobre eles o terror e a angústia, o poder do vosso braço os petrificou* (Ex 15, 16).

O reino de Cristo venceu os espíritos diabólicos; o poder do pecado e das trevas desapareceu diante do brilho luminoso da cruz. Abriu-se nos corações dos homens a fé, a esperança e a santidade. Começava a florescer um novo tempo no mundo.

Muitos gentios deram testemunho. Os soldados que estavam de guarda foram os primeiros a manifestar publicamente a fé em Cristo. *Graças a Jesus Cristo, vós que antes estáveis longe, vos tornastes presentes, pelo sangue de Cristo* (Ef 2, 13). Aconteceu o mesmo no nascimento, os gentios vindo do Oriente vieram adorá-lo. Agora, enquanto os judeus zombavam, os gentios o reconheciam como Deus. *O centurião e seus homens que montavam guarda a Jesus, diante do estremecimento da terra e de tudo o que se passava, disseram entre si, possuídos de grande temor: Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus!* (Mt 27, 54).

O mérito da Paixão do Senhor também alcançou alguns judeus. *E toda a multidão dos que assistiam a este espetáculo e viam o que se passava voltou, batendo no peito* (Lc 23, 48).

ABRIU-LHE O LADO COM UMA LANÇA

A multidão voltava arrependida batendo no peito, mas os príncipes dos sacerdotes continuavam a injuriar o corpo do Senhor.

Havia uma lei que dizia: *Quando um homem tiver cometido um crime que deve ser punido com a morte, e for executado por enforcamento numa árvore, o seu cadáver não poderá ficar ali durante a noite, mas tu o sepultarás no mesmo dia; pois aquele que é pendurado é um objeto de maldição divina. Assim, não contaminarás a terra que o Senhor, teu Deus, te dá por herança* (Dt 21, 22-23).

O Senhor *fazendo-se por nós maldição* (Gl 3, 13), alcançou para nós a salvação. Os sacerdotes desejavam cumprir a lei, sepultando-o naquele mesmo dia, mas também havia outra razão, o dia seguinte era sábado, dia sagrado (cf. Ex 12, 16).

Os judeus temeram que os corpos ficassem na cruz durante o sábado, porque já era a Preparação e esse sábado era particularmente solene. Rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas e fossem retirados (Jo 19, 31).

Sendo sábado solene, não convinha estragar a festa com uma cena tão deprimente, corpos pendurados na cruz, contaminando a terra. A aparente preocupação religiosa era na realidade uma falsidade, queriam que o povo

esquecesse todo o ocorrido e, principalmente, esquecessem de Jesus. Com os corpos visíveis a todos, muitos comentários surgiriam. Então pediram para que Pilatos apressasse a morte deles e que fossem retirados das cruzes. O costume era deixar os crucificados agonizando na cruz, muitas vezes durante dias, e depois deixar o corpo para que as aves de rapina se alimentassem. Quebrando-lhes as pernas, não teriam mais forças para respirar e morreriam rapidamente.

O eclipse solar, os tremores e o véu do templo rasgado, não foram capazes de abrir os olhos dos sacerdotes. Eles não sabiam que o Senhor já estava morto, e quebrando-lhe as pernas, além da crueldade, acabariam com tudo.

Tudo tinha que se cumprir: *Não lhe quebrarás osso algum* (Ex 12, 46); *não quebrarão nenhum dos seus ossos* (Nm 9, 12); *Ele protege cada um de seus ossos: nem um só deles será quebrado* (Sl 33, 21). *Assim se cumpriu a Escritura: nenhum dos seus ossos será quebrado* (Jo 19, 36). Apesar dos inimigos desejarem o contrário.

O Senhor morreu quando quis, apesar do esforço dos sacerdotes. *Vieram os soldados e quebraram as pernas do primeiro e do outro, que com ele foram crucificados. Chegando, porém, a Jesus, como o vissem já morto, não lhe quebraram as pernas* (Jo 19, 32-33). Naquela mesma hora o ladrão arrependido foi levado ao Paraíso.

Um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança (Jo 19, 34) para ter certeza que estava morto. De igual modo, os nossos pecados atravessam o coração de Jesus.

Abrindo-lhe o lado, feriu seu coração, fonte da vida e da água eterna. A Igreja canta em seus hinos: doce madeiro, doces cravos que sustentaram tão preciosa carga. No entanto, à lança é chamada de “ferro cruel”. Ao abrir o seu lado, foi aberto a porta do amor, e o Senhor nos quer assim, com o seu Coração ferido.

Santo Agostinho comenta que o evangelista não diz feriram seu corpo, mas abriram indicando que se abria a porta da vida, de onde jorram os Sacramentos da Igreja, sem os quais não se alcança a vida eterna.²⁵

Eva tinha nascido do lado do homem velho, Adão. Quando foi aberto seu lado, Adão dormia; Eva foi chamada mãe dos viventes.

O novo Adão, Jesus, também dormia, mas o sono da morte; e de seu lado aberto fez nascer a Igreja viva, mãe dos santos, mãe de todos os viventes.

Do lado aberto *imediatamente saiu sangue e água* (Jo 19, 34), da qual foi formada e enriquecida sua Igreja. *Este mistério é grande* (Ef 5, 32).

Este é o consolo dos abatidos, a fortaleza para os que sofrem tentações, o refúgio dos pecadores. A porta

25. Cf. Santo Agostinho, Comentário ao Evangelho de São João.

por onde os homens se santificam. É a porta que Deus mandou Noé fazer na lateral da arca, para que entrassem todos que haviam de se salvar do dilúvio (Cf. Gn 6, 16). É a *porta do templo, chamada Formosa* (At 3, 2), refúgio em que sempre se encontra misericórdia e salvação. *Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo* (Jo 10, 9). É a porta cuja chave só os amigos de Deus possuem. É a porta que desce à adega, onde se embriagam com o vinho do seu amor. *Esta é a porta do Senhor: só os justos por ela podem passar* (Sl 117, 20).

O nosso coração está todo ele aberto. Não é estreito o lugar que nele ocupais (2Cor 6, 11-12). Se São Paulo podia dizer isto, podemos imaginar como é o coração de Jesus, onde cabe toda humanidade. Para uma casa tão grande, era necessária uma porta igualmente grande, onde estão escritos os nomes de todos os homens.

Depois de ressuscitado, permaneceu com o lado aberto, troféu de sua vitória. Por isso, quando Tomé colocou os dedos na ferida o entendimento foi iluminado e acreditou; inflamado de amor, pode dizer: *Meu Senhor e meu Deus* (Jo 20, 28).

Como atrai suavemente esta ferida! O coração ferido abraça os homens e os tornam seus amigos. Por isso, o Senhor apareceu aos apóstolos depois de ressuscitado e mostrou as mãos e o lado aberto. Agora, além de ferido, o coração está todo aberto.

JORROU SANGUE E ÁGUA

Ao tirar a lança, jorrou sangue e água. É interminável a generosidade de Deus, quando parecia que tinha dado tudo, pois deu a vida, abriu a porta de seu coração e deu a água da vida eterna.

Segundo a tradição, o soldado se chamava: Longino. Ficou admirado quando saiu sangue e água; viu e acreditou, compreendeu quem era aquele que traspassou.

João, já ^{em} idade avançada, continuava maravilhado com o mistério: *Quem é o vencedor do mundo senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus? Ei-lo, Jesus Cristo, aquele que veio pela água e pelo sangue; não só pela água, mas pela água e pelo sangue. E o Espírito é quem dá testemunho dele, porque o Espírito é a verdade* (1Jo 5, 5-6).

Para vencer o mundo precisamos acreditar no que Jesus ensinou: a pobreza, a humildade, a esperança. *Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como eu vos amo* (Jo 15, 12). Vence o mundo quem segue o exemplo de Jesus, crê na sua doutrina e a põe em prática, mortifica-se para alcançar o perdão, abre-se a sua graça e luta com amor e serenidade, participa dos seus méritos e busca a vida eterna.

João Batista batizava com água; mas o batismo de Cristo lava os pecados. Na noite de quinta-feira, tomou um cálice de vinho com água; no horto suou gotas de sangue;

do seu lado aberto jorrou sangue e água. Verdadeiramente é assim, pois não veio somente na água, mas em sangue e água.

Esses, que estão revestidos de vestes brancas, quem são e de onde vêm? Respondi-lhe: Meu Senhor, tu o sabes. E ele me disse: Esses são os sobreviventes da grande tribulação; lavaram as suas vestes e a alvejaram no sangue do Cordeiro (Ap 7, 13-14).

As roupas deveriam ficar vermelhas, mas o sangue do Cordeiro lava os pecados com se fosse água, como um batismo.

É o Espírito que atesta que Cristo é a verdade, porque o Espírito é a verdade e não diz senão a verdade. Com este precioso sangue somos salvos e lavados em água. Não há nada mais limpo que o sangue e água, com o qual, por virtude do Espírito, somos lavados e purificados.

Pois se o sangue de carneiros e de touros e a cinza de uma vaca, com que se aspergem os impuros, santificam e purificam pelo menos os corpos, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu como vítima sem mácula a Deus (Hb 9, 13-14).

Da mesma forma a água não tem o poder de lavar e salvar, se não for pela força do Espírito Santo. *Quem não*

renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus (Jo 3, 5).

Assim foi gerado o novo povo de Deus: com água, sangue e a força do Espírito. Desta forma foi estabelecida a Nova e Eterna Aliança entre Deus e os homens.

Na lei antiga, *Moisés tomou o sangue para aspergir com ele o povo: Eis, disse ele, o sangue da aliança que o Senhor fez convosco, conforme tudo o que foi dito* (Ex 24, 8). Depois da morte de Jesus Cristo, o Espírito Santo deu testemunho de que em Cristo se cumpria as figuras antigas, de que Cristo é a Verdade e a Nova Aliança.

Os mandamentos antigos eram duros, as promessas temporais, o sangue era de animais. Mas no tempo da graça, os mandamentos são de amor, a promessa é a vida eterna e o sangue é de Jesus Cristo.

Moisés leu o livro diante do povo todo e depois os aspergiu. Na Nova Aliança, Cristo pregado na cruz era o livro aberto, com seu sangue lavou os pecados de seu povo.

Com sua morte ficou firmada para sempre a Nova Aliança. Todos foram chamados a lavar-se no sangue do Cordeiro, a participar dos bens do Corpo Místico: os Sacramentos da Igreja.

Somente pelo sangue de Cristo se alcança a vida eterna. São Pedro escreve: *os eleitos segundo a presciência de Deus Pai, e santificados pelo Espírito, para obedecer a*

Jesus Cristo e receber a sua parte da aspersão do seu sangue (1Pd 1, 2).

A Trindade confirma que Jesus é verdadeiro homem e Deus Verdadeiro. O Pai, no monte Tabor e no rio Jordão, disse: *Eis meu Filho muito amado* (Mt 3, 17). O Verbo revelando a si mesmo: *Eu e o Pai somos um* (Jo 10, 30). O Espírito Santo desce *em forma de pomba sobre ele* (Mc 1, 10).

Na terra também há três confirmações da divindade de Cristo: *o Espírito, a água e o sangue; os três dão o mesmo testemunho* (1Jo 5, 8). O Espírito expirou na cruz, o sangue e a água que seu corpo derramou. E todos os testemunhos são um, porque Jesus é Deus. Lava-nos com a água do seu Batismo, alimenta-nos com o Sacramento do seu corpo e sangue e fortalece-nos com o amor do Espírito Santo.

Os corpos dos animais, oferecidos em sacrifício, eram queimados fora do acampamento, *por esta razão, Jesus, querendo purificar o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora das portas. Saíamos, pois, a ele fora de entrada, levando a sua ignomínia. Aliás, não temos aqui cidade permanente, mas vamos em busca da futura* (Hb 13, 12-14).

Saiamos do nosso egoísmo, saíamos de nós mesmos e carreguemos a nossa cruz; e se nos leva à morte, não nos importa, pois vamos com Cristo.

Não nos importa peregrinar e não ter um lugar fixo, porque estamos de passagem, caminhamos para a morada permanente, que é eterna e não deste mundo.

JESUS É TIRADO DA CRUZ

A maioria dos reis e pessoas importantes, logo que morrem começam a ser esquecidos. Mas o nosso Rei conquistou seu reino ao morrer, começou a manifestar o seu poder e a ser reconhecido antes de descer da cruz, começou a reinar no madeiro. Os soldados o reconheceram na cruz, o povo se arrependeu e voltou batendo no peito, a terra tremeu e o sol escureceu.

Como Rei, foi descido com carinho e veneração, o ódio ficou na crucificação. Foram pessoas amigas e importantes que o baixaram da cruz. Deus preparou honras fúnebres como prêmio por toda obediência. O sepultaram como um amigo, não como um ladrão.

Naquele tempo, o rebento de Jessé, posto como estandarte para os povos, será procurado pelas nações e gloriosa será a sua morada (Is 11, 10).

Os que prepararam com carinho o sepultamento foram: *Um homem rico (Mt 27, 57), José de Arimatéia, ilustre membro do conselho, que também esperava o Reino de Deus (Mc 15, 43). Era discípulo de Jesus, mas ocultamente, por medo dos judeus (Jo 19, 38), ele não havia concordado com a decisão dos outros nem com os atos deles (Lc 23, 51). O outro que acompanhou foi Nicodemos (Jo 19, 39), fariseu e doutor em Israel (Jo 3, 10). Foi ele quem reconheceu que o*

Senhor vinha do céu. Mesmo com medo foi uma vez de noite tirar as dúvidas.

Os dois homens, embora não fossem publicamente discípulos do Senhor, o defendiam nas assembléias. Nicodemos uma vez fez notar no conselho: *Condena acaso a nossa lei algum homem, antes de o ouvir e conhecer o que ele faz?* (Jo 7, 51). Todos os juizes se voltaram contra ele: *Porventura és também tu galileu? Informa-te bem e verás que da Galiléia não saiu profeta* (Jo 7, 52). Desde então, começaram a suspeitar dele.

José de Arimatéia também não se deixou levar pela injustiça, não concordava com o processo. São Marcos narra que todos assinaram a sentença de morte contra Jesus, então, provavelmente não assistiu a condenação no Sinédrio, por medo ou por se achar incapacitado em convencer os outros. Mas, depois da morte do Senhor, *foi resoluto à presença de Pilatos e pediu o corpo de Jesus* (Mc 15, 43).

Quando o Senhor fazia milagres, falava publicamente e era reverenciado como profeta, José e Nicodemos escondiam a admiração por medo. Agora que Jesus tinha sido expulso da sinagoga, caluniado e considerado pior que um ladrão, flagelado e crucificado, demonstravam diante de todos a fé. A cruz forneceu a força necessária. Enquanto os discípulos estavam com medo e escondidos, José e Nicodemos, honravam o morto publicamente.

À tardinha (Mt 27, 57) José se apresentou diante de Pilatos para pedir o corpo. *Era o dia da Preparação e já ia principiar o sábado* (Lc 23, 54). Os judeus começavam a se guardar ao pôr do sol, depois já não poderiam descer o corpo e se ocupar com a sepultura. Vendo que restava pouco tempo e se não fossem rápidos, o corpo teria que ficar exposto durante todo o dia seguinte. José, sozinho e corajosamente, correu a Pilatos para pedir o corpo. Mostrou muita coragem, porque com a atitude se declarava amigo de Jesus, arriscando perder cargo e prestígio no conselho. José preferiu perder a honra perante os outros, para conseguir tomar parte da cruz do Senhor. Não teve respeitos humanos, nem se preocupou com o que Pilatos pudesse pensar. Pediu a maior riqueza da terra: o corpo de Jesus, o Filho de Deus, o Pão da Vida. José, naquele momento, manifestava o desejo e a necessidade de toda a Igreja.

Pilatos admirou-se de que ele tivesse morrido tão depressa. E, chamando o centurião, perguntou se já havia muito tempo que Jesus tinha morrido (Mc 15, 44). Talvez a notícia da morte, trouxesse a Pilatos um remorso, por isso admirou-se. Enquanto estivesse vivo, sua consciência adiava o pensamento pela injustiça cometida.

Agora seus pensamentos o remoíam, faziam-no lembrar de Jesus sereno e toda sua omissão perante o julgamento. Atormentava-lhe a ideia de ter condenado

uma divindade; tinha visto a terra tremer e o sol escurecer durante três horas, sua covardia ficava clara.

Pilatos desejava um milagre: que aquela morte injusta não acontecesse. Por isso, admirou-se que já estivesse morto, sabia por experiência, que muitas vezes os condenados ficavam agonizando por dias. Não acreditava numa morte tão rápida, pois Jesus era forte; fazia pouco tempo que os judeus pediram para que se quebrassem as pernas dos condenados para apressarem suas mortes. Pilatos não percebia que o Senhor tinha passado uma noite e uma manhã inteira em tormentos, tinha sido flagelado, perdido muito sangue e carregado uma pesada cruz. Havia uma dor maior, que Pilatos nunca poderia conhecer: a agonia interior, a dor que Jesus sofreu por amor, que é infinita. Por isso, aquelas três horas foram uma eternidade.

Pilatos ficou tão admirado que não acreditou em José. Foi preciso a confirmação do centurião para que acreditasse. Talvez o centurião, não só tenha confirmado a morte, como lhe contou que aquele homem era realmente Filho de Deus. Pilatos ficaria assim, mais confuso e perturbado.

Obtida a resposta afirmativa do centurião, mandou dar-lhe o corpo (Mc 15, 45). José saiu alegre com a autorização e preparou o necessário para o sepultamento, não se preocupava mais em fazer nada escondido, não estava mais com medo, sentia orgulho de ser amigo de Jesus.

Veio Nicodemos, agora à luz do dia, *levando umas cem libras de uma mistura de mirra e aloés* (Jo 19, 39). Os dois desceram o corpo de Jesus e o sepultaram, sem se preocuparem com gastos ou com a opinião dos sacerdotes, como também não se importaram com a impureza legal.

A lei dizia: *se alguém, em pleno campo, tocar em um homem morto pela espada, em um cadáver, em ossos humanos, ou em um sepulcro, será impuro durante sete dias* (Nm 19, 16).

José e Nicodemos tinham grave motivo para se excluírem do sepultamento, pois ficariam impuros para celebrar a Páscoa. Mas a fé, a compaixão e o amor, estavam acima da lei. Sabiam que não ficariam impuros, pelo contrário, seriam limpos pela obra de misericórdia.

A Páscoa não fica impura quando é renovada por meio daquele que é a origem de toda limpeza e santidade, princípio da vida e da ressurreição.

Com esta convicção, sepultaram Jesus com toda reverência, apesar do pouco tempo disponível que tinham.

Depois de ter comprado um pano de linho, José tirou-o da cruz (Mc 15, 46). *Tomaram o corpo de Jesus e envolveram-no em panos com aromas, como os judeus costumam sepultar* (Jo 19, 40).

José fez questão de comprar um pano novo, não quis envolver o corpo do Senhor com um lençol usado, mesmo que fosse limpo. Aprendamos com José a tratar Jesus com

toda delicadeza, principalmente quando comungamos o corpo do Senhor.

Nícodemos trouxe cem libras de aromas, cerca de trinta quilos. Aplicaram os aromas no e o cobriram com um lençol novo. O corpo do Senhor ficou todo perfumado com mirra e aloés.

JESUS É SEPULTADO

José e Nicodemos ajudados por outras pessoas, desceram o corpo de Jesus da cruz. A Virgem Maria estava no pé da cruz, olhando com valentia, fortaleza, amor e compaixão. Não queria ficar longe do Filho, chorava ao ver Jesus morto, mas sua alma estava serena na esperança da ressurreição.

Nela fez *maravilhas aquele que é poderoso e cujo nome é santo* (Lc 1, 49). Grande foi a dor, grande foi a graça que recebeu de Deus. O Espírito Santo a guiava e ela obedecia. Neste dia cresceu ainda mais sua intimidade com Deus. Os anjos estavam em profunda lamentação, mas somente as lágrimas da Mãe, que o amava mais que todos os homens, poderiam honrar o funeral.

Acompanhavam a Virgem, o novo filho João e as mulheres seguidoras do Senhor. Todos choravam e protegiam a Virgem. Tentavam falar alguma palavra de

consolo, mas estavam todos com a garganta apertada pela dor; de repente alguém falou: Maria, não chore. Tudo está consumado. Seu Filho saiu vencedor, todos sabem que é inocente, fizeram a injustiça por inveja. Percebendo que as palavras a feriam mais ainda, disse: Perdoa-lhes, e calou-se.

Quem poderia consolar a Consoladora dos aflitos? Era ela quem sabia consolar, que tinha esperança e fé. Humildemente a Virgem agradeceu os amigos que ali estavam.

Todos estavam envergonhados, porque a princípio tinham sido covardes e se escondido, assim mesmo a Virgem Maria agradecia-lhes.

Agora pediam perdão, não com palavras, mas com atitude de carinho com o corpo de Jesus. Tarde demonstravam amor, contudo a Virgem os compreendia e ficava agradecida.

Continuaram com o trabalho de desprender Jesus da cruz, arrancavam os cravos e o peso do corpo caiu sobre eles, amparam com os braços e ficaram vermelhos do sangue do Senhor. Todos permaneciam em silêncio, ninguém falava nada. Depois de descerem completamente o corpo, puseram-no nos braços de sua Mãe.

Como um Rei, que volta vitorioso do campo de batalha, foi recebido no melhor trono, os braços de sua Mãe. Nada podia honrá-lo mais.

Ao mesmo tempo em que sentia uma dor terrível, estava orgulhosa de Jesus crucificado. Pela cruz tinha recebido mais graças que nenhuma outra criatura, era a bendita entre todas as mulheres. Agradeceu tudo isso e abraçou com toda sua alma o corpo do Filho.

Meu Filho! Não me queixo pelos assassinos, porque você se ofereceu por eles. Era a sua vontade e foi cumprida. Morreu como um valente, como o Filho de Deus. Como é grande a misericórdia e incompreensível a justiça! Deus foi misericordioso com os homens, enviando o Filho para morrer por eles. Amo a justiça, porque vem de Deus, embora não a compreend^o totalmente. Como foi sua vontade realizar o mandato do Pai, eu aceito e sofro também. Aceita meu Deus, o sacrifício desta mãe, seja misericordioso com os pecadores, pois o Filho morreu por eles. Mantenho e renovo aquele oferecimento: Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra (Lc 1, 38).

Todo o peso dos pecados, Maria sentia por estar com Jesus em seus braços. Com a força do Espírito Santo manifestou todo seu amor e o desejo de salvar a cada um. Jesus é o Mediador e o Redentor da humanidade e ela se unindo ao Filho, tornou-se nossa Mediadora e Advogada. Co-Redentora com Cristo.

No lugar em que foi crucificado havia um jardim (Jo 19, 41). O Calvário era onde se executava os condenados,

mas Deus quis que a Redenção sempre ficasse unida a cruz, na memória dos homens. O pecado de Adão foi junto de uma árvore; o poder de Jesus foi manifestado em outro madeiro, a cruz. A árvore de Adão estava no jardim do Paraíso; o Senhor começou a Paixão no Horto das Oliveiras e terminou no jardim, ao lado do Calvário. No jardim foi plantada a Semente da glória e da imortalidade.

Havia no jardim um sepulcro novo, em que ninguém ainda fora depositado (Jo 19, 41), escavado na rocha (Lc 23, 53). Pertencia a José de Arimatéia, que tinha mandado talhar para si na rocha (Mt 27, 60).

Em toda vida terrena, Jesus foi pobre. Tiveram os amigos que fornecer um pano e um sepulcro. José e Nicodemos usaram bem as riquezas, sepultando o corpo do Senhor com toda dignidade. José foi muito generoso, pois aquele sepulcro fora esculpido para ser usado em seu descanso. Jesus não teve nada e aquele sepulcro também não seria seu, pois ao terceiro dia ressuscitaria.

Chegando ao horto, ungiram o corpo de Jesus com mirra e aloés, trazidas por Nicodemos. O local era mais digno para se fazer os preparativos do enterro, envolveram o corpo com o lençol e depositaram no banco de pedra, dentro do sepulcro. Sobre a cabeça colocaram um sudário (Cf. Jo 19, 7), segundo o costume de enterrar dos judeus.

Foi ali que depositaram Jesus por causa da Preparação

dos judeus (Jo 19, 42). Não havia mais tempo, fizeram o melhor que podiam, começava a anoitecer.

Foi conveniente que tudo fosse novo. O lençol novo e limpo representava a pureza e a limpeza das almas, que vão receber seu Corpo. Como o Senhor nasceu de uma virgem, agora que morria repousava em um sepulcro novo e nunca usado, pois desta rocha virgem, renasceria em três dias.

As mulheres que tinham vindo com Jesus da Galiléia, acompanharam José. Elas viram o túmulo e o modo como o corpo de Jesus ali fora depositado (Lc 23, 55). *Sentadas defronte do túmulo* (Mt 27, 61), *Maria Madalena e Maria, mãe de José, observavam onde o depositavam* (Mc 15, 47). Depois da festa tinham a intenção de voltar, para adorar e honrar o corpo do Senhor, unguindo-o com novos aromas.

Não é narrado que a Virgem estivesse presente na sepultura, provavelmente não a deixaram ficar, para que não aumentasse o sofrimento; despediu-se do Filho na entrada do horto e partiu com João. Chegaram à cidade antes que caísse a noite.

A Virgem não presenciou José que *rolou uma grande pedra à entrada do sepulcro e foi-se embora* (Mt 27, 60) com Nicodemos e os outros.

As mulheres voltaram para a cidade *e prepararam aromas e bálsamos. No dia de sábado, observaram o preceito do repouso* (Lc 23, 56).

JESUS DESCE À MANSÃO DOS MORTOS

A porta do céu estava fechada. Com a morte de Jesus rasgou-se o véu e foi aberto o caminho da glória. São Jerônimo diz que *o sangue de Jesus Cristo é a chave do Paraíso; a terra dos homens foi perdida por Adão, mas o novo Adão renovou a terra e a devolveu aos homens.*

Ainda não estava estabelecido o reino dos céus, as almas que haviam morrido ficavam presas em estado de espera. Os méritos de cada alma são diferentes, assim como o lugar onde estavam presas. As que morriam odiando Deus eram levadas para o Inferno, outras com pecados menores ficavam no Purgatório. Mas as almas que tinham pagado suas culpas, com as penas desta vida, não podiam entrar no céu enquanto não fosse saldada a dívida comum da humanidade. O Evangelho narra que as almas justas eram levadas *ao seio de Abraão* (Lc 16, 22), porque neste local, estava o santo patriarca e os que mantinham a fé, continuavam a ser seus filhos.

Antes da morte de Jesus não era possível ver Deus, era necessário que sofressem a pena de esperar. Onde aguardavam é um mistério.²⁶

26. Para maior compreensão ver Catecismo da Igreja Católica. 631-637.

O Evangelho relata que os justos e os condenados ficavam separados. Na parábola o rico avarento foi levado para o inferno e estando no tormento, levantou os olhos e viu bem longe, Abraão e Lázaro. Pediu a Abraão que Lázaro viesse aliviar sua sede e, depois, avisasse seus irmãos que existia o inferno, para que pudessem evitar a condenação, mas Abraão disse que era impossível, pois, *há entre nós e vós um grande abismo, de maneira que, os que querem passar daqui para vós, não podem, nem os de lá passar para cá* (Lc 16, 26).

Quando Jesus morreu na cruz, desceu para libertar as almas dos justos que estavam esperando. Rompeu com as cadeias e resgatou todos os justos.

Muitos foram resgatados para a vida eterna. Havia passado milhares de anos e muitos reis, patriarcas, profetas e anônimos estavam esperando o Messias.

O triunfo foi estrondoso e festejado, porque na cruz foi destruído o império do inferno. Jesus desceu pessoalmente, como Senhor e Rei, para buscar os justos. As almas que pagavam suas dívidas no Purgatório alegraram-se, pois agora estavam mais perto da liberdade e da glória.

O Inferno estremeceu com o triunfo do Redentor, tremeu de ódio e inveja.

Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos (Fl 2, 10).

SÁBADO SANTO

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus permaneciam obstinados, continuavam cegos. Mesmo com a morte do Senhor, prosseguiram com todos os meios para apagar o nome de Jesus da memória de todos.

No entanto, mesmo morto, o temiam. Os discípulos continuavam escondidos por medo. Mas os fariseus e escribas temiam que os discípulos divulgassem que Jesus havia ressuscitado.

Os amigos tinham esquecido da promessa ou não acreditavam que Jesus havia avisado: No terceiro dia ressuscitarei. Mas os inimigos se lembravam bem e temiam. Não podiam permitir que isso acontecesse, porque o povo fatalmente o proclamaria rei. Eles já haviam decidido: *Não queremos que ele reine sobre nós* (Lc 19, 14).

No dia seguinte – isto é, o dia seguinte ao da Preparação –, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus dirigiram-se todos juntos à casa de Pilatos (Mt 27, 62). Ignoraram que fosse sábado e período de Páscoa. O ódio contra Jesus, fez com que não perdessem tempo. Os maiores zeladores da observância do sábado, que se escandalizaram com uma cura neste dia, agora para caluniar um morto não se importavam em

quebrar o preceito da lei. A misericórdia de Jesus curando os enfermos transgredia o sábado, o ódio deles não.

O Evangelho conta que foram até Pilatos. Desta vez não se preocuparam em ficar impuros, não o fizeram descer no pátio e entraram no pretório. Com falsidade, chamaram Pilatos de “senhor”, àquele que desprezavam por ser representante da dominação romana, assim esperavam agradá-lo.

E disseram-lhe: Senhor, nós nos lembramos de que aquele impostor disse, enquanto vivia: depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que seu sepulcro seja guardado até o terceiro dia. Os seus discípulos poderiam vir roubar o corpo e dizer ao povo: Ressuscitou dos mortos. E esta última impostura seria pior que a primeira (Mt 27, 63-64).

Pilatos escutou e percebeu que o ódio continuava o mesmo, ficou pasmado por perceber que nem a morte de Jesus tinha sido suficiente. Mas por prudência era melhor não se indispor com gente tão ardilosa e concordou com o pedido.

Forneceu os soldados, assim não poderiam culpar os romanos por qualquer imprevisto.

Respondeu Pilatos: *Tendes uma guarda. Ide e guardai-o como o entendeis (Mt 27, 65)*, também enviarei alguns de meus soldados para guardar o sepulcro. O Procurador Romano já estava farto deles e de todo aquele assunto. Parece que Pilatos ironizava ocultamente sua crueldade.

Foram, pois, e asseguraram o sepulcro, selando a pedra e colocando guardas (Mt 27, 66). Para ter certeza, eles mesmos foram com os soldados. O sepulcro só tinha uma entrada, somente por ali poderiam roubar o corpo, e sobre ela já estava posta uma pesada pedra. Era relativamente fácil fechar o sepulcro, bastava empurrar a pedra que era redonda, por um declive. Mas para retirar a pedra era preciso fazer o processo inverso, e a pedra era pesada. Como queriam ter absoluta certeza, abriram para ver se o corpo permanecia lá, tendo a confirmação voltaram a fechar e selar a pedra. Por fim distribuíram os soldados, alguns ficaram na porta, e outros circulando, para que ninguém se aproximasse.

Não seria necessário tudo isso, os discípulos estavam dispersos, escondidos e com medo, não tinham a mínima ideia de roubar o corpo. Quando o Senhor ressuscitou teve que buscá-los e mandar chamá-los.

Os judeus estavam preocupados com os discípulos, mas foram os próprios guardas que disseram que Jesus havia ressuscitado naquela manhã.

Santo Atanásio diz: *infelizes e miseráveis judeus! Aquele que quebrou as cadeias da morte, não poderia quebrar os selos da sepultura? Guardaram o sepulcro, selaram a pedra e colocaram soldados, desta maneira engrandeceram a ressurreição; os sentinelas foram testemunhas e divulgadores da Ressurreição do Senhor.*

A VIRGEM MARIA ESPERA A RESSURREIÇÃO

No dia anterior a Virgem tinha deixado o horto com muita dificuldade, pois queria ficar. Provavelmente estava hospedada na casa do amigo, que emprestou a sala para a última ceia de Jesus.

Voltando em direção à cidade, junto de João, passou em frente do Calvário e o coração contraiu-se de dor pela recordação. Começava a anoitecer. Pelas ruas se encontrava nitidamente as marcas do Filho arrastando a cruz, João, percebendo, fez um caminho diferente.

Muitas pessoas a reconheciam como a mãe do crucificado, aquela que estava chorando ao pé da cruz. Pela cidade o comentário ainda circulava, uns concordavam com a sentença, outros defendiam Jesus. João escolheu um trajeto mais tranquilo, para que ela não sofresse escutando todo aquele falatório.

Alguns perguntavam quem era aquela mulher e ficavam com piedade, outros tentavam levar algum consolo. Ela agradecia emocionada e *guardava todas estas coisas no seu coração* (Lc 2, 51).

Chegando à casa, fora da vista de todos, rompeu-se a chorar, viu a mesa que Jesus tinha ceado com os discípulos. Nenhum deles estava mais ali, somente João.

Retirou-se para seu aposento, e ali chorou e rezou, colocou o coração em Deus, preparando-se para o novo dia.

As outras mulheres chegaram à residência e perguntaram por Maria, João avisou que estava repousando e pediu que não a incomodassem.

A Virgem com fé, rezava a Deus e aguardava. Parecia ver o Filho presente, onde na noite anterior tinha se despedido dela. Recordava todo aquele dia de dor: Jesus sendo levado e trazido dos tribunais; Pilatos apresentando-o ao povo, flagelado, coroado de espinhos e ensanguentado. Lembrava da troca de olhares no Calvário; das longas horas ao pé da cruz, vendo-o morrer. Tinha ficado admirada com o silêncio e a obediência do filho; pelo grande amor que demonstrou pelos homens. Vinha à memória cada detalhe e meditava tudo no fundo do coração, essa era sua riqueza. Ouvia os gemidos de dor; as palavras de Jesus na cruz ecoavam; as lágrimas e o sangue derramado pareciam que queimavam o coração. Como queria abraçar Jesus novamente. Breve! Muito em breve!

Como as horas demoravam a passar, rezava ao Pai Eterno que o ressuscitasse. Conhecia a confiança que o Filho tinha no Pai, uma vez escutou: *Eu bem sei que sempre me ouves* (Jo 11, 42). Como acreditava piamente que Jesus ressuscitaria, a dor da alma diminuía e aumentava a esperança de ver em breve seu Filho ressuscitado e poder abraçá-lo novamente.

Começou a se preocupar com os discípulos, queria que eles estivessem presentes na ressurreição de Jesus.

No dia seguinte, sábado, decidiu acabar com a preocupação; com maternal diligência conversou com as amigas, seguidoras de Jesus.

Como sabemos algumas eram mães de discípulos: Salomé, mãe de Tiago e João; Maria de Cleófas, mãe de Tiago menor, José, Simão e Judas Tadeu. Sabendo da covardia deles, decidiram procurá-los. Onde estariam? Talvez João soubesse, talvez a Virgem soubesse onde estava Pedro, pois ele tinha ido pedir perdão.

Todos voltaram para junto da Mãe Santíssima. Estavam felizes e agradecidos pela preocupação da Virgem Maria por eles. Sentiam-se envergonhados e todos pediram perdão pela covardia, pediram também que intercedesse por eles perante Jesus. A Mãe abraçou a todos como se fossem o próprio Filho.

Os apóstolos e discípulos não estavam crentes na Ressurreição de Jesus. A Virgem percebendo a fragilidade em que se encontravam, exortou a todos para que acreditassem. Estava surpresa pela covardia e falta de fé, pois tinham sido escolhidos para conquistar o mundo. Sabia que o Filho os amava; eles mesmos contaram que na noite de quinta-feira, Jesus ordenou para que os soldados os deixassem partir. Na cruz, Maria foi nomeada Mãe de todos eles. Ela também os amava, os amava muito.

Enquanto aguardava o Senhor ressuscitar, ela foi a guardiã desta família. Os protegeu com amor, deu a fé e a

esperança para a Igreja nascente, que estava débil e assustada. Assim nasceu a Igreja: ao abrigo da nossa Mãe.

Todos passaram o sábado junto da Virgem Maria, observando o descanso. Queriam saber tudo o que tinha acontecido depois que abandonaram Jesus. Ela contou que Jesus foi muito maltratado, mas morreu por amor a eles, e que deveriam se animar e crer. Falou que muitos voltaram do Calvário arrependidos e batendo no peito; que o centurião declarou que Jesus era Filho de Deus; e tentou mais uma vez fazê-los crer que amanhã Jesus ressuscitaria.

Mas eles não estavam acreditando ainda, embora não falassem nada para não magoar a Virgem Maria. Ela que tinha se esquecido de si mesma, para acalantar os apóstolos, queria que eles vencessem a debilidade e que não tivessem medo, e insistia: Meu Filho disse que ao terceiro dia ressuscitaria!

Mesmo assim, eles não acreditavam. Ela era a única luz acesa sobre a terra, nossa esperança, em quem tinha nascido a Sabedoria.

Mãe sem temor, Mãe amável, Mãe do bom conselho, Mãe prudentíssima, Virgem forte, Refúgio dos pecadores, Rogai pelos que não acreditam em Jesus Cristo!

A estrela da manhã, esplendorosa de alegria, via como aquelas mulheres caminhavam para o sepulcro, *de manhã cedo, quando ainda estava escuro* (Jo 20, 1).